

Estratégias de microrresistências em ambiente de sala de aula: *agentividades e identidades*



Parmênio Camurça Citó

Letraria 

Estratégias de microrresistências
em ambiente de sala de aula:
agentividades e identidades

Parmênio Camurça Citó

Estratégias de microrresistências
em ambiente de sala de aula:
agentividades e identidades

Araraquara
Letraria
2021

Estratégias de microrresistências
em ambiente de sala de aula:
agentividades e identidades

PROJETO EDITORIAL
Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Letraria

CAPA
Letraria

REVISÃO
Letraria

CITÓ, Parmênio Camurça. **Estratégias de microrresistências em ambiente de sala de aula: agentividades e identidades.** Araraquara: Letraria, 2021.

ISBN: 978-65-86562-44-6

1. Agentividade. 2. Identidade. 3. Microrresistências. 4. Sala de aula.

CDD: 410 - Linguística

O texto aqui publicado é de inteira responsabilidade de seu autor.
Este *e-book* ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio, sem autorização escrita do autor.

Conselho editorial

Eliane G. Lousada (USP)

Luciane de Paula (UNESP)

William Manzan (UFTM)

| Sumário

Contextualizando a abordagem e o objeto de análise	7
Capítulo 1: Uma abordagem de escalas-em-interação no estudo de agentividades e identidades	14
Capítulo 2: Decisões performáticas e o elaborado trabalho de construção de agentividades e identidades	33
Capítulo 3: A construção de agentividades e identidades: o caso da sala de aula de inglês língua adicional (ILA)	67
Capítulo 4: Sobre heterogeneidades de expectativas e interesses de agentes-em-interação	138
Referências	145
Glossário	160
Sobre o autor	163
Apêndice – convenções de transcrição	164

| Contextualizando a abordagem e o objeto de análise

O estudo de agentividades¹ e identidades em um ambiente de sala de aula, realizadas por meio de decisões performáticas compreendidas como estratégias de negociação de posturas discursivas por parte dos alunos², se mostra relevante ante a possibilidade de um melhor conhecimento de como se dá o embate de valores socioculturais numa perspectiva de micro-resistências a relações de poder presentes nesse tipo de ação social. A linguagem como uma construção dialógica e intersubjetiva, atrelada à natureza interacional da ação social, é tomada como pressuposto para a análise das agentividades e identidades no ambiente de fala institucional em uma sala de inglês língua adicional³ (ILA) – turma do 6º ano do ensino fundamental em uma escola pública. Com essa compreensão, explica-se a relação entre componentes de escalas locais e translocais como recursos indiciais na conformação das decisões performáticas. Parte-se dos alinhamentos⁴ na ação situada com vistas à análise do papel desses na conformação de agentividades e identidades, considerando-se a mediação de artefatos – câmera filmadora (câmera) e gravador de voz (gravador) – utilizados como ferramentas de um trabalho de pesquisa desenvolvido nesse ambiente⁵. Com essa abordagem, procuro mostrar, de forma instanciada e sistematizada, como os participantes marcam discursivamente suas orientações para a dinâmica interacional nas agentividades e identidades performadas, e dos efeitos advindos dessas agentividades e identidades na ação social; quiçá, para além de interações em ambientes do tipo e para além de ações em contexto institucional de sala de aula!

1 Uso corrente em trabalhos na perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica (Cf. GARCEZ, 2008) com sentido de identidades de agente; correlato à agência.

2 A marcação dos gêneros não está sendo observada no texto principal. Por sua vez, é explicitada no texto da análise compondo as informações sobre o código usado para a identificação dos participantes: abreviatura dos nomes/**gênero** [masculino-**M**/feminino-**F**] e a ocupação/**gênero** dos demais participantes – Professor-Prof**M**, Cuidadora-Cdr**F**, Pesquisador-Pqdr**M**.

3 Sigo Margarete Schlatter e Pedro Garcez (2009) e Vilson Leffa e Valesca Irala (2014) para o conceito de língua adicional, o qual se afilia à epistemologia que entende a aprendizagem (inclusive de línguas) como um processo sociocognitivo de “acrécimo” a conhecimentos já adquiridos. Ciente de e atento a argumentações sobre complexidades implicadas na denominação “língua estrangeira” (Cf. CELADA; PAYER, 2016), em relação a “apagamentos” com a preferência pela denominação “língua adicional”, prefiro essa denominação àquela por convergência a pressupostos da ACE assumidos nessa abordagem. Denominações de língua estrangeira são mantidas, caso apareçam em notas transcritas, como forma de preservar o texto original (Cf. LOPES-PERNA; SUN, 2011; ROTTAVA; M. DA SILVA, 2012; e DA SILVA, 2015, para a mesma terminologia língua adicional, na mesma direção de acréscimo, embora com outro entendimento; ALMEIDA FILHO, 2015, sobre processo de *desestrangeirização* na aprendizagem de línguas.)

4 O termo *alinhamento* está relacionado a micro-orientações que indexam decisões performáticas dos participantes como forma de diferenciá-lo do uso do termo *orientações*, que se relaciona a macro-orientações. Porém, a partir da observação de Ana Paula M. Duboc (a quem sou imensamente grato) para possíveis mal entendimentos com o uso do termo “alinhamento”, considerando-se perspectivas pós-modernas e decoloniais, refiro-me, a partir de então, ao seu uso como *condutas*, seguindo Emanuel Schegloff (2006).

5 Essa pesquisa é referida em Citó (2020 – Decisões performáticas em ambiente de sala de aula: uma abordagem de escalas sociolinguísticas em ação, disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/192318>).

Ao considerar a noção de elaboração de um complexo de identidades (BLOMMAERT⁶; LI; BLOMMAERT, 2017) na conformação das decisões performáticas a partir dos modos como os participantes marcam discursivamente suas orientações, diferentes configurações de papéis e práticas discursivas (inclusive práticas pedagógicas) no ambiente de sala de aula são descritas em uma perspectiva crítica do ponto de vista de sujeitos “uniformes” e a papéis e práticas discursivas “estabilizadas” na composição de práticas desses tipos em ambiente (institucional) de aprendizagem.

Na perspectiva de uma heurística empírica de conduta situada para a análise das decisões performáticas, como uma abordagem diferente para a análise de agentividades- e identidades-em-interação em ambiente de fala institucional de sala de aula (ou para além de ambiente desse tipo), ressalte-se a originalidade dessa proposta. Observam-se estudos que tratam da natureza interacional na construção de agentividades e identidades como fenômeno relacional e situado em contextos institucionais de ensino e aprendizagem, nos quais se verificam menor (CAMPOS, 2018; FORTES, 2009) ou maior grau (ABELED, 2008; ALMEIDA, 2009; ÁLVARES, 2016; LOPES, 2015) de convergência com a análise que apresento. O estudo de Campos (2018 – Competência simbólica no ensino-aprendizagem de língua inglesa) traz uma discussão sobre escalas sociolinguísticas. Apesar de Campos (2018) tratar de escalas sociolinguísticas, ao se referir a escalas temporais em Blommaert (2005), para sua discussão de des/sincronização e simultaneidade estratificada de discursos (me refiro a essa última como simultaneidade multiescalar), observo pouca convergência entre seu objeto de estudo – a percepção de questões simbólicas de poder em textos apresentados por alunos (cartazes, letras de músicas, peças de teatro, dentre outras modalidades) – e o que trago nessa análise; inclusive, pela abordagem de escalas temporais no estudo de Campos (2018), se comparada à perspectiva de escalas espaçotemporais, segundo a noção de cronotopos (BAKHTIN⁷), que apresento. O estudo de Fortes (2009 – Uma compreensão etnometodológica do trabalho de fazer ser membro na fala-em-interação de entrevista de proficiência oral em português como língua adicional) converge com o estudo que apresento na perspectiva de pressupostos da ACE, embora não relacionado ao ambiente institucional de sala de aula.

Sobre os estudos na perspectiva da natureza interacional na construção de identidades como fenômeno relacional e situado em contextos institucionais de ensino e aprendizagem, o estudo de Margarida Álvares (2016 – Aspectos culturais da e na fala-em-interação: análise da conversa etnometodológica aplicada à aula de espanhol como língua estrangeira) propõe “analisar os aspectos culturais na fala-em-interação a partir de categorias de intersubjetividade e reflexividade” (ÁLVARES, 2016, p. 22). Ao considerar a afirmação de que “os conhecimentos

⁶ A referência genérica a trabalhos de Blommaert se dá a seus primeiros trabalhos (2005, 2010) e a trabalhos recentes que trazem “atualizações” a partir daqueles em relação à natureza semiótica na abordagem de escalas sociolinguísticas e à perspectiva de “reimaginação sociológica” (2019a, 2018a/b/c; BLOMMAERT; WESTINEN; LEPPÄNEN, 2015).

⁷ A referência genérica a Bakhtin se dá aos seguintes trabalhos: 1981; 1993; 2011 [1979].

culturais compartilhados não se referem a conhecimentos específicos de uma pessoa, mas a um conhecimento construído na fala-em-interação que faz parte de um conhecimento que é compartilhado e produzido na e pela sociedade” (ÁLVARES, 2016, p. 20), identifiquei uma perspectiva dialógica e intersubjetiva na noção do “conhecimento construído na fala-em-interação”, em seu aspecto situado, associado ao caráter intersubjetivo, e sua conformação como “conhecimento que é compartilhado e produzido na e pela sociedade”, em seu aspecto relacional, associado ao caráter dialógico. Porém, para além da identificação de uma consideração da ideia dialógica na afirmação de Álvares, pela abordagem situada da análise apresentada no estudo da “intersubjetividade interacional” associada à noção de fazer-em-interação, não observei uma abordagem dialógica na explicação de recursos indiciais para além dos elementos referenciados na interação situada. Esse mesmo tipo de abordagem é observado nos estudos de María Abeledo (2008), Alexandre Almeida (2009) e Marcela Lopes (2015), por afiliação direta à ACE, que não considera a explicação instanciada e sistematizada de recursos indiciais para além dos elementos referenciados na interação situada, nos moldes que apresento nessa análise.

Ao reconhecer a importância dos estudos apresentados para essa discussão, verifico que agentividades e identidades não têm sido objetos de análise nos termos que as considero, ou seja, imbricadas e como fenômeno situado e relacional na conformação de decisões performáticas. O que implica observar como os modos de realização das agentividades- e identidades-em-interação se relacionam às limitações e implicações de suas realizações para a dinâmica da interação em questão. Isso significa descrever os procedimentos que definem a relevância discursiva que os participantes da interação demonstram para as agentividades e identidades, suas e de outros, e as implicações dessas agentividades e identidades para as ações e práticas na construção da ação-social-em-interação sob foco. Para além da não contemplação da perspectiva dialógico-intersubjetiva como pressuposto teórico-metodológico para as análises realizadas, a perspectiva da complementaridade de pressupostos da ACE e da Teoria de Escalas para o estudo de agentividades e identidades também não foi verificada nesses estudos.

Para a conformação das decisões performáticas, ela se explica pela relação entre condutas-em-interação (*alignments-in-action* em ATKINSON; CHURCHILL; NISHINO; OKADA, 2007) dos participantes e recursos de indicação, tanto de escalas locais quanto translocais, com base em relevâncias discursivas – falas, gestos, posturas corporais, direcionamentos do olhar, posicionamentos etc. –, e implicações destas relevâncias na ação social. Decisões performáticas são vistas como instâncias de agentividades e identidades performadas ao pressuporem-se os construtos da complementaridade, na orientação a recursos indiciais situados e dialógicos, e da operacionalidade de elementos do repertório de agentividades e identidades dos agentes, na conformação de trajetórias para a construção de agentividades como performances de identidades. A construção das agentividades e identidades se explica ao tomarem-se pressupostos teórico-metodológicos da Abordagem das Escalas Sociolinguísticas, complementarmente com

pressupostos da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE). Com essa complementaridade, busco demonstrar a orientação de condutas em decisões performáticas por meio da análise dos recursos de indicação de escalas locais e translocais que orientam tais decisões. Dessa ideia de complementaridade entre recursos indiciais situados e dialógicos na orientação das condutas, apresento a abordagem de escalas sociolinguísticas em ação, doravante abordagem de escalas-em-interação. A abordagem de escalas-em-interação “combina a questão sobre escalas – um conceito notoriamente abstrato e difícil de demonstrar no comportamento real – com uma teoria da ação, convertida em uma heurística empírica de conduta situada em que os participantes apresentam orientações policêntricas claras”⁸.

A abordagem de escalas-em-interação, seguindo essa perspectiva de uma heurística empírica de conduta situada, explica a conformação de elementos (multi) culturais como recursos de indicação às agentividades e identidades performadas na sala de aula como uma abordagem sobre a ordem indicial de recursos i/materiais na construção de sentidos-em-interação. Pretende-se uma abordagem sobre a ordem interacional da comunicação intersubjetiva, com base em construtos da ACE (GARFINKEL, 1967; GARCEZ, 2006; 2008; GOFFMAN⁹; SCHEGLOFF¹⁰), ao mesmo tempo que se projeta uma complementaridade com a Teoria de Escalas (BLOMMAERT; CANAGARAJAH¹¹) para a explicação do caráter dialógico (BAKHTIN; BLOMMAERT) na conformação dos recursos de indicação para as decisões performadas. A heurística empírica de conduta situada é demonstrada em orientações policêntricas em condutas estratégicas relacionadas a caracteres panóptico (*panopticism* em FOUCAULT¹²) e anômico (*anomie* em DURKHEIM¹³) conformadores de uma natureza supranormativa atribuída pelos participantes à presença dos dispositivos de gravação. A caracterização das agentividades e identidades observadas se dá pela análise das condutas ao considerar o caráter dinâmico de turnos-em-interação multimodais (*multimodal turns-in-interaction* em MONDADA, 2007, 2013) configurando agentividades e identidades discursivamente marcadas como relevantes para a dinâmica da comunicação interacional. Condutas-em-interação são movimentos de agentividades e identidades como efeitos sociais reais e concretos de interações situadas (BLOMMAERT) e se referem a tomadas de posição dos agentes-em-interação.

8 Afirmação de Jan Blommaert oriunda de conversas sobre a análise dos casos trazidos aqui e apresentados como parte de uma experiência de estágio sanduíche realizado na Universidade de Tilburg, Holanda, com financiamento da CAPES/MEC (PDSE - 88881.190050/2018-01).

9 A referência genérica a trabalhos de Goffman se dá aos trabalhos: 1976, 1983a/b, 1998a [1964/1972], 1998b [1979]. Goffman (1971) aparece transversalmente a partir de referências de outros autores.

10 A referência genérica a trabalhos de Schegloff se dá aos trabalhos: 1992, 1996, 1997, 1999, 2002, 2006, 2007a/b; Schegloff, Jefferson e Sacks (1977); Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]).

11 A referência genérica a trabalhos de Canagarajah se dá aos trabalhos: 2012, 2013a/b; Canagarajah e De Costa (2016).

12 A referência genérica a trabalhos de Foucault acerca da noção do panóptico se dá aos trabalhos: 2001 [1977] e 2013 [1975].

13 Para a noção de anomia elaborada por Durkheim, a partir de sua argumentação sobre a consciência moral das sociedades, são referidos, genericamente, os trabalhos: 2001 [1894], 2002 [1934], 1999 [1893] e 2000 [1897].

No que concerne à contextualização do objeto da análise trazida, observa-se uma natureza interdisciplinar na abordagem de escalas-em-interação para a análise das agentividades e identidades no ambiente de fala institucional da sala de aula de ILA. Essa natureza interdisciplinar é compreendida na interface entre as áreas da Educação, da Linguística Aplicada e da Sociolinguística, dados os pressupostos adotados. Vejo como “principal” afiliação a que se dá à Sociolinguística na perspectiva da Sociolinguística Interacional pelas questões que envolvem identidade e linguagem na construção da ação social¹⁴. Ao mesmo tempo, afiliações transversais não menos relevantes se relacionam às áreas da Linguística Aplicada e da Educação: à Linguística Aplicada pelas questões sobre o ensino e a aprendizagem de línguas em ambiente de sala de aula na perspectiva da interseccionalidade entre papéis interacionais e agentividades e identidades na construção de comunicação orientada à aprendizagem; e à Educação, na perspectiva da complementaridade entre questões sobre ensino e aprendizagem e agentividades e identidades pelo foco em agentividades e identidades e efeitos de suas realizações na construção de práticas pedagógicas em ambiente de sala de aula.

A partir dessa natureza interdisciplinar, projetam-se novos *insights* teóricos e metodológicos para o estudo de componentes de escalas locais e translocais na configuração de agentividades e identidades em ambiente de fala institucional de sala de aula (quiçá, para além de ambiente desse tipo!). A discussão sobre a natureza de simultaneidade multiescalar em orientações atribuídas a potenciais observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos na construção de agentividades e identidades exemplifica a projeção desses novos *insights*. A abordagem de escalas-em-interação, na mesma ideia da projeção de novos *insights* teóricos e metodológicos a partir da proposta de complementaridade entre pressupostos da ACE e da Teoria de Escalas, corrobora afirmação de Luiz Paulo da Moita Lopes sobre a “necessidade de novas ferramentas teórico-analíticas para lidar com fenômenos típicos de como a linguagem é usada no mundo contemporâneo” (MOITA LOPES, 2013, p. 229) ao se referir a travessias intercambiáveis entre a Linguística Aplicada e a Sociolinguística realizadas por estudiosos para a compreensão de temas relacionados à modernidade recente (nos termos de MOITA LOPES). A importância da discussão sobre agentividades e identidades nos termos da interdisciplinaridade se verifica ao considerá-las imbricadas, e como fenômeno situado e relacional, na conformação das decisões performáticas. O que implica observar como os modos de realização das agentividades e identidades se relacionam às limitações e implicações de suas realizações para a dinâmica da interação. Isso significa descrever os procedimentos que definem a relevância discursiva que os participantes da interação demonstram para as agentividades e identidades performadas, suas e de outros, e as implicações dessas agentividades e identidades para as ações e práticas na construção da ação social.

14 Branca T. Ribeiro e Garcez (1998), Luiz Paulo da Moita Lopes (2013) e Ben Rampton (2017) trazem discussões sobre a Sociolinguística (Interacional) e sua interdisciplinaridade com áreas como a Antropologia, a Linguística Aplicada, a Sociologia, dentre outras.

Na expectativa de diferentes configurações de papéis e práticas discursivas em ambientes de aprendizagem, almeja-se que as discussões aqui levantadas possam orientar discussões do tipo em contextos de formação de professores. Espera-se, ainda, que essas discussões promovam novos papéis e práticas discursivas nas quais alunos participantes de ações em ambiente de sala de aula caminhem na direção da afirmação de Paulo Freire de que “o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o ‘imuniza’ contra o poder apassivador do ‘bancarismo’” (FREIRE, 1996, p. 25). A capacidade de arriscar-se e aventurar-se e a noção de agentividades como tomadas de posição (decisões performáticas) são entendidas como relacionadas. Como Freire, por meio dos novos papéis e práticas discursivas observados, espero contribuir para a construção de uma escola que promova configurações de papéis e práticas libertadoras. Com base na compreensão de um componente estratégico na negociação de posturas discursivas por parte dos alunos em suas decisões performáticas, a realização de agentividades como a capacidade de se posicionar como sujeito, dependente de condições local e translocalmente negociadas, é fulcral na busca de uma nova configuração de papéis e práticas em situações de fala-em-interação de sala de aula. Essa nova configuração corrobora a afirmação de Freire sobre aguçar a curiosidade e estimular a capacidade do educando de arriscar-se, de aventurar-se.

Com vistas a uma melhor compreensão da construção da ação comunicativa no ambiente da sala de aula de ILA, considerando orientações à presença dos artefatos, busco mostrar, de forma instanciada e sistematizada, como os participantes dessa construção tornam relevantes suas orientações para a dinâmica interacional. Dessarte, o ímpeto argumentativo para essa discussão se compõe de natureza teórico-metodológica ao se orientar na direção da afirmação de Jan Blommaert sobre a proposta da abordagem de escalas-em-interação, qual seja, de uma teoria da ação, convertida em uma heurística empírica de conduta situada. Na direção dessa heurística empírica, o ímpeto principal se dá na apresentação de um modo de análise da relação entre recursos de indicação de escalas locais e translocais para decisões performáticas como forma de “iluminar” fazeres profissionais e discussões sobre papéis de participantes em interações comunicativas.

No Capítulo 1 – UMA ABORDAGEM DE ESCALAS-EM-INTERAÇÃO NO ESTUDO DE AGENTIVIDADES E IDENTIDADES –, são problematizados construtos teórico-metodológicos que dão suporte à abordagem de escalas-em-interação com base na perspectiva dialógico-intersubjetiva no estudo de agentividades e identidades situadas. Como parte dessa problematização, são trazidos conceitos fundantes para a análise dos fenômenos em discussão: decisões performáticas na construção da ação comunicativa, considerando-se agentividades e identidades conformadas pela presença dos artefatos. Discorro, ainda, sobre construtos que conformam a abordagem de escalas-em-interação ao se detalharem as naturezas multienquadrada e multidimensional da interação, bem como discuto o caráter policêntrico na construção da comunicação interacional.

No Capítulo 2 – DECISÕES PERFORMÁTICAS E O ELABORADO TRABALHO DE CONSTRUÇÃO DE AGENTIVIDADES E IDENTIDADES –, termos e métodos que embasam a proposta da abordagem de escalas-em-interação são explicitados na perspectiva da complementaridade entre a ACE e a Teoria de Escalas ao se definirem conceitos utilizados para a explicação do elaborado trabalho de construção das decisões performáticas. Abordo a noção de trajetória de condutas, ao mesmo tempo em que detalho o componente estratégico em condutas-em-interação. Por fim, problematizo uma “improdutiva” relação dicotômica entre os caracteres intersubjetivo e dialógico; ao menos em relação aos casos apresentados. Ao final, são apresentadas informações sobre o desenho teórico-metodológico para a análise das agentividades e identidades por meio da abordagem de estudo de caso microetnográfico.

No Capítulo 3 – A CONSTRUÇÃO DE AGENTIVIDADES E IDENTIDADES: O CASO DA SALA DE AULA DE INGLÊS LÍNGUA ADICIONAL (ILA) –, analiso a construção de agentividades e identidades na ação social. Discorro sobre as naturezas multienquadrada e multidimensional da interação na conformação de decisões performáticas e sobre a simultaneidade multiescalar no trabalho de organização da comunicação interacional. Abordo a questão da presença dos artefatos como indiciadores socioculturais para as decisões performáticas, juntamente com a descrição da conformação das condutas associadas, na perspectiva de complexos de agentividades e identidades. Apresento instâncias de condutas-em-interação que conformam trajetórias de identidades, que corroboram a elaboração de complexos de agentividades e identidades, ao associá-las à noção de elaboração de complexos de identidades julgados para decisões efetivamente performadas. Trato, ainda, sobre recursos e modelos normativos de comportamento (*microhegemonies* em BLOMMAERT, 2017, 2018a) na construção das agentividades e identidades por meio da discussão sobre padrão normativo naturalizado em interações comunicativas na ação social. Discuto a ideia de componente estratégico associado à presença dos artefatos em decisões performáticas de dois tipos: de resistência a relações de poder hegemônicas; e de enfrentamento à natureza anômica dessa presença. Por fim, discuto a natureza supranormativa da presença dos artefatos, que permeia toda a análise da configuração das decisões performáticas e conforma o componente estratégico das condutas-em-interação associadas a essa presença.

No Capítulo 4 – SOBRE HETEROGENEIDADES DE EXPECTATIVAS E INTERESSES DE AGENTES-EM-INTERAÇÃO –, aponto para a importância de estudos complementares acerca da compreensão de agentividades e identidades na construção de aprendizagens em sala de aula; e para além. Busco relacionar a ideia de uma natureza supranormativa a potenciais estudos sobre decisões performáticas na perspectiva de estudos transdisciplinares para além dos que dão suporte à análise apresentada. Para fechar a argumentação, apresento *algumas breves considerações* sobre potenciais interfaces de pesquisas a partir da abordagem de escalas-em-interação.

Capítulo 1

Uma abordagem de escalas-em-interação
no estudo de agentividades e identidades

Neste capítulo, para o detalhamento da abordagem de escalas-em-interação como uma abordagem sobre a ordem indicial de recursos i/materiais na construção de sentidos-em-interação, contextualizo teórico-metodologicamente a discussão de agentividades e identidades. Discorro sobre as naturezas multienquadrada e multidimensional, bem como sobre o caráter policêntrico na construção da ação social.

Contextualizando a discussão sobre agentividades e identidades

A compreensão da linguagem como construção dialógica e intersubjetiva, atrelada à natureza interacional da ação social, é pressuposto para a análise das agentividades e identidades no ambiente da sala de aula. A proposta da abordagem sobre a ordem interacional (*interactional order* em GOFFMAN) de comunicações dialógicas e intersubjetivas toma construtos da ACE (GARFINKEL, 1967; GARCEZ, 2006, 2008; GOFFMAN; SCHEGLOFF) em complementaridade com construtos da Teoria de Escalas (BLOMMAERT; CANAGARAJAH). A análise das agentividades e identidades nas decisões performáticas dos participantes se situa no campo da discussão de agentividades e identidades em contexto de conversa. A conversa institucional de sala de aula é vista como originada a partir da conversa cotidiana. Nesse sentido, vê-se a afirmação de Emanuel Schegloff (1996, p. 54, tradução nossa):

[...] para os humanos, a fala-em-interação parece ser uma destacada forma desse constituinte primário da vida social [interação conversacional em copresença física ou mediada por aparato tecnológico] e a conversa cotidiana é muito provavelmente a forma básica de organização da fala-em-interação. A interação conversacional pode ser pensada como uma forma de organização social através da qual o trabalho da maioria, se não de todas as principais instituições das sociedades – a economia, a política, a família, a socialização etc. –, é realizado¹⁵.

O entendimento de Schegloff é corroborado por Paul Drew e John Heritage (1992, p. 19), ao tratarem da relação entre as conversas institucional e cotidiana:

[...] as formas básicas da fala ordinária constituem um tipo de referência pelo qual outros tipos de interação mais formais ou “institucionais” são reconhecidos e experienciados. Explícito nessa perspectiva está a visão de que outras formas de interação “institucional” terão variações e restrições sistemáticas em suas atividades e desenhos relacionados à conversa cotidiana¹⁶.

15 No original: “For humans, talking in interaction appears to be a distinctive form of this primary constituent of social life, and ordinary conversation is very likely the basic form of organization for talk-in-interaction. Conversational interaction may be thought of as a form of social organization through which the work of most, if not all, the major institutions of societies – the economy, the polity, the family, socialization, etc. – gets done.”. *As traduções aqui apresentadas foram feitas por este autor à exceção das marcadas com respectivo autor.

16 No original: “Thus the basic forms of mundane talk constitute a kind of benchmark against which other more formal or “institutional” types of interaction are recognized and experienced. Explicit within this perspective is the view that other “institutional” forms of interaction will show systematic variations and restrictions on activities and their design relative to ordinary conversation”.

A conversa cotidiana é vista, portanto, como matriz interacional da qual as demais se originam e se diferenciam, constituindo outras formas de conversa. Drew e Heritage (1992, p. 22) apresentam os elementos constitutivos da conversa institucional, da qual a comunicação interacional em sala de aula é uma dentre outras formas, nos seguintes termos:

1. A interação institucional envolve uma orientação por parte de, pelo menos, um dos interagentes para alguma meta, tarefa ou identidade fulcral (ou conjunto delas), convencionalmente associada à instituição em questão. Em suma, a conversa institucional é normalmente informada por *orientações para metas* de caráter convencional relativamente restrito. 2. A interação institucional pode amiúde envolver *limites especiais e particulares* quanto àquilo que um ou ambos os participantes vão tratar como contribuições admissíveis ao que está sendo tratado na ordem do dia. 3. A interação institucional pode ser associada a *arcabouços inferenciais* e procedimentos que são peculiares a contextos institucionais específicos¹⁷.

Sobre arcabouços inferenciais e procedimentais, Jan-Petter Blom e John Gumperz (1998 [1972], p. 33) se referem a eles como “a totalidade de recursos linguísticos de que cada falante pode lançar mão em interações sociais relevantes”. Tais arcabouços compõem o repertório linguístico-discursivo dos participantes na interação institucional na sala de aula como um dos três elementos constitutivos da conversa institucional apresentados por Drew e Heritage. Padrões de organização da comunicação na sala de aula característicos da conversa cotidiana são observados em enquadramentos interacionais estratégicos nos quais condutas-em-interação de participantes se orientam, por exemplo, à preocupação com a imagem captada pela câmera (*care of the selfie*¹⁸ em LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a). Tais condutas são tomadas como estratégicas dadas as moralidades associadas às normas concernentes à vida social na sala de aula. Nesse caso específico, o componente estratégico nas condutas é visto como formas criativas e produtivas de negociar identidades na ação social, com pouca potencialidade para tal – informada por orientações para metas de caráter [normativo e moral] convencional relativamente restrito (DREW; HERRITAGE, 1992, p. 22; cf. item 1) – em função do caráter anômico atribuído à presença dos artefatos. Em analogia à elaboração criativa e produtiva por Blommaert para a noção de anomia em Émile Durkheim, compreende-se o valor estratégico das agentividades e identidades como formas de criar e produzir papéis alternativos àqueles estabilizados na construção da comunicação interativa. Formas criativas e produtivas associadas a potenciais orientações à presença dos artefatos, de certo modo, corroboram a argumentação sobre limites especiais e particulares quanto àquilo que um ou ambos os participantes vão tratar como contribuições admissíveis ao que está sendo tratado na ordem do dia (DREW; HERITAGE,

17 No original: “1. Institutional interaction involves an orientation by at least one of the participants to some core goal, task or identity (or set of them) conventionally associated with the institution in question. In short, institutional talk is normally informed by goal orientations of a relatively restricted conventional form. 2. Institutional interaction may often involve special and particular constraints on what one or both of the participants will treat as allowable contributions to the business at hand. 3. Institutional talk may be associated to inferential frameworks and procedures that are particular to specific institutional contexts” (Tradução de GARCEZ, 2006).

18 A referência de Li e Blommaert a “the care of the selfie” parafraseia Foucault (1986).

1992, p. 22; cf. item 2). O componente estratégico, e agentivo, das decisões performáticas é verificado como parte da negociação desses limites na construção da ordem interacional na comunicação na sala de aula, considerando-se a potencialidade de condutas-em-interação dada a ordem do dia – primeiro dia de registros audiovisuais. O caráter de supranormatividade na configuração das condutas para as agentividades e identidades performadas relaciona essa ordem do dia à presença dos artefatos.

Agentividades e identidades em contextos de fala-em-interação institucionais têm sido consideradas como categorias de análise, como um desdobramento de questões relacionadas com identidades sociais macro. Segundo essa perspectiva, categorias sociais macro (e.g. relacionadas a gênero, origens geográficas ou papéis institucionais de participantes etc.) seriam definidoras de ações e práticas discursivas nos diversos contextos interativos. Contrapondo-se a essa orientação, observam-se estudos nos quais ações e práticas discursivas realizadas em cada contexto de interação orientariam a construção de identidades, podendo ou não reforçar traços de identidades sociais macro e, por conseguinte, respectivas relações de poder¹⁹. Alan Firth e Johannes Wagner, em artigo sobre a aprendizagem de línguas (segunda e estrangeira), ao considerarem as perspectivas de identidades situadas e de identidades sociais macro e se posicionando ao lado dos que defendem o primeiro tipo, argumentam sobre a reelaboração de conceitos na pesquisa em aquisição de segunda língua (ASL), em especial, com relação à clássica dicotomia entre identidades “padrão”, no caso, falante nativo/não-nativo:

[...] a [Análise da Conversa], com sua ênfase na construção situacional de relevâncias contextuais irremediavelmente móveis definidas pelos participantes, com seu compromisso com a explicação microanalítica de encontros naturais (em vez de experimentais) e uma sensibilidade êmica (centrada no participante) para “o que está acontecendo”, nos levou a ver que nossos participantes não eram defensavelmente – isto é, para nós, emicamente – identificáveis como participantes, aprendentes ou mesmo falantes não-nativos – as categorias padrão de identidade da ASL²⁰. (FIRTH; WAGNER, 2007, p. 801).

Esses autores trazem uma crítica à perspectiva de cima para baixo, *downwards* nos termos de David Block (2013), que considera identidades sociais macro como determinantes na definição de práticas discursivas em contextos de aprendizagem de línguas. Sobre essas categorias sociais macro (novamente, falante nativo/não-nativo), eles complementam:

19 Alan Firth e Johannes Wagner (1997) provocam uma discussão entre estudiosos alinhados a essas duas correntes teóricas. Alinhados à perspectiva situada nos estudos de identidades: Anthony Liddicoat (1997), Rampton (1997), Joan K. Hall (1997) e Karin Aronsson (1998); à perspectiva centrada em identidades sociais macro: Gabriele Kasper (1997), Michael Long (1997), Nanda Poulisse (1997) e Susan Gass (1998). Para estudos mais recentes, na perspectiva das identidades situadas: David Block (2007; 2013), Fernanda Dias e Inés Miller (2009), Firth e Wagner (2007), Neiva Jung e Garcez (2007); na perspectiva de identidades sociais macro: Jean Wong (2000a/b).

20 No original: “CA, with its emphasis on the socially achieved construction of irredeemably motile, participant defined contextual relevancies, its commitment to the microanalytic explication of naturally occurring (rather than experimental) encounters, and an emic (participant-centered) sensitivity to “what’s going on”, led us to see that our participants were not defensibly – that is, to us, emically – identifiable as participants, learners, or even nonnative speakers – the standard identity categories of SLA”.

[...] no mínimo, tais categorias, de maneira clara, eram não-relevantes supranormativamente: esses indivíduos também eram, variadamente, vendedores, compradores, amigos, conhecidos de negócios, consumidores e clientes. A identidade, aprendemos, era uma característica móvel, liminar e adquirida na interação²¹. (FIRTH; WAGNER, 2007, p. 801).

Observa-se na argumentação de Firth e Wagner a referência à noção de repertórios de identidades – esses indivíduos também eram, variadamente, vendedores, compradores, amigos, conhecidos de negócios, consumidores e clientes –, que podem ser interpeladas no trabalho de construção das identidades. Vê-se uma relação na conformação das identidades com o caráter dialógico, em seus aspectos relacional e intersubjetivo – móvel, liminar e adquirida na interação –, considerando o julgamento de potenciais identidades representadas e interpeladas (HALL, 2006 [1992]) nas decisões performadas.

Mary Bucholtz e Kira Hall mostram a distinção entre valores atribuídos à identidade nas duas orientações epistemológicas ao defenderem “o valor analítico de abordar a identidade como um fenômeno relacional e sociocultural que emerge e circula em contextos de interação discursiva locais, em vez de uma estrutura estável localizada primordialmente na psique individual ou em categorias sociais fixas”²² (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 585). As autoras reforçam a necessidade de utilização de construtos analíticos que privilegiem um ponto de vista êmico (*participant-centered* nos termos de FIRTH e WAGNER, 1997, 2007) na concepção do papel das identidades. O alinhamento ao ponto de vista êmico nessa análise pode ser visto na perspectiva da elaboração das agentividades e identidades performadas por meio das decisões performáticas, conforme condições, condutas e orientações, a partir da relevância discursiva – fala, gesto, postura corporal, direcionamento do olhar, posicionamento etc. – que os mesmos atribuem a esses movimentos e das implicações para a dinâmica das ações na interação para a análise dos fenômenos: decisões performáticas na ação comunicativa, considerando-se as agentividades e identidades conformadas pela presença dos artefatos²³.

Apresento, a título de introdução à abordagem de escalas-em-interação, uma discussão sobre agentividades e identidades na linha do entendimento sobre o trabalho estratégico da elaboração de agentividades e identidades, ao questionar a argumentação de Pedro Garcez

21 No original: “At the least, such categories were clearly not omnirelevant: These individuals were also, varyingly, sellers, buyers, friends, business acquaintances, customers, and clients. Identity, we had learned, was a motile, liminal, achieved feature of the interaction”.

22 No original: “We argue for the analytic value of approaching identity as a relational and sociocultural phenomenon that emerges and circulates in local discourse contexts of interaction rather than as a stable structure located primarily in the individual psyche or in fixed social categories”.

23 Sobre a perspectiva êmica, com relação a estudos sobre a interação comunicacional em contextos escolares, Schlatter, Garcez e Scaramucci (2004) e Garcez (2006) argumentam acerca da pertinência em considerar agentividades como desdobramento de questões relacionadas com identidades sociais macro ao questionarem a relevância que tais identidades teriam na interação e até mesmo na aprendizagem, dependendo da função discursiva em questão. O ponto central, para eles, e para essa análise, não seria a diferença entre os saberes que caracterizariam os falantes, mas como esses saberes estariam sendo realizados visando às metas da interação em questão.

(2008, p. 30) (sob a ótica da ACE) de que o trabalho interacional de reparar²⁴ que, quando se percebe elemento potencial para tal, pode ser desconsiderado; “para todos os efeitos práticos (isto é, para a realidade interacional, intersubjetiva), uma fonte de problema não terá existido”. O questionamento se dá por entender que uma decisão performática no nível local da ação interacional – a realidade interacional, intersubjetiva, nos termos de Garcez –, supostamente não-problemática (sem potencial para gerar reparo), pode, por exemplo, ser o resultado da trajetória das experiências entre os participantes. De tal sorte, com implicações na forma como os participantes lidam com os discursos de outrem, considerando-se a projeção de experiências futuras, imediatas ou não, conforme a decisão de reparar ou não.

Vejo tal decisão, se tomada por alunos em contexto de interação em sala de aula, como estratégica no sentido de evitar futuros problemas na relação com os professores, considerando, por exemplo, a trajetória das experiências interacionais entre eles trazidas como recursos de indiciação para as decisões performáticas na comunicação interacional. No caso, no julgamento, por parte dos alunos, de potencial reparo se configurar mais custoso para a construção das relações na comunicação interacional a partir das normatividades e moralidades associadas a quadros interacionais retrospectivos, a quadros-em-interação na ação comunicativa no momento das decisões performáticas, bem como a quadros interativos prospectivos. A decisão de não realizar um reparo interacional, por exemplo, não faz com que uma potencial assimetria entre os participantes, a qual pode ter sido julgada como recurso de indiciação para potenciais normatividades e moralidades associadas à decisão de reparar ou não, deixem de ser, no mínimo, problemáticas. Como implicação da decisão de não realizar um reparo interacional, vejo o reforço de assimetrias que caracterizariam decisões performáticas agindo de forma a não permitir que os alunos queiram fazer valer seus pontos de vista por meio do reparo, mesmo que estrategicamente. Sobre outras implicações: as do tipo recusa por parte dos alunos em participar das ações interacionais – recusa em responder perguntas de e participar de atividades propostas por professores (Cf. ALPERT, 1991). Em casos mais drásticos, com implicações que levam ao abandono da vontade de aprender (a língua, no caso da área dessa discussão), com consequências para a construção de identidades no e para além do ambiente formal de aprendizagem. Na perspectiva de um trabalho de elaboração de potenciais condutas em tais posicionamentos, vê-se o componente estratégico da resistência a relações de poder hegemônicas (FOUCAULT) na decisão de não fazer o reparo. Esse componente estratégico se relaciona à questão da apreensão de valores no julgamento de potenciais normatividades e moralidades ao entender a apreensão de valores na mesma perspectiva semiótica que considera o imbricamento de agentividades e identidades na construção da ação interacional com efeitos para além dela.

24 Schegloff, Gail Jefferson e Harvey Sacks definem a organização do reparo como uma função discursiva que “[...] opera na conversação, dirigida a problemas recorrentes da fala, audição e compreensão.” No original: “An ‘organization of repair’ operates in conversation, addressed to recurrent problems in speaking, hearing, and understanding” (SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977, p. 361). Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974], p. 15) afirmam: “Mecanismos de reparo existem para lidar com erros e violações da tomada de turnos; por exemplo, se duas partes encontram-se falando ao mesmo tempo, uma delas irá parar prematuramente, reparando, assim, o problema”.

A abordagem de escalas-em-interação, como uma abordagem dialógica e intersubjetiva sobre a ordem indicial de recursos i/materiais na construção de sentidos na comunicação interacional, conforma-se dos construtos de julgamento e potencialidade. Tais construtos se referem à simultaneidade multiescalar associada às naturezas multienquadrada e multidimensional no elaborado trabalho de construção das decisões nas agentividades e identidades performadas. Para a apresentação desses construtos, por meio do detalhamento das naturezas multienquadrada, multidimensional e de simultaneidade multiescalar, tomo a noção de escalas como contextos de sentidos (*contextualization* em BLOMMAERT; SMITS; YACOUBI, 2018) a partir da noção de enquadre (*frame*) em Gregory Bateson (1998). Blommaert, Laura Smits e Noura Yacoubi (2018, p. 2) definem a contextualização como “conexões indiciais construídas interacionalmente entre características discursivas reais e partes relevantes de conhecimento sociocultural”²⁵. Tomo o construto da potencialidade (SCHEGLOFF, 2006) como ponto de partida para a análise das agentividades e identidades performadas, na possibilidade de orientações retrospectivas, juntamente com potenciais orientações prospectivas – observadas no caso da antecipação de potenciais condutas conforme potenciais moralidades projetadas. Essa potencialidade reforça o trabalho de elaboração de um complexo de identidades (BLOMMAERT, 2017; LI; BLOMMAERT, 2017).

| A ideia de multienquadres na configuração de contextos de sentidos

A presença dos artefatos – câmera e gravador – potencializa a natureza multienquadrada da comunicação interacional na sala de aula ao criar enquadres interativos (supostamente) não presentes nesse ambiente sem suas presenças (Cf. paradoxo do observador, por LABOV, no Cap. 3). Para a demonstração da configuração multienquadrada, tomo a noção de enquadre de Bateson como o conjunto de regras (instruções/sinais) metalinguísticas e metacognitivas que delimitam compreensões (sentidos) do que é dito (e feito) pelos interagentes; observado o caráter instável dos enquadres. Essa instabilidade está associada à perspectiva semiótica das escalas sociolinguísticas ao seguir a ideia de atribuição de valor normativo aos discursos (sentidos do que é dito e feito) dos agentes-em-interação. Tal perspectiva semiótica pode ser identificada na afirmação de Blommaert, com relação à indiciação de recursos a escalas para além da dimensão local como aspectos da construção de sentidos em escalas locais, que se “configura indicialmente por meio de um complexo modo de comportamento comunicativo no qual aspectos pragmáticos e metapragmáticos (ideológicos) são inseparáveis”²⁶ (BLOMMAERT, 2015a, p. 107); relaciono esse caráter ideológico à atribuição de valor normativo aos discursos (sentidos do que é dito e feito).

²⁵ No original: “Contextualization is the key to making sense, because it consists of interactionally constructed indexical connections between actual discursive features and relevant chunks of sociocultural knowledge”.

²⁶ No original: “[...] achieved indexically by means of a complex mode of communicative behavior in which pragmatic and metapragmatic (ideological) aspects are inseparable [...]”.

Seguindo a perspectiva semiótica dos enquadres (BATESON, 1998; BLOMMAERT, 2015a), diversos tipos são identificados na conformação da ação social sob foco. Para a análise desses enquadres, adota-se a nomenclatura de quadros e subquadros, os quais compõem a organização da ação interativa na perspectiva de escalas como contextos de sentidos (BLOMMAERT *et al.*, 2018). Para essa organização, têm-se os seguintes quadros: *interação pré-aula*; *atividades da aula*; *registros audiovisuais*. Na caracterização do quadro *interação pré-aula*, são identificados os sub-quadros: *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*; *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B*²⁷; e *montagem dos equipamentos*. Na caracterização do (supra) quadro *registros audiovisuais*, identifica-se o sub-quadro *apresentação dos procedimentos de registro*. Na Seção *Da natureza multienquadrada da interação*, são apresentadas instâncias dessa natureza multienquadrada, nas quais se observa a ocorrência, para além do quadro *atividades da aula* e do (supra) quadro *registros audiovisuais*, dos seguintes quadros: *pedido a MarcM*; *conversa entre colegas-meninas e arranjos para a prova*.

A natureza multienquadrada da interação, que conforma diversos conjuntos de regras metalinguísticas e metacognitivas que delimitam sentidos ditos e feitos pelos participantes-em-interação, configura os potenciais recursos indiciais associados a padrões normativos e morais para o julgamento desses padrões em decisões efetivamente performadas; potencialidade que constitui a natureza multidimensional na construção da ação social. A natureza multienquadrada da ação social, por si, implica a elaboração do julgamento de potenciais normatividades e moralidades na conformação das condutas. Com base nessa potencialidade, diversos enquadres são considerados para a conformação das agentividades e identidades nas decisões performadas. Tal potencialidade se configura na possibilidade de condutas conforme normatividades e moralidades orientadas retro e prospectivamente.

| A natureza multidimensional na construção da comunicação interacional

A multidimensionalidade nas orientações dos participantes se configura na potencialidade de julgamentos de recursos de indicição para as decisões performáticas associados aos vários enquadres que compõem a comunicação interacional. A natureza multidimensional pode ser observada no trabalho de organização interacional dialógico e intersubjetivo para a construção da ação social ao se considerarem orientações em e para além de escalas locais, a partir de julgamentos, também situados e relacionais, de potenciais normatividades e moralidades associadas a recursos de indicição na conformação de condutas-em-interação para respectivas decisões efetivamente performadas. Para a natureza multidimensional, tomo o conceito de

²⁷ A denominação Grupo A contrasta com a denominação Group B em função de que a configuração de ambos os grupos mostra condutas-em-interação em relação ao valor mediacional de indicição escalar da câmera observado na preocupação dos membros, em cada grupo, com a aparência física. Porém, cada um desses grupos contém membros distintos que não interagem intergrupalmente.

policentricidade (*polycentricity* em BLOMMAERT) na configuração das orientações e condutas verificadas em relação aos diversos enquadres que compõem a interação. Blommaert (2018a, p. 46) entende a policentricidade como:

[...] a explicação para o fato de que, em cada ambiente de ação social, múltiplos conjuntos de normas estarão presente simultaneamente, embora não sejam da mesma ordem – são escalonados, estratificados e, nesse sentido, nunca ideologicamente neutros, mesmo se representados como tal (Carr & Lempert 2016: 3²⁸). A policentricidade define a intrínseca *indeterminação* de ações e de processos sociais e seu caráter de *não-unicidade* [...] ²⁹.

Dessa argumentação de Blommaert, tomando uma perspectiva mais geral aplicada à situação da ação social em análise, verifica-se a simultaneidade de normatividades, por conseguinte de moralidades – múltiplos conjuntos de normas presentes simultaneamente –, a qual implica a ideia de julgamentos de valor, ou seja, de caráter semiótico, de potenciais normatividades e moralidades associadas aos vários quadros que compõem a comunicação interacional; implicação verificada em casos aqui discutidos, em especial na atribuição do valor orientacional supranormativo à presença dos artefatos.

A natureza multienquadrada, por si, implica a elaboração de julgamentos de potenciais normatividades e moralidades na conformação das condutas. Ao considerar essa potencialidade, diversos enquadres podem ser referenciados para a conformação das agentividades e identidades nas decisões efetivamente performadas. Tal potencialidade se configura na possibilidade de condutas conforme normatividades e moralidades orientadas retro e prospectivamente. Essa potencialidade corrobora o trabalho de elaboração de um complexo de identidades (BLOMMAERT, 2017; LI; BLOMMAERT, 2017) associado às trajetórias de condutas indiciadas em escalas multidimensionais. Para a elaboração da noção da potencialidade de julgamentos das condutas que orientam os recursos indiciais na configuração das decisões performadas, tomo a abordagem de Schegloff sobre a questão das potencialidades (possibilidades nos termos de SCHEGLOFF) em argumentação sobre o que os participantes fazem enquanto em interação. Schegloff aborda essa questão das potencialidades voltada à compreensão “de suas falas e outras condutas [dos participantes-em-interação] – ao tomar suas falas e outras condutas feitas pelas ‘possíveis Xs’ que as compõem”³⁰ (SCHEGLOFF, 2006, p. 146). No caso dessa análise, voltada à compreensão de recursos orientacionais indiciais em decisões performáticas, essa compreensão se dá sobre

28 Blommaert se refere à seguinte argumentação: “[...] não há escalas ideologicamente neutras, e as pessoas e instituições que aparecem ‘por cima’ dos exercícios escalares reforçam distinções que os ordenaram”. No original “[...] there are no ideologically neutral scales, and people and institutions that come out ‘on top’ of scalar exercises often reinforce the distinctions that so ordained them” (CARR; LEMPERS, 2016, p. 3).

29 No original: “Polycentricity stands for the fact that in every environment for social action, multiple sets of norms will be simultaneously present, although they might not be of the same order – they are scaled, stratified, and in that sense never ideologically neutral even if represented as such (Carr & Lempert 2016: 3). Polycentricity defines the intrinsic indeterminacy of social actions and processes, and their nonunified character: social change involves parts of society developing faster than others, creating anachronistic gaps”.

30 No original: “What must we take interactants to be doing – to be capable of doing, to design their talk and other conduct – so as to have their talk and other conduct taken up for the ‘possible Xs’ that compose it?”.

as decisões performadas pelas possíveis (Xs) que as compõem. Ressalte-se que, embora essa análise siga na mesma direção da de Schegloff (2006) ao tomar recursos de indicação de escalas locais para a análise das condutas – o mundo das partes na interação – sua ideia do mundo das partes na interação é expandida para outros mundos possíveis, para além da interação, que se mostram relevantes para os mundos das partes na interação ao se considerarem recursos de indicação de escalas translocais na configuração das condutas-em-interação, as quais conformam as decisões performadas.

A partir da ideia da inter-relação entre agentividades e identidades construídas com base em contextos nos quais interagimos, a indicação de recursos de contextos de sentidos pode se dar com caráter retrospectivo e prospectivo em relação a dimensões escalares locais e translocais. Suresh Canagarajah e Peter de Costa (2016) se referem a elementos de contextos de sentidos retrospectivos dos participantes, os quais configuram recursos indiciais orientacionais em condutas em contextos diversos. Asif Agha (2005a/b, 2007) e Blommaert e Michael Silverstein (2005) tratam sobre contextos de sentidos prospectivos como recursos de indicação na conformação de condutas de participantes. No caso de recursos de indicação de caráter prospectivo, trata-se da projeção de potenciais normatividades e moralidades a partir das marcações discursivas dos participantes na ação comunicativa situada. Para a noção de contextos de sentidos, considerando a indicação de recursos socioculturais a partir da interrelação entre agentividades e identidades construídas com base e em contextos nos quais interagimos, ressalte-se, consoante a perspectiva radical de uma teoria da ação (*radical actiontheoretical perspective* em BLOMMAERT, 2018b/c), apresento afirmação de Blommaert, Smits e Yacoubi 2018, p. 2) sobre os princípios para a compreensão do papel desses contextos na construção dos significados:

1. O contexto não deve ser visto como uma presença abstrata, estável ou latente; é um recurso realizado em ações concretas de construção de significado socialmente situadas: o contexto é sempre contextualização. Nesse sentido, é altamente imprevisível, evolutivo, dinâmico e instável. Além disso, embora os contextos operem em vários níveis de escala e estructurem uma multiplicidade de interações concretas, o ponto de partida analítico são seus efeitos situados na construção de sentido.
2. A contextualização é a chave para a construção de sentido, porque consiste em conexões indiciais construídas interacionalmente entre características discursivas reais e partes relevantes do conhecimento sociocultural.
3. Tal conhecimento indicialmente situado e invocado nunca é neutro, mas sempre valorativo e, nesse sentido, moral e, por extensão, relacionado à identidade. Fazer sentido é um julgamento moral baseado em roteiros normativocomportamentais socioculturalmente disponíveis e situacionalmente projetados em pessoas.
4. Os recursos contextuais que as pessoas utilizam na interação devem ser reconhecíveis, mas não necessariamente compartilhados. O compartilhamento acontece à medida que a interação prossegue, mas também pode se constituir como um senso, compartilhado, de mal-entendido, ou seja, um senso de que muito pouco é

substancialmente compartilhado na interação. O que precisa ser reconhecido é o esboço amplo de um formato de interação, um roteiro geral para a ação social³¹.

Com base nessa compreensão do papel situado e intersubjetivo, e ao mesmo tempo relacional e dialógico, de contextos de indicição na construção de significados, a construção dos sentidos se desenvolve nas ações realizadas em cada momento da interação, considerando-se os efeitos na construção de significados, conforme recursos indiciais que tanto podem ser referenciados em escalas locais quanto em escalas translocais – conhecimento indicialmente situado e invocado. Ainda, a partir da chamada de Blommaert ao (re) conhecimento de um esboço amplo de um formato de interação, pretendo fazê-lo, com a abordagem de escalas-em-interação, ao tratar sobre questões de agentividades e identidades por meio das condutas dos participantes na construção da ação social situacionalmente realizada. Para tal (re) conhecimento, são consideradas orientações em e para além de escalas locais, a partir de julgamentos, também situados e relacionais, de potenciais normatividades e moralidades associadas a recursos de indicição; ao que denomino um trabalho de organização interacional dialógico e intersubjetivo. Neste trabalho, observa-se a centralidade dos construtos de julgamento e potencialidade para a análise das agentividades e identidades. Condutas realizadas por participantes, desse modo, se relacionam a julgamentos sobre potenciais i/materialidades na indicição de valores orientacionais para as decisões performadas.

Para a ideia de condutas indiciadas em escalas multidimensionais de caráteres retrospectivo e prospectivo para a configuração das agentividades e identidades localmente situadas, o trabalho de organização interacional dos participantes se conforma multidimensionalmente distribuído e situacionalmente realizado. Essa perspectiva multidimensional, que se entende multiescalar, corrobora a de Summerson Carr e Michael Lempert (2016, p. 2), que explicam as dimensões retro e prospectivas no trabalho interacional de construção da comunicação interpessoal:

[...] de fato, quando se tenta apreender coisas e suas qualidades, um momento presente pode estar ligado e referenciado a um momento remotamente simbolizado no passado ou projetado mais à frente no tempo. Ao determinar quando e onde estamos, podemos evocar uma longa continuidade, se não uma evolução³².

31 No original: “1. Context should not be seen as an abstract, stable or latent presence; it is a resource deployed in concrete socially situated meaning-making action: context is always contextualization. In that sense, it is highly unpredictable, evolving, dynamic and unstable. Also, while contexts operate at various scale-levels and structure a multitude of concrete interactions, the analytical point of departure is their situated effects on making sense; 2. Contextualization is the key to making sense, because it consists of interactionally constructed indexical connections between actual discursive features and relevant chunks of sociocultural knowledge; 3. Such indexically deployed and invoked knowledge is never neutral but always evaluative and in that sense moral, and by extension identity-related. Making sense is a moral judgment grounded in socioculturally available normative-behavioral scripts situationally projected onto persons; 4. The contextual resources that people draw upon in interaction have to be recognizable, but not necessarily shared. Sharedness is evolving as the interaction proceeds but can also evolve as a shared sense of misunderstanding, i.e. a shared sense that very little of substance is shared in the interaction. What needs to be recognizable is the broad outline of a format of interaction, a general script for social action”.

32 No original: “Indeed, when one tries to apprehend things and their qualities, a present moment may be linked to and authorized by a moment figured far back or projected forward in time. In order to determine when and where we are, we may evoke a grand continuity, if not an evolution”.

Na interconexão entre dimensões retro e prospectivas como organizadoras das relações entre atores sociais em interação (nos termos de CARR e LEMPURT ao se referirem a aspectos relacionados a identidades), observa-se um paralelo com a interconexão feita em relação a agentividades por Hannele Dufva e Mari Aro (2015, p. 38):

[...] para entender a agentividade, devemos observar sua fluidez no tempo e no espaço em vez de vê-la como estado fixo ou produto finalizado. Por um lado, a agentividade está sujeita a alterações e mudanças, já que pode mudar ao longo do tempo e também variar entre situações. Ao mesmo tempo, a agentividade não pode ser verdadeiramente entendida sem considerarmos a continuidade que a envolve, isto é, as pessoas não consideram suas próprias vidas como uma sequência de eventos descontínuos, ao acaso, mas, em vez disso, como uma narrativa continuada³³.

A semelhança entre as perspectivas de Dufva e Aro e de Carr e Lempert se dá em face de que em ambas as afirmações está presente a noção de espaçotempo – cronotopo em Mikhail Bakhtin – como parte constituinte da organização das relações e ações interacionais: em Dufva e Aro, em relação à agentividade, na chamada para se observar sua fluidez no *tempo e no espaço* e na afirmação de Carr e Lempert (2016, p. 2, grifo nosso) (que segue) de que “adotar escalas [...] pode organizar não apenas relações espaciais, mas as *espaçotemporais* também”³⁴. Nessa mesma perspectiva, de forma mais genérica, Blommaert (2015a, p. 106) define cronotopo como “a intrínseca mescla de espaço e tempo em qualquer evento no mundo real”³⁵. Observo na afirmação de Blommaert (2015a, p. 107, grifo nosso) (que segue) uma relação direta à multidimensionalidade observada nas afirmações de Carr e Lempert (2016) e Dufva e Aro (2015): “[...] o que *se tem* como uma atividade colaborativa conjunta, tal qual uma conversa, pode tornar obscuras diferenças profundas sobre o que está *sendo trazido* por diferentes participantes e conseqüentemente no que está *sendo levado* por esses participantes após a atividade³⁶”.

A abordagem policêntrica de Blommaert (embasadora da Teoria de Escalas) no trabalho de construção da comunicação interacional – no que se tem como uma atividade colaborativa conjunta, tal qual uma conversa – se verifica na indiciação de recursos de caráter retrospectivo – sobre o que está sendo trazido por diferentes participantes – e, ao mesmo tempo, prospectivo – no que está sendo levado por esses participantes após a atividade. Vê-se Blommaert revelando

33 No original: “Thus, in order to understand agency, we should be looking at its fluidity in time and space rather than seeing it as a steady state or finished product. On the one hand, agency is exposed to alteration and change, as it may change over time and also vary across situations. At the same time, agency cannot be genuinely understood without considering the continuity that is involved, that is, persons do not regard their own life-span as a sequence of discrete, random events but as an on-going narrative instead”.

34 No original: “Scaling, it turns out, may organize not only spatial relations but spatiotemporal ones as well”.

35 No original: “[...] the intrinsic blending of space and time in any event in the real world”. Referir-se a: Nele Bemong, Pieter Borghart, Michel de Dobbeleer, Kristoffel Demoen, Koen de Temmerman e Bart Keunen (2015 [2010]) para uma discussão sobre aplicações do conceito de cronotopo na literatura e áreas afins; Beth Brait (2005) para um apanhado geral, não menos denso, de conceitos-chave na obra de Bakhtin (e seu Círculo, nos termos de Brait); e Carlos Alberto Faraco (2009) para uma discussão voltada às ideias linguísticas do Círculo (nos termos de Faraco).

36 No original: “So, what is brought about as a joint collaborative activity such as a conversation may obscure deep differences in what is being brought along by different participants, and consequently in what is taken along by these participants after the activity”.

sua abordagem policêntrica ao ressaltar a inter-relação de elementos translocais trazidos de experiências anteriores e projetados prospectivamente no trabalho de construção da comunicação interpessoal em escalas locais na ação situada. A noção da multidimensionalidade se relaciona ao caráter da dialogicidade na perspectiva dialógico-intersubjetivo para a configuração das decisões performáticas dos participantes no estudo das agentividades e identidades situadas na construção da comunicação interativa (ver Capítulo 3 – A construção de agentividades e identidades: o caso da sala de aula de inglês língua adicional (ILA)).

Na mesma perspectiva policêntrica apresentada por Blommaert, Richard Bauman e Charles Briggs (1990, p. 61) chamam a atenção à “dialética entre a performance e seu contexto sociocultural e político-econômico mais amplo”³⁷. Embora Bauman e Briggs não se refiram explicitamente ao termo *policentricidade*, seus alinhamentos à perspectiva policêntrica podem ser entendidos como tal ao chamarem a atenção para a multidimensionalidade da performance ao defenderem uma perspectiva – [que] dê maior atenção à dialética entre performances e seus contextos socioculturais e político-econômicos mais amplos [como forma de] explorar a relação [de discursos performáticos] com uma diversidade de contextos sociais. Observa-se, por outro lado, a referência explícita à policentricidade na afirmação de Blommaert, Elina Westinen e Sirpa Leppänen (2015, p. 122), ao tratarem sobre fenômenos orientados policentricamente, os quais são construídos “não em direção a um conjunto ‘central’ de diacríticos de indicação, mas a múltiplos centros, os quais estão dispersos em diferentes escalas [...] com centros de orientação normativa ‘ordenados’ de diferentes formas”³⁸. À guisa de exemplificação do caráter dialógico na conformação de condutas indicadas em escalas multidimensionais de caráter retrospectivo e prospectivo para a configuração de agentividades e identidades localmente situadas a partir dos casos aqui apresentados (Cf. Fig. 02), observo a distinção entre as identidades de aluno obediente e aluno responsável ao associá-las a respectivas condutas-em-interação (Cf. *Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades*).

Com relação às agentividades e identidades performadas e aos recursos de indicação orientados a centros escalares menos/mais imediatos (retro ou prospectivamente), associo a identidade de aluno obediente à indicação de recursos de escalas locais, enquanto a identidade de aluno responsável à indicação de recursos de escalas locais e translocais. Essa distinção se dá por meio de turnos-em-interação multimodais (pedido e permissão), os quais instanciam um repertório de identidades requeridas para a construção das decisões performáticas nesses tipos de turnos-em interação³⁹. Tais decisões performáticas (realizações das identidades de aluno obediente e aluno responsável) reforçam a compreensão sobre o caráter multidimensional

37 No original: “[...] greater attention to the dialectic between performance and its wider sociocultural and political-economic context [...]”.

38 No original: “[...] not towards one ‘central’ set of meaningful indexical diacritics but to multiple centers, and in which these centers are dispersed over different scales [...] with differently ‘ordered’ centers of normative orientation”.

39 A ideia de turnos-em-interação como atos de identidade (atos de pedido e de permissão) se coaduna à perspectiva das identidades performativas operacionalizadas pela linguagem trazida em Joana Plaza Pinto (2007).

nas respectivas orientações e corroboram a simultaneidade multiescalar nessas decisões. Nos casos apresentados, a multimodalidade se configura como componente importante do caráter policêntrico na comunicação interacional, afirmando a noção de rede de artefatos semióticos – i.e., livros, espaços físicos, corpos (LEMKE, 2000) –, a partir dos quais se coordenam processos escalares de indicialização de condutas associados à presença dos artefatos. Observam-se falas, gestos, sons, entre outros recursos semióticos, como indiciadores orientacionais para as condutas-em-interação conforme valores atribuídos a diferentes tipos de artefatos. Em relação aos dispositivos de gravação, por exemplo, sua presença orienta condutas associadas a efeitos da sua indiciação a escalas que os relacionam aos valores do poder de vigilância (FOUCAULT) e do cuidado com a imagem captada (LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a).

A ideia da multimodalidade tem como base a perspectiva da ação interativa como comunicação multimodal (*multimodal communication* em KRESS, 2013). Segundo Günther Kress, a multimodalidade constitui um aspecto constitutivo da noção de interação-como-comunicação (*interaction-as-communication*). A comunicação multimodal “[acontece] quando a atenção de um dos participantes se dirige a algum aspecto [fala, olhar, ações, toques] da interação e tal [aspecto é] selecionado por ele ou ela como um alerta de algum tipo e esse alerta [é] interpretado por aquele outro participante”⁴⁰ (KRESS, 2013, p. 123). A consideração dos componentes multimodais (fala, olhar, ações, toques, gestos de apontar etc.) como alerta (*prompt* em KRESS, 2013) de e para as condutas dos participantes se mostra central na análise dos valores orientacionais dos artefatos, segundo a noção da semiotização de artefatos em Lemke (2000; cf. GOODWIN, 2007; RAMPTON; ELEY, 2018).

Semelhante à ideia do alerta, identifiquei a ideia de *triggering words* em Ervin Goffman (1976, p. 284) como recurso indicial que “constitui uma mudança no padrão da ação”⁴¹. Na mesma perspectiva da multimodalidade como componente da comunicação multimodal em Kress (2013), Jeff Bezemer (2008) traz a noção de disposições multimodais de orientação (*multimodal displays of orientation*) ao tomar uma perspectiva instanciada de orientações para metas interacionais em sala de aula. A ideia das disposições multimodais de orientação se mostra produtiva na análise das decisões performáticas dada à conformação multienquadrada da ação social associada ao componente estratégico na orientação das condutas-em-interação em função dos vários quadros que compõem a ação social (ver discussão acerca do componente estratégico a partir da conformação multimodal das condutas-em-interação na seção *Sobre o componente estratégico na conformação de condutas-em-interação*).

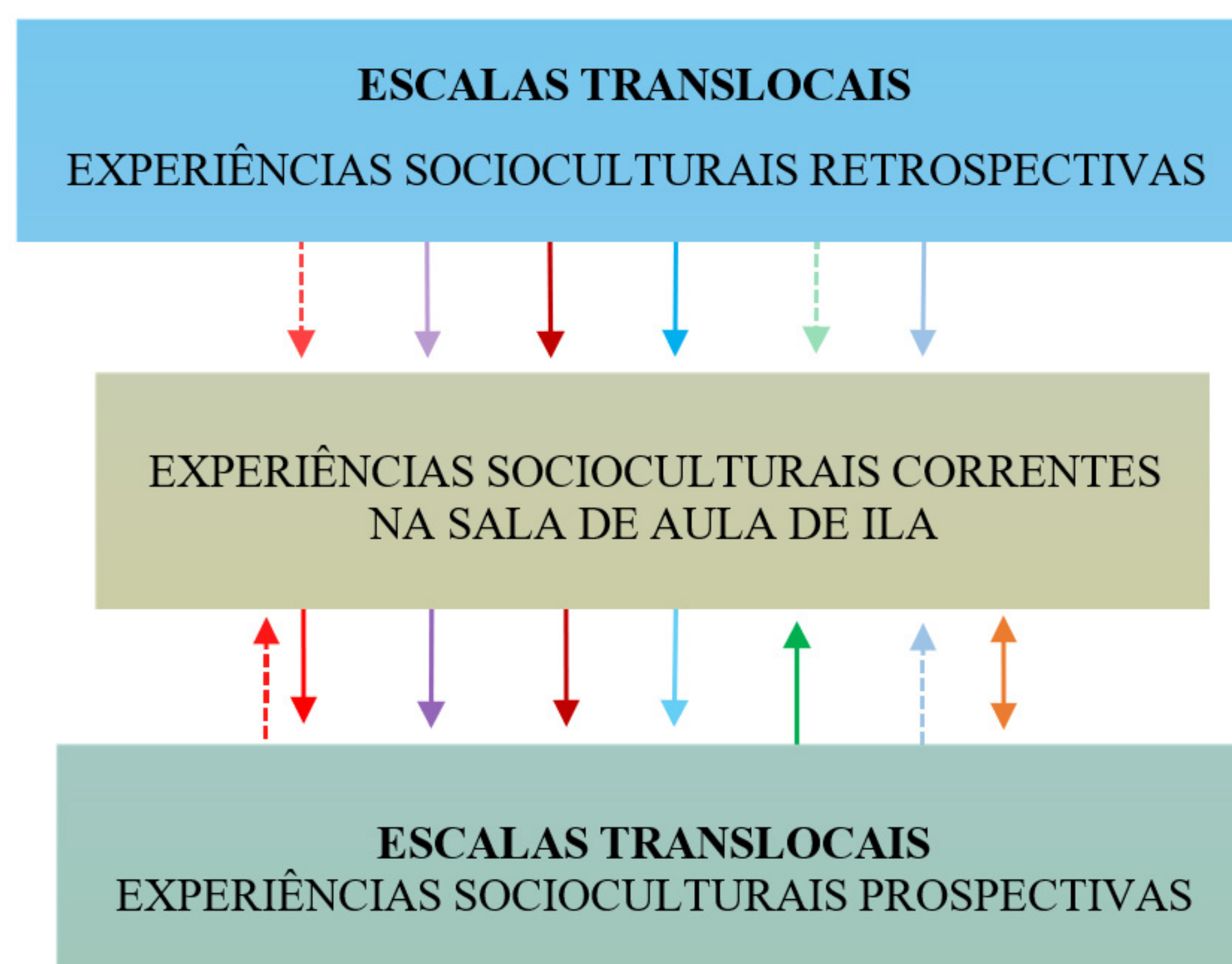
40 No original: “[...] [happens] when the attention of one of the participants [focuses] on some aspect [speech, gaze, actions, touching] of the interaction, and that [aspect is] selected by him or her as a prompt of some kind, and the prompt [is] interpreted by that participant”.

41 No original: “[...] triggering words constitute a move in an action pattern”.

| A simultaneidade multiescalar no trabalho de organização da comunicação interacional

A análise da simultaneidade multiescalar requer um modo de ação analítica que considere diferentes escalas às quais os participantes se orientam na compreensão do trabalho intrínseco de julgamentos multiescalares para as decisões performadas. A simultaneidade multiescalar observada em condutas orientadas simultaneamente a escalas locais e translocais implica, para análise das condutas-em-interação, considerar, de maneira inseparável e interconectada, as escalas distintas para as quais os participantes se orientam no trabalho de construção dessas condutas. Ressalte-se que, pela natureza multienquadrada da interação, essa simultaneidade pode ser observada em relação a condutas orientadas simultaneamente a escalas concomitantes na ação interacional local, observadas normatividades e moralidades conflitantes. A simultaneidade multiescalar pode ser identificada na interconexão entre as naturezas multienquadrada e multidimensional na configuração das agentividades e identidades. A análise das agentividades e identidades toma a simultaneidade multiescalar conforme a configuração das ações performáticas relacionadas aos julgamentos das potenciais normatividades e moralidades associadas à presença dos artefatos. Essa simultaneidade configura decisões performáticas relacionadas a julgamentos de potenciais normatividades e moralidades observadas em condutas estratégicas orientadas a recursos de indicação associados a observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos. A descrição detalhada dos modos de construção das relações entre os recursos de indicação de escalas locais e translocais realizados por meio das condutas pode ser verificada nos modos de construção das relações entre os recursos de indicação (Cf. Fig. 01 e 02), ao se considerarem heterogeneidades compostas por elementos multiculturais presentes em ambientes da sala de aula (e para além).

Figura 1 – Diagrama explicativo da simultaneidade multiescalar na indicação de recursos orientacionais para as decisões performáticas



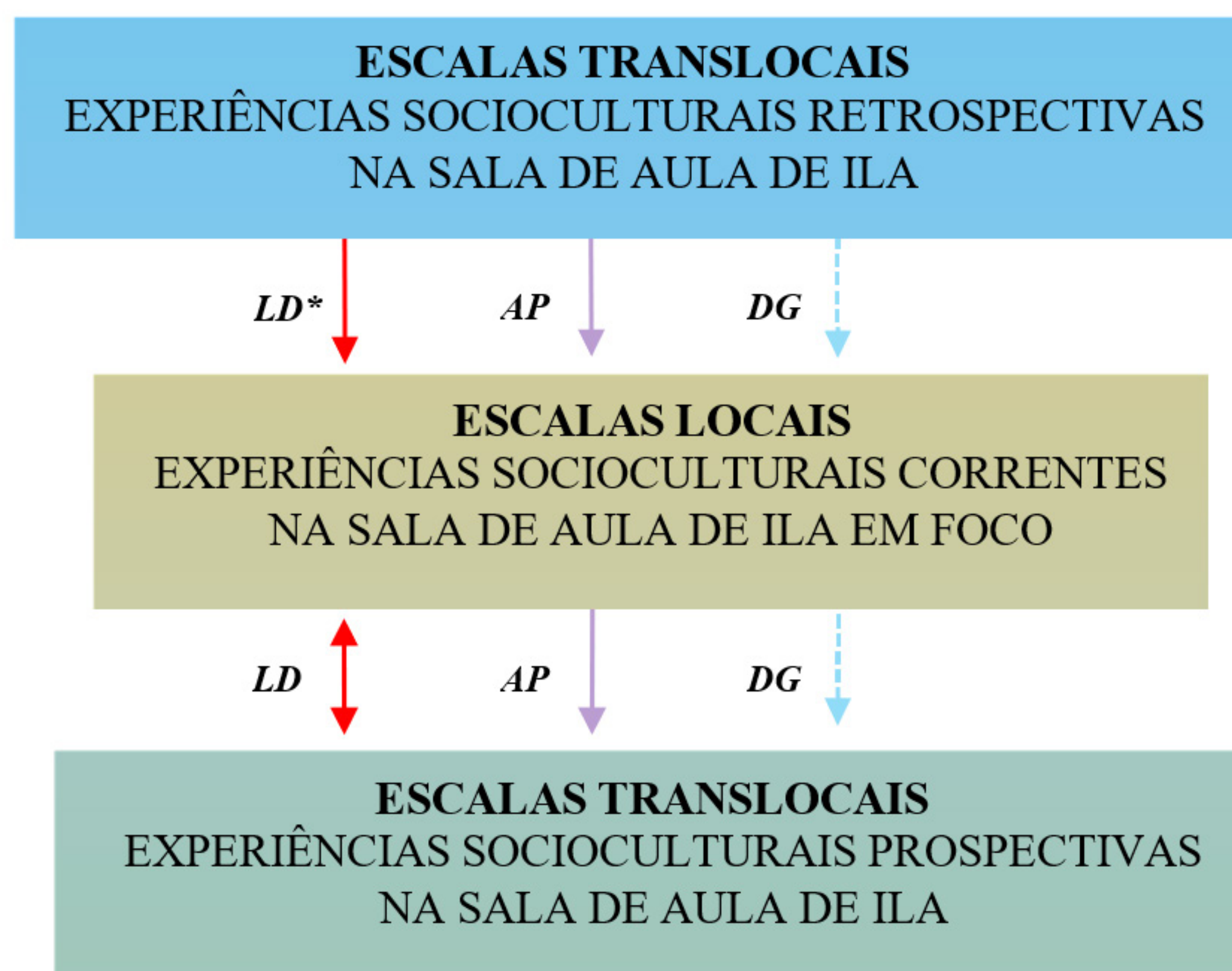
Fonte: Elaboração própria.

O diagrama busca explicar a convergência teórico-metodológica entre pressupostos da ACE e da Teoria de Escalas, a qual embasa a proposta da abordagem de escalas-em-interação, como uma abordagem sobre a ordem indicial de recursos i/materiais na construção dos sentidos-em-interação. Observa-se tal convergência no instanciamento e sistematização da simultaneidade multiescalar na indicação dos recursos orientacionais dos participantes relacionada a escalas locais e translocais para a configuração das agentividades e identidades. Os modos de construção das relações entre os recursos de indicação de escalas locais e translocais corroboram a noção de performatividades conformadas pela interação de padrões formais complexos e heterogêneos na construção social de realidades (BAUMAN; BRIGGS, 1990). A sistematização da simultaneidade multiescalar na indicação dos recursos orientacionais dos participantes é tomada pela configuração e direção das setas como marcadoras das orientações indiciais dos recursos acionados para a construção das decisões performadas. A configuração – contínua ou tracejada; e alta, média ou baixa intensidade da cor –, mostra o menor/maior grau de orientação aos recursos indiciais para as agentividades e identidades observadas. A direção, por sua vez, se refere às dimensões espaçotemporais (cronotópicas) como centros escalares orientacionais para a organização das relações indiciais para as ações interacionais. A indicação de recursos orientacionais de escalas multidimensionais de naturezas retro e prospectiva para a configuração das agentividades e identidades nas escalas locais da ação conforma um caráter dialógico ao trabalho de organização interacional. O aspecto relacional das experiências retro e prospectivas é observado em convenções socioculturais, e respectivas normatividades e moralidades, associadas

aos recursos indiciais acionados. Esse mesmo aspecto relacional corrobora a elaboração dos complexos de agentividades e identidades observada, por exemplo, em orientações policêntricas, em condutas estratégicas relacionadas aos caracteres panóptico e anômico conformadores da natureza supranormativa atribuída pelos participantes à presença da câmera e do gravador como mediadores de representações e interpelações de autoridades epistêmicas associadas à natureza supranormativa dessas presenças.

Para explicar a direção dos e o grau de orientação aos recursos indiciais acionados para as agentividades e identidades performadas, a Figura 2 ilustra o trabalho de construção das decisões performáticas de aluno responsável de ZayM (ver detalhamento na seção *Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades*). A apresentação das agentividades e identidades em separado se dá como forma de tornar mais clara a compreensão dos recursos indiciais na análise das condutas. Porém, para a construção de sentidos na vida real, tais componentes não se separam, visto que se compõem no seu conjunto na perspectiva do elaborado trabalho de julgamento de potenciais decisões performáticas para a organização da ação social.

Figura 2 – Diagrama explicativo da simultaneidade multiescalar na indicação de recursos orientacionais para decisões performáticas – o caso ilustrativo da elaboração da identidade de aluno responsável



* Códigos: *LD* – livro didático; *AP* – autoridade epistêmica do professor; *DG* – presença dos dispositivos de gravação

O tipo – contínua ou tracejada – e a intensidade – alta, média ou baixa – da cor das setas demonstram o grau da orientação aos recursos indiciais – o livro didático, a autoridade epistêmica do professor e a presença dos dispositivos de gravação – para as decisões performáticas do ZayM nas escalas locais da ação-em-interação. As setas mostram as direções orientacionais para a organização das relações indiciais entre as dimensões espaçotemporais (cronotópicas) e os respectivos centros escalares na configuração das condutas que conformam essas decisões performáticas.

A orientação à autoridade epistêmica do professor explica a simultaneidade multiescalar na indicação dos recursos orientacionais para as decisões performáticas do ZayM, dadas as suas condutas de aluno responsável se mostrarem orientadas a recursos indiciais que representam e interpelam a autoridade epistêmica do professor; os recursos de indicação se orientam a centros escalares menos/mais imediatos (retro ou prospectivamente). Para as agentividades e identidades de aluno responsável, ao considerar sua orientação à autoridade epistêmica do professor, representada pela seta contínua roxa (de média intensidade), observa-se o valor atribuído ao livro didático (doravante o livro), representado pela seta contínua vermelha (de alta intensidade), como o principal recurso de indicação das moralidades associadas às agentividades e identidades de aluno responsável. A seta azul tracejada (de baixa intensidade) representa o potencial valor supranormativo da presença dos dispositivos de gravação, à qual não se verifica uma relevância discursiva marcada no caso das agentividades e identidades de aluno responsável nas condutas do ZayM. Com relação à orientação dos recursos de indicação a centros escalares menos/mais imediatos (retro ou prospectivamente) para as condutas-em-interação, o valor orientacional do livro como o principal recurso de indicação das moralidades associadas às agentividades e identidades de aluno responsável nas escalas locais registradas na aula de 03 de outubro, representado pela seta vermelha (de alta intensidade), traz elementos que relacionam a posse do livro a experiências retrospectivas que conformam a representação positiva associada a essa posse – fala do professor em aula registrada em 15 de setembro, primeiro dia de registros audiovisuais (Cf. Excerto 04).

Para a orientação a recursos de indicação de centros escalares mais imediatos, no caso, prospectivamente, observam-se as condutas-em-interação do ZayM – procura o livro dentro da sua mochila logo após a primeira fala do professor: [04:21] vamo, lá, gente, bom dia – orientadas ao quadro *atividades da aula*, potencial quadro interativo que compõe as escalas locais da ação interacional. A confirmação do valor do livro como indiciador de condutas orientadas ao quadro *atividades da aula* se verifica na sequência da interação, com o turno-em-interação de ordem do professor: [05:28] e:: o: >restante, gente,< ↑peguem o livro,. As falas do professor e as condutas do ZayM, retro e prospectivamente, mostram o valor indicial do livro como mediador das normatividades e moralidades associadas à autoridade epistêmica do professor para a decisão performática de aluno responsável do ZayM.

O aspecto relacional na indicação das experiências retro e prospectivas corrobora a elaboração de complexos de agentividades e identidades performadas no trabalho de organização interacional por parte do ZayM. O aspecto relacional das experiências retro e prospectivas nessa ilustração se refere a recursos de indicação restritos à ação social sob foco. Para os fenômenos em análise – decisões performáticas na construção da ação comunicativa, considerando-se as agentividades e identidades conformadas pela presença dos artefatos (câmera e gravador) –, orientações policêntricas em condutas estratégicas relacionadas aos caracteres panóptico e anômico conformadores da natureza supranormativa atribuída à presença desses artefatos reforçam o caráter dialógico do trabalho de organização interacional, ao indicar recursos orientacionais de escalas multidimensionais retro e prospectivas com instanciamentos de recursos indiciais para além de experiências na ação social sob foco.

A noção do julgamento de potenciais im/propriedades na elaboração de potenciais decisões performáticas configura a natureza de simultaneidade multiescalar presente na interação. O processo de construção de identidades está associado a um “elaborado complexo de práticas ‘lúdicas’ que visam construir e performar ‘imagens de personalidade’[em-interação]”⁴² (LI; BLOMMAERT, 2017, p. 2), estas, compondo os “repertórios de identidades” (BLOMMAERT, 2017) como parte do trabalho de organização interacional a partir das potenciais identidades julgadas para as decisões efetivamente performadas. Esse elaborado processo de construção de imagens de personalidades-em-interação se conforma do aspecto retrospectivo, relacionado a experiências de identidades na indicação de normatividades e moralidades orientadas a partir dessas experiências, ao mesmo tempo do aspecto prospectivo. Associo o aspecto prospectivo à noção de antecipação de audiência endereçada (*anticipation of addressed audience* em RAMPTON; ELEY, 2018), relacionada à indicação de normatividades orientadas a potenciais observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos, na perspectiva de uma ambivalência de normatividades e moralidades associadas a essa presença.

Dada a natureza “aplicada” da simultaneidade multiescalar à situação específica nos casos apresentados, vislumbro uma teorização para a simultaneidade multiescalar na configuração das agentividades e identidades por meio da abordagem de escalas-em-interação (Cf. Fig. 1 e 2). Tal teorização se dá com a sistematização dos componentes que configuram as agentividades e identidades performadas na ação situada a partir da compreensão de uma orientação multidimensional, aliada à potencialidade de condutas e respectivas normatividades e moralidades, estas com relação à i/materialidade de potenciais recursos indiciais (Cf. *Da simultaneidade multiescalar no trabalho de organização da comunicação interacional*).

42 No original: “[...] an elaborate complex of ‘ludic’ practices aimed at constructing and performing a specifically online (and more specifically small-screen) ‘image of personality’”.

Capítulo 2

Decisões performáticas e o elaborado
trabalho de construção de agentividades
e identidades

Neste capítulo, termos e conceitos para a compreensão do elaborado trabalho de construção das decisões performáticas na ação social são entendidos na perspectiva da complementaridade entre a ACE e a Teoria de Escalas para a proposta da abordagem de escalas-em-interação. Relaciono o conceito de decisão performática a condutas e turnos-em-interação, ao mesmo tempo em que explico os pressupostos para tais conceitos, como a fundamentação sobre performatividade e performance. Por fim, trato sobre o componente estratégico de condutas em relação a efeitos da relevância dessas condutas na ação social.

| Uma proposta teórico-metodológica complementar entre a ACE e a Teoria de Escalas

A complementaridade entre a ACE e a Teoria de Escalas se dá em função de que ambas têm como posição ontológica a ação humana como intersubjetiva e, portanto, configurada como ação social; embora diverjam em focos de atenção a elementos que compõem essas ações. A Teoria de Escalas tem como um de seus focos o caráter dialógico (ao qual é associada a noção de cronotopo em BAKHTIN; cf. BLOMMAERT, 2018a/b/c), além do caráter intersubjetivo, foco da ACE (GOFFMAN; SCHEGLOFF; cf. GARCEZ, 2006, 2008). Na abordagem de escalas-em-interação, verifica-se um alinhamento à “perspectiva radical de uma teoria da ação” (BLOMMAERT, 2018b/c) bem como a estudos de Blommaert na perspectiva da Sociolinguística da Globalização (SG) orientados a recursos de indicação associados à “representação artefatuizada, tecnologicamente mediada de eu[s]”⁴³ (LI; BLOMMAERT, 2017, p. 2, grifo nosso). A convergência à abordagem de Li Kunming e Blommaert, na noção de semiotização de artefatos, é vista em relação à representação artefatuizada, tecnologicamente mediada de eus atribuída à presença dos dispositivos de gravação – câmera e gravador – na conformação das condutas-em-interação. Com orientação similar em função do foco na construção de agentividades e identidades e a relação dessas com a presença dos artefatos, a análise dos fenômenos observados – decisões performáticas na ação comunicativa, considerando-se as agentividades e identidades conformadas pela presença dos artefatos –, na perspectiva da Teoria de Escalas de Blommaert e de Canagarajah, se torna mais convergente à perspectiva da SG.

As perspectivas de Blommaert e Canagarajah são articuladas ao entender que se complementam mais do que se opõem. A alegada oposição se refere à crítica de Canagarajah a pressupostos da SG centrada em Blommaert (2010)⁴⁴ e “sua ênfase nas escalas como verticalizadas e hierarquizadas”⁴⁵ (CANAGARAJAH, 2013b, p. 204). Canagarajah argumenta que, devido à excessiva estratificação

43 No original: “[...] the design and construction of an artefactualized, technologically mediated representation of the self”.

44 Na mesma direção crítica à perspectiva da Sociolinguística da Globalização, Canagarajah cita James Collins, Mike Baynham e Stef Slembrouck (2009).

45 No original: “[...] its [Sociolinguistics of Globalization] emphasis on scales as vertical and hierarchical”.

de espaços sociais na perspectiva teórica da SG, “[esses espaços] não deixam margem para manobras”⁴⁶ (CANAGARAJAH, 2013b, p. 205). Este autor acrescenta seu ponto de vista para uma melhor apreciação sobre a ação interacional (com ênfase em aspectos de interculturalidade⁴⁷, no caso dos seus estudos) a partir da “possibilidade de que normas linguísticas possam ser renegociadas ou de que espaços sociais possam ser reconstruídos pelas pessoas em situações comunicativas”⁴⁸ (CANAGARAJAH, 2013b, p. 205). A perspectiva da abordagem de escalas-em-interação corrobora esse ponto de vista acerca de uma melhor apreciação sobre a ação interacional, no caso, à melhor compreensão das decisões performáticas no nível situado da ação interacional. Seguindo a perspectiva de complementação, entendo a afirmação de Blommaert (2018b, p. 4) acerca de um “realinhamento” de conceituações anteriores relacionadas aos conceitos de cronotopo e de escalas, a partir da “perspectiva radical de uma teoria da ação”, quando ele argumenta:

[...] há muito no momento-a-momento da evolução da ação social que desafia um *a priori* sobre identidade, comunidade e ação em si [...]. [O] que quer que consideremos ser identidade em interação não pode ser formulado em termos de coisas que já existem – recursos, categorias sociais, oportunidades e restrições à ação –, mas precisam ser vistas como efeitos sociais reais e concretos de tais interações situadas⁴⁹.

A afirmação de Blommaert converge com a perspectiva de Canagarajah acerca da “possibilidade de que normas sociolinguísticas possam ser renegociadas ou de que espaços sociais possam ser reconstruídos pelas pessoas em situações comunicativas”. Vê-se em ambas afirmações a consideração de um valor orientacional a normatividades “negociáveis” em seu componente estratégico associado à realização das ações situadas. As perspectivas de Blommaert e Canagarajah são articuladas ao entendê-las convergentes mais do que divergentes na análise das condutas-em-interação a partir das marcações de relevâncias discursivas e de efeitos dessas condutas na ação social.

| Agentividades e identidades como decisões performáticas

A conceituação de condutas-em-interação como movimentos de identidades, em referência a condutas como tomadas de posição, segue Karin Aronsson em sua argumentação de que o

46 No original: “[...] Social spaces are far too stratified. [...] They do not leave room for maneuver”.

47 Christina Bratt Paulston, Scott F. Kiesling e Elizabeth S. Rangel (2012) apresentam uma discussão ampla sobre os temas da interculturalidade e discursividade, da qual Canagarajah participa (Cf. Canagarajah, 2012).

48 No original: “[...] The possibility that language norms may be renegotiated or that spaces can be reconstructed by people in communicative situations needs more appreciation”.

49 No original: “There is much in the moment-to-moment evolving of social action that defies a prioris about identity, community and action itself [...]. [W]hatever we consider to be identity in interaction cannot be formulated in terms of stuff that is already there – resources, social categories, opportunities and constraints on action – but needs to be seen as concrete, actual social effects of such situated interactions”.

“alinhamento seja visto como um tipo específico de tomada de posição”⁵⁰ (ARONSSON, 1998, p. 79). Essa mesma fundamentação acerca da tomada de posição como movimentos de identidades leva ao entendimento sobre agentividades como decisões performáticas ao se observarem efeitos de tomadas de posição ligados à natureza estratégica das condutas. Essa natureza estratégica se verifica, por exemplo, em relação ao valor orientacional de vigilância atribuído a potenciais observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos. A discussão sobre agentividades e identidades como decisões performáticas tem como base os conceitos de performatividade e performance. A abordagem de escalas-em-interação traz a ideia da configuração das condutas como resultante da interseção de interpretações de potenciais performatividades realizadas em performances (decisões performáticas). Tomo de Bauman e Briggs (1990) o entendimento da performatividade como o sentido abstrato da realização de ações (*action-making reasoning*) e o da performance como o sentido realizado (*reasoning deployment*). Para o sentido abstrato da realização de ações na conformação da noção de performatividade, Bauman e Briggs (1990, p. 65) se referem à performatividade como “a interação de padrões formais complexos e heterogêneos na construção social de realidade[s]”⁵¹. Essa interação se relaciona aos processos (dialéticos nos termos de BAUMAN e BRIGGS) de julgamentos de potenciais performatividades na configuração das decisões performáticas (performances realizadas). Vê-se a ratificação desse entendimento no chamado desses autores para a consideração que “dê maior atenção à dialética entre performance[s] e seus contexto[s] sociocultura[is] e político-econômico[s] mais amplo[s]”, como forma de “explorar a relação [de discursos performáticos] com uma diversidade de contextos sociais”⁵² (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 61).

Sobre o aspecto dialógico (com sentido relacional) na noção de performance com um valor de indicição de discursos performáticos, Bauman e Briggs (1990, p. 60) afirmam:

[...] uma dada performance está ligada a um número de eventos de fala que o precedem e o sucedem [...]. Uma análise adequada de uma simples performance, então, requer trabalho etnográfico sensível de como suas forma e significado indiciam uma ampla gama de tipos de discurso, alguns dos quais não enquadrados como performance⁵³.

A argumentação de Bauman (2000, p. 4) sobre a performance, compreendida como “um modo eficaz de prática linguística, um potente meio de criar, negociar e demonstrar significado e valor social em realizações comunicativas na vida social”⁵⁴ reforça o entendimento sobre

50 No original: “Alignment can be seen as a specific type of positioning”.

51 No original: “[...] as the interaction of complex and heterogeneous formal patterns in the social construction of reality”.

52 No original: “[...] greater attention to the dialectic between performance and its wider sociocultural and political-economic context, we stress the way poetic patterning extracts discourse from particular speech events and explores its relationship to a diversity of social settings”.

53 No original: “A given performance is tied to a number of speech events that precede and succeed it [...]. An adequate analysis of a single performance thus requires sensitive ethnographic study of how its form and meaning index a broad range of discourse types, some of which are not framed as performance”.

54 No original: “[...] a consequential, efficacious mode of linguistic practice, a potent means of creating, negotiating, and displaying social meaning and value in the communicative accomplishment of social life”.

a conformação da performance como o sentido realizado. A ideia da decisão performática, relacionada a agentividades e identidades em escalas locais na interação comunicativa em diálogo com escalas translocais, equivale ao conceito de “realizações comunicativas” (como performances) de Bauman (2000). A mesma equivalência se dá em relação ao conceito de “performances” em Alastair Pennycook (2007, p. 69, ao referenciar BUTLER, 1990): “uma maneira de realizarmos atos de identidade como uma série de performances sociais e culturais em processo ao invés da expressão de uma identidade prévia”⁵⁵. Vejo tal equivalência ao entender que esses conceitos – decisões performáticas, realizações comunicativas e atos de identidade – dizem respeito a sentidos realizados como performances, a partir do conceito de performatividades como o sentido abstrato da realização de ações; performatividades sendo relacionadas a potenciais contextos de interpretação julgados para a construção dos sentidos realizados nas decisões performáticas.

Nessa mesma direção de equivalências teóricas (e metodológicas), observo uma convergência na conceituação de performatividade em Joana Pinto (2007), em sua perspectiva de radicalidade no trabalho com performatividades, segundo a visão performativa da linguagem, que “deve integrar a complexidade das condições do sujeito que fala e levar às últimas conseqüências a identidade entre dizer e fazer, insistindo na presença do ato na linguagem; ato que transforma – opera” (PINTO, 2007, p. 7). A autora, ao referenciar Judith Butler (1997) sobre condições do ato de fala na perspectiva de enunciados performativos, reforça o entendimento da performatividade conformada por condições de realização para além da noção de “contexto simples”, com limites de tempo e espaço “facilmente definidos” (Cf. PINTO, 2007, p. 9).

A partir do entendimento da noção estendida – integrativa de complexidade de condições (para dizer e para fazer) na configuração de atos de identidade – na compreensão das performatividades, conformada por condições de realização para além da noção de contexto simples com limites de tempo e espaço facilmente definidos, atribui-se um valor convergente à noção de contextos como condições de interpretação na construção de sentidos, seguindo o conceito de contextualização em Blommaert (2018a) e Blommaert *et al.* (2018). Outra equivalência entre os conceitos decisões performáticas, realizações comunicativas e atos de identidade é observada com relação ao componente ideológico nas construções das agentividades como “práticas comunicativas”. Paraphrasing Blommaert (2018a), práticas desse tipo conformam sempre e invariavelmente “ato[s] de [realização de] identidades”⁵⁶. A referência à negociação de significado e valor social em realizações comunicativas na vida social, por Bauman (2000), referida acima, reforça o componente ideológico como componente intrínseco das agentividades como práticas comunicativas.

55 No original: “[...] a way [of] perform[ing] acts of identity as an ongoing series of social and cultural performances rather than as the expression of a prior identity”.

56 No original: “Communicative practice is always and invariably an act of identity”.

A ideia da inter-relação entre agentividades e identidades se explica ao compreendê-las construídas em diálogos que estabelecemos conosco e com os outros e, ao mesmo tempo, definindo representações e realizações de sentidos (interpelações), sobre nós e sobre os outros, com base em contextos nos quais interagimos. Essa compreensão sobre a construção dialógica de representações e interpelações corrobora a noção de extensão integrativa de complexidade de condições (para dizer e para fazer) na configuração de atos de identidade (PINTO, 2007). Para a noção de identidades e agentividades (no plural), tomo o conceito de pluralização de identidades em Stuart Hall (2006 [1992], p. 12), o qual caracteriza o sujeito pós-moderno (nos termos do próprio Hall): “[...] como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Com base nessa afirmação, as noções de representação e interpelação ligadas ao conceito de identidades, e aqui, também, ao de agentividades, como atos de tomada de posição de agentes-em-interação, se referem a adjetivações que predicam coisas e pessoas e resultam em uma imagem concreta – real ou virtual –, observando-se o caráter situado das representações e interpelações. Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2004, p. 433, referenciados em MARIN, 1993) afirmam que “representações configuram-se em discursos sociais que testemunham, alguns, o saber de conhecimento sobre o mundo, outros, sobre um saber de crenças que encerram sistemas de valores dos quais os indivíduos se dotam para julgar essa realidade”. A apreensão de valores é vista como a representação e a atribuição de valores como a interpelação e ambas se dão a partir das vivências nos diversos contextos de experiências (eventos) dos agentes-em-interação. O aspecto situado dessas apreensão e interpelação é reforçado ao serem tomadas como imbricadas uma na outra na perspectiva dialógica e intersubjetiva da construção dos sentidos na ação social.

| Trajetórias de condutas na conformação de agentividades e identidades

A noção da celebração móvel na construção das identidades (HALL, 2006 [1992]) referencia a ideia de trajetória de condutas na conformação das agentividades e identidades, consoante a noção de fluxos – ao longo do tempo e entre situações – de Dufva e Aro (2015). Nessa ideia de trajetória, para a configuração das agentividades e identidades localmente situadas, as condutas-em-interação seriam indiciadas em escalas multidimensionais de caráter retrospectivo e prospectivo. Com esse entendimento, agentividades são mediadas por condutas, as quais acionam recursos indiciais locais e translocais e implicam efeitos na construção das identidades na e para além de escalas locais na ação social (Cf. *Condutas-em-interação configurando trajetórias de agentividades e identidades*). Ao entender a noção de trajetória associada ao aspecto relacional,

que se refere aos potenciais [recursos] de significação transcendentem à situação e que moldam a ação [situada] (STEFFENSEN, 2015) na conformação das condutas-em-interação, o aspecto relacional se refere ao caráter dialógico na configuração das trajetórias de condutas iniciadas em escalas multidimensionais retro e prospectivas para a configuração das agentividades e identidades localmente situadas.

Busco demonstrar esse caráter dialógico na conformação das trajetórias das condutas a partir da apresentação das orientações para as decisões performadas, na expectativa de tornar “mais explícita” a alegada fluidez reportada (a seguir) por Dufva e Aro (2015, p. 38) (fluidez que associa à natureza de abstração na afirmação de Blommaert sobre a noção de escalas – um conceito notoriamente abstrato e difícil de demonstrar no comportamento real): “[...] para entender a agentividade, devemos observar sua fluidez no tempo e no espaço em vez de vê-la como estado fixo ou produto finalizado. Por um lado, a agentividade está sujeita a alterações e mudanças, já que pode mudar ao longo do tempo e também variar entre situações”⁵⁷.

A argumentação sobre a perspectiva dialógica e intersubjetiva para a análise das agentividades e identidades se reporta a Dufva e Aro (2015, p. 38) em suas considerações à agentividade “como fenômeno dialógico, ou relacional, que precisa ser examinado tanto subjetivamente experienciado como coletivamente emergente, [...] considerando o todo onde ambiente físico, comunidade e diálogos se interconectam com a experiência única individual”⁵⁸. Ambiente físico, comunidade e diálogos são associados à noção de escalas sociolinguísticas na perspectiva do trabalho de organização interacional multidimensionalmente distribuído. Tal associação traz o entendimento sobre o ambiente físico e os aspectos pertinentes à comunidade e a diálogos relacionados a potenciais normatividades socioculturais na configuração das condutas na ação social; tais normatividades conformam a natureza policêntrica dessas condutas.

Nessa mesma ideia de trajeto para a construção dos sentidos em performances, Bauman e Briggs (1990, p. 80) se referem ao modo de análise (que se entende dialógico) de histórias de performances como:

[...] um modo de iluminar estruturas sistêmicas mais amplas nas quais performances desempenham um papel constitutivo; e de ligar performances com outros modos de uso da linguagem dadas descentralizações e recentralizações, ambas dentro e para além de eventos referidos, citados, avaliados, reportados, referenciados, retomados, e de certa forma transformados na produção e reprodução de vida social⁵⁹.

57 No original: “Thus, in order to understand agency, we should be looking at its fluidity in time and space rather than seeing it as a steady state or finished product. On the one hand, agency is exposed to alteration and change, as it may change over time and also vary across situations”.

58 No original: “[...] as a dialogical, or relational, phenomenon that needs to be examined as both subjectively experienced and as collectively emergent, [...] regarding the whole where the physical environment, community and dialogues intertwine with the individual unique’s experience”.

59 No original: “[...] a way toward constructing histories of performance; toward illuminating the larger systemic structures in which performances play a constitutive role; and toward linking performances with other modes of language use as performances are decentered and recentered both within and across speech events – referred to, cited, evaluated, reported, looked back upon, replayed, and otherwise transformed in the production and reproduction of social life”.

Vejo semelhança entre a perspectiva da análise de histórias de performances com a perspectiva de análise de eventos cruzados (*cross-events perspective* em AGHA, 2005a/b; 2007; CLONAN-ROY; RHODES; WORTHAM, 2016; LEMKE, 2000; WORTHAM, 2005, 2008). A compreensão das identidades relacionadas às trajetórias de experiências de socialização (WORTHAM, 2005) dos participantes considera recursos indiciais socioculturais que as compõem (Cf. estruturas em BLOCK, 2013; convenções socioculturais em DREW; HERITAGE, 1992) e que estariam sendo relevantes nas ações situadas; nessa mesma perspectiva, entendo a noção de histórias de performances em Bauman e Briggs (1990). A ideia das trajetórias com relação às vivências em diversos contextos de experiências na perspectiva de eventos cruzados corrobora a argumentação de Dufva e Aro (2015) sobre os fluxos no tempo e no espaço na conformação de agentividades. O caráter de continuidade que envolve a agentividade em Dufva e Aro se relaciona à multidimensionalidade que envolve os recursos de indicação da ação situada advindos de experiências interacionais prévias e, ainda, a expectativas sobre futuras experiências do tipo.

O caráter dialógico da perspectiva dialógico-intersubjetiva na análise das agentividades e identidades está relacionado aos recursos de indicação para a configuração das condutas na construção das ações situadas, ao se entenderem tais recursos como condutas cronotópicas cruzadas (*cross-chronotope alignments*), as quais “transpõem eus por entre zonas distintas de espaçotempos culturais por meio de práticas comunicativas que têm consequências imediatas em como atores sociais em esferas públicas são mobilizados a pensar, sentir e agir”⁶⁰ (AGHA, 2007, p. 234). A análise das agentividades e seu papel na configuração das condutas na interação, dada a inter-relação entre agentividades e identidades, alinha-se à proposta de Stanton Wortham, referenciada na noção de cadeias de eventos (*speech chains* em AGHA, 2005a), sobre os componentes de intertextualidade em construções de identidades ao longo de trajetórias de socialização. A noção de trajetórias de socialização é vista como “um processo inerentemente intertextual que deve ser estudado em parte pelo exame de ligações entre eventos ao longo do tempo”⁶¹ (WORTHAM, 2005, p. 97).

Perspectiva semelhante é adotada por Katherine Clonan-Roy, Catherine Rhodes e Wortham (2016) ao considerarem a noção de redes de recursos relevantes na definição de escalas para o entendimento de identidades sociais. Esses autores abordam a noção de trajetórias, no caso trajetórias de identificação (*trajectories of identification* – consoante a explicação anterior sobre a representação referenciada em CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004) relacionadas ao entendimento de identidades sociais, e chamam a atenção para a definição por parte de analistas “de quais configurações das fontes tornam-se relevantes em cada caso focal”⁶² (CLONAN-ROY

60 No original: “[...] transposing selves across discrete zones of cultural spacetime through communicative practices that have immediate consequences for how social actors in the public sphere are mobilized to think, feel and act”.

61 No original: “Socialization, as an inherently intertextual process, must be studied in part by examining links among events across time”.

62 No original: “To account for the trajectories of identification that any individual actually travels, analysts must determine which configurations of resources become relevant in any focal case”.

et al., 2016, p. 12); fontes entendidas como os contextos (eventos) aos quais se relacionam os recursos de indicição das identidades interpeladas ou representadas.

A partir da argumentação de Agha acerca de condutas cronotópicas cruzadas realizadas em práticas comunicativas que transpõem eus por entre zonas distintas de espaçotempos (AGHA, 2007), identifico uma correlação entre essas práticas e o trabalho de elaboração de complexos de identidades (BLOMMAERT, 2017; LI; BLOMMAERT, 2017) na indicição das decisões performáticas dos agentes na ação social. Compreendo o trabalho de elaboração dos complexos de identidades na perspectiva da construção das agentividades e identidades ao considerar o julgamento de potencialidades associadas à natureza multienquadrada da interação, no caso das identidades representadas ou interpeladas. Tal trabalho de elaboração se dá em relação a um repertório de identidades requeridas e que apresenta “diferentes recursos e modelos normativos de comportamento (‘microhegemonias’) [...] realizados em [suas] configurações TempoEspaciais específicas”⁶³ (BLOMMAERT, 2017, p. 2). Blommaert, em sua Teoria Indicial-Polinômica da Ação Social, se refere à noção de múltiplas microhegemonias como “conjuntos de normas altamente específicas”⁶⁴ (BLOMMAERT, 2018a, p. 50), relacionadas a múltiplas normas, tanto locais como translocais, que compõem qualquer ação social na qual as pessoas se engajam comunicativamente. Essas microhegemonias se relacionam a normatividades socioculturais e moralidades a elas associadas, orientadoras de condutas contingentes e situadas. Essas condutas contingentes demandam um trabalho de construção de comunicações interacionais altamente elaborado e que pressupõe o julgamento (a valoração) de potenciais recursos indiciais em decisões performáticas dos participantes. A relação das microhegemonias com configurações TempoEspaciais específicas mostra o alinhamento de Blommaert (e de sua abordagem de escalas sociolinguísticas) à perspectiva (bakhtiniana) dialógica de cronotopo (Cf. AGHA, 2007).

Antecipando discussão sobre a apropriação da compreensão da estrutura estilística do discurso literário em Bakhtin (Cf. *Do caráter dialógico*), em sua noção do dialogismo social interno (BAKHTIN, 1981), para os discursos na comunicação interacional situada, o componente ideológico está associado às agentividades como atos de identidades (BAUMAN, 2000; BLOMMAERT, 2018a; PENNYCOOK, 2007; PINTO, 2007) em relação aos valores atribuídos aos recursos de indicição pelos participantes, seus e de outrem, na construção dos sentidos nas decisões efetivamente performadas. Tais atos de identidades podem ter dentre suas fontes de indicição componentes oriundos de vivências em contextos socioculturais para além da sala de aula, e perspectivas futuras (prospectivas em AGHA, 2007; BLOMMAERT, 2015a; SILVERSTEIN, 2005); esta última como a dimensão proléptica em Blommaert *et al.* (2015). Os sentidos acerca das agentividades e identidades são observados com relação a dimensões de escalas locais e

63 No original: “[...] different resources and normative behavior templates (‘microhegemonies’) [...] deployed in [their] specific TimeSpace configurations”.

64 No original: “[...] sets of highly specific norms”.

translocais e fundamentados na compreensão sobre as interrelações entre elementos conexos a estas escalas na constituição das agentividades, por conseguinte, na composição das identidades, consoante a perspectiva de eventos cruzados. Dessa compreensão, se configura a natureza multidimensionalmente distribuída na configuração dialógica e intersubjetiva das trajetórias das condutas no trabalho de organização interacional (*interactional order* em GOFFMAN) (Cf. Fig. 2)⁶⁵.

| Sobre o componente estratégico na conformação de condutas-em-interação

A descrição e análise das condutas, e dos seus efeitos, na dinâmica das ações interacionais têm como referencial a noção de condutas-em-interação dos participantes como “o meio complexo pelo qual os humanos efetivam uma interação coordenada e mantêm essa interação em termos dinamicamente adaptativos”⁶⁶ (ATKINSON *et al.*, 2007, p. 169). Relaciono o caráter dinamicamente adaptativo à noção das condutas estratégicas, que, nos casos que apresento, se referem às decisões performáticas dos participantes orientadas à presença dos artefatos, as quais se configuram a partir do julgamento de potenciais normatividades e moralidades associadas às naturezas multienquadrada e multidimensional da interação. Na conformação das condutas, o componente ideológico, relacionado ao construto das identidades, é visto na perspectiva da tomada de posição como componente estratégico. O componente estratégico está atrelado ao julgamento das normatividades e moralidades na configuração das decisões performáticas. De tal sorte, a potencialidade de julgamentos se relaciona à interpretação de potenciais performatividades como recursos de indiciação para as decisões efetivamente performadas, estas associadas ao conceito de sentidos realizados (*reasoning deployment* em BAUMAN; BRIGGS, 1990). Semelhante entendimento se dá em relação à distinção entre normatividades e moralidades, respectivamente, em seus caracteres de potencialidades e de realização de potencialidades, ambas associadas à vida social (DURKHEIM).

A ideia de normatividades é tomada como o componente de abstração em seu aspecto de potencialidade e a ideia de moralidades como o componente de normatividades realizadas. Dessarte, a ideia de normatividades se relaciona à potencialidade de regras de conduta disponíveis no julgamento das moralidades observadas nas decisões efetivamente performadas. Tal relação é elaborada a partir de Durkheim (2002 [1934], p. 50), em sua argumentação sobre o princípio geral para o conceito de moralidade (que está associado à normatividade ao tomá-la em seu

65 Para efeito de contextualização de outros usos teóricos do termo “distribuído”, com relação à noção do aspecto distribucional observado na orientação a recursos de indiciação de escalas translocais (retro e prospectivamente), em analogia ao aspecto relacional que adoto na perspectiva multidimensional no trabalho de organização interacional, registre-se o uso do termo estendido, que remete à Abordagem Distribucional da Linguagem (ADL – Distributed Language Approach [DLA]) apresentada por Steffensen (2015); embora, em perspectivas marcadamente opostas dada à ênfase da ADL ao componente cognitivo individual, não intersubjetivo (não comunicativo), na abordagem dos focos de atenção nesses estudos. Tomo o aspecto estendido como correspondente ao relacional e, nesse sentido, prefiro este àquele.

66 No original: “Alignment is the complex means by which human beings effect coordinated interaction, and maintain that interaction in dynamically adaptive ways”.

aspecto de potencialidade): “o campo da vida verdadeiramente moral começa apenas onde o campo da vida coletiva começa, ou, em outras palavras, que somos seres morais apenas na medida em que somos seres sociais”⁶⁷. Para a análise do componente estratégico nas condutas-em-interação, dadas as normatividades e moralidades concernentes à vida social em sala de aula, associo o componente estratégico às formas criativas e produtivas de negociar condutas morais no ambiente de pouca potencialidade para tal.

Retomando a ideia de fluxos – ao longo do tempo e entre situações (DUFVA; ARO, 2015) – na análise das agentividades e identidades, a participação na interação é entendida na perspectiva de um *continuum* entre decisões performáticas mais ou menos agentivas para a definição das agentividades e identidades. Ao considerar essa perspectiva, e com base nos casos em análise, o nível de orientação nesse *continuum* está associado à noção de condutas mais ou menos estratégicas relacionadas aos caracteres panóptico e anômico atribuídos à presença dos artefatos – câmera e gravador. Ainda, o componente estratégico se orienta a potenciais observadores copresentes, aos quais são atribuídos valores indiciais mediados pela materialidade dos artefatos. O componente estratégico na conformação das condutas-em-interação, relacionado às naturezas panóptica e anômica associadas à presença dos artefatos, se refere à resistência ao poder de vigilância (*résistance au pouvoir de surveillance* em FOUCAULT; *surveillance* em RAMPTON; ELEY, 2018), interpelado (ou representado) em potenciais identidades associadas a potenciais observadores copresentes. Uma natureza interativa atribuída a potenciais observadores copresentes é observada a partir da atribuição de valores indiciais orientacionais à i/materialidade desses observadores. Com base nessa natureza interativa, discute-se a pertinência de categorizar tais observadores como (supra) agentes na perspectiva da supranormatividade atribuída à presença dos artefatos como mediadores desses observadores copresentes. Essa supranormatividade se observa em função do caráter panóptico, aliado ao anômico, ambos atribuídos, respectivamente, ao potencial poder de vigilância (FOUCAULT; RAMPTON; ELEY, 2018) e à ambivalência (DURKHEIM; BLOMMAERT, 2018a); valores mediados pela presença dos artefatos.

A noção de normatividades é entendida como intrinsecamente associada com moralidades, vistas como “experienciadas e percebidas para além do alcance e da intenção dos indivíduos e como normas concernentes à vida social [na sala de aula]”⁶⁸ (BLOMMAERT, 2018a, p. 8). Normatividades se relacionam a normas socioculturais implicadoras de potenciais julgamentos sobre moralidades associadas à adequação de condutas-em-interação em ações comunicativas. Padrões normativos naturalizados, por exemplo, de “aceitação” de padrão normativo relacionado à retórica corporal da disciplina (FOUCAULT, 2013 [1975]), instanciam moralidades associadas a condutas de alunos nessa análise. Aqui, referencio o conceito de *habitus* interpretativo em

67 No original: “[...] il importait d’établir ce principe général que le domaine de la vie vraiment morale ne commence que là où commence le domaine de la vie collective, ou, en d’autres termes, que nous ne sommes des êtres moraux que dans la mesure où nous sommes des êtres sociaux”.

68 No original: “[...] experienced and perceived as beyond the grasp and intention of individuals, and as compelling norms of social life”.

Walkyria Monte Mór (2007, 2013, 2018), a partir da referenciação ao conceito de *habitus* linguístico em Pierre Bourdieu⁶⁹, o qual entendo análogo à ideia dos padrões normativos naturalizados associados ao componente estratégico de adequação às autoridades epistêmicas do professor e do pesquisador. A conceituação para *habitus* interpretativo remete à noção de hierarquias interpretativas naturalizadas (nos termos de MONTE MÓR, 2018), que se coadunam à noção dos padrões normativos associados ao poder de vigilância como padrões normativos naturalizados.

Retomando a argumentação sobre a supranormatividade em função das naturezas panóptica e anômica atribuídas, respectivamente, ao potencial poder de vigilância (FOUCAULT; RAMPTON; ELEY, 2018) e à ambivalência (DURKHEIM; BLOMMAERT, 2018a) da presença dos artefatos, a natureza panóptica associada a potenciais observadores mediados por essas presenças pode ser vista não como um sistema de poder em si, mas em relação à ideia de criar condições para sistemas de poder representados ou interpelados em potenciais efeitos estratégicos de normatividades e moralidades na comunicação interacional. Sobre efeitos de condições associadas à circulação de potenciais poderes, analogamente associados às naturezas panóptica e anômica da presença dos dispositivos na perspectiva da supranormatividade, Michel Foucault (2001 [1977], p. 195) afirma: “tornou-se necessário circular os efeitos do poder através de canais cada vez mais sutis, para os próprios indivíduos, para seus corpos, para suas ações, até cada uma das suas [decisões performáticas] diárias”⁷⁰. No que concerne à eficácia desses efeitos, Foucault (2001 [1977], p. 206) traz a noção da resistência ao potencial poder de vigilância como uma “resistência ao panóptico em termos de tática e estratégia, entendendo-se que cada ofensiva de um lado é um ponto de apoio a uma contraofensiva do outro lado”⁷¹.

Sobre as características estratégicas da resistência, numa associação com a metáfora da luta, Foucault (2001 [1977], p. 206) argumenta: “este tema da luta torna-se operativo somente se concretamente estabelecermos, e em cada caso, quem está em luta, qual é a luta, em que lugar, com que instrumentos e de acordo com que racionalidade”⁷². Essa operacionalidade nas estratégias de resistência é associada à natureza situada de tais estratégias. O alinhamento da análise aqui apresentada, quanto à associação relacional de contraofensiva à natureza responsiva de uma ofensiva, na perspectiva do embate de forças (em luta), mostra-se consoante à ideia

69 Cf. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1970, p. 48): “*habitus* como princípio gerador de práticas reprodutivas de estruturas objetivas.” No original: “*l’habitus comme principe générateur de pratiques reproductrices des structures objectives*”. William F. Hanks (2005, p. 71) referencia Bourdieu (1974) ao apresentar a definição de *habitus* como “o princípio social, gerativo e unificador que torna inteligível a singularidade do criador individual.” No original: “the social, generative, unifying principle that makes intelligible the singularity of the individual creator” (p. 165-166; cf. Anna C. BENTES, Renato C. REZENDE e Marco Antônio R. MACHADO, 2008).

70 No original: “[...] on rendu nécessaire de faire circuler les effets du pouvoir, par des canaux de plus en plus fins, jusqu’aux individus eux-mêmes, jusqu’à leurs corps, jusqu’à leurs gestes, jusqu’à chacune de leurs performances quotidiennes”.

71 No original: “[...] résistance au panoptique en terms de tactique et de stratégie, en se disant que chaque offensive d’un côté ser de point d’appui à une contre-offensive de l’autre côté”.

72 No original: “Ce thème de la lutte ne devient opératoire que si on établit concrètement, et à propos de chaque cas, qui est en lutte, à propos de quoi, comment se déroule la lutte, en quel lieu, avec quels instruments et selon quelle rationalité”.

de Foucault de que cada ofensiva de um lado é um ponto de apoio a uma contraofensiva do outro lado. Observa-se uma orientação (racionalidade indicial nos termos de FOUCAULT) de contraofensiva à natureza responsiva de uma ofensiva (novamente à guisa de ilustração), *vis-à-vis* a configuração da associação relacional nas instâncias de recalibragem (BLOMMAERT *et al.*, 2015) nos turnos-em-interação de remediação do xingamento (Cf. *Conduitas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades*). Atribui-se ao componente estratégico nas recalibragens, representado e interpelado por meio dos turnos-em-interação de remediação do xingamento, um valor associado a uma potencial contraofensiva ao xingamento pelos observadores copresentes mediados pelos poderes panóptico e anômico atribuídos à presença da câmera. Identifico a construção estratégica da preservação de eus (RAMPTON; ELEY, 2018) nas instâncias de recalibragem nos turnos-em-interação de remediação do xingamento, ao relacionar as instâncias de recalibragem ao valor associado à potencial contraofensiva aos turnos-em-interação de xingamento. A recalibragem está relacionada ao julgamento que considera a convergência das normatividades e moralidades associadas à posição das autoridades epistêmicas do pesquisador e do professor.

Compreender as decisões performáticas como estratégias de resistência, em vista das condições que os indivíduos constroem para os sistemas de poder com os quais se deparam, parece esclarecedor para a análise das orientações nas agentividades e identidades observadas nas condutas-em-interação estratégicas. Ao considerar valores indiciais supraescalares panóticos e anômicos associados à vigilância de potenciais observadores copresentes, pela mediação dos artefatos, parece plausível afirmar que a ausência de um efeito evidente da presença dos dispositivos de gravação demonstra um efeito crítico de suas presenças, que se identifica em decisões performáticas de participantes orientadas supranormativamente à presença desses artefatos. O entendimento da relação entre as naturezas panóptica e anômica e orientações a autoridades epistêmicas (do pesquisador e do professor) mediadas pelos artefatos segue Lorenza Mondada (2013, p. 598), em sua noção do caráter dinâmico na configuração de formas de apresentação e negociação de autoridades epistêmicas, o qual “mostra que uma autoridade epistêmica pode ser questionada, confrontada e negociada de maneira flexível dentro de atividades situadas e contextos sequenciais contingentes”⁷³. O caráter dinâmico, no caso do exemplo da recalibragem, pode ser associado à configuração da identidade confrontadora nos turnos-em-interação multimodais de xingamento, negociada de maneira estratégica na configuração da identidade conciliadora nos turnos-em-interação multimodais de remediação do xingamento.

Elaborando a ideia da natureza anômica associada à ambivalência da presença dos artefatos, relaciono-a à ambivalência na construção do julgamento de potenciais normatividades a partir da noção de anomia elaborada por Durkheim (2000 [1897], p. 322), associada a um “estado de

⁷³ No original: “[...] showing that epistemic authority can be challenged, competed with and negotiated in a flexible way within situated activities and evolving sequential contexts”.

desregramento [ausência de regras de conduta], ou *anomia*”, como parte de sua argumentação sobre a consciência moral das sociedades. Com base na ideia da elaboração criativa e produtiva por Blommaert (2018a, p. 12) – “formas nas quais a anomia permite formas alternativas de organização social”⁷⁴ – para a noção de anomia de Durkheim⁷⁵, a qual “descreve uma situação na qual indivíduos rejeitam ordens normativas disponíveis ou não podem recorrer a elas, seja pela ausência de tais ordens seja por excessiva restrição de acesso a elas”⁷⁶ (BLOMMAERT, 2018a, p. 11), identifica-se um paralelo entre essa elaboração criativa e produtiva e os casos mostrados na análise que trago, nos quais se observam condutas-em-interação conformadas dos componentes de criatividade e “operacionalidade” na perspectiva estratégica de negociar condutas dada à excessiva restrição de acesso a normas claras associadas à presença dos artefatos⁷⁷. Sobre a elaboração criativa e produtiva, Blommaert (2018a, p. 12) complementa:

[...] a visão de anomia [de Durkheim] pode também ser mais útil quando entendida não como um fenômeno de cima pra baixo – do ‘centro’ da sociedade em direção a suas margens – mas como um fenômeno relacional geral operando em todos os níveis da vida social na forma de juízos normativos (negativos) de um sobre o outro⁷⁸.

A elaboração criativa e produtiva para a noção de anomia é observada com relação à ideia das potencialidades de condutas atribuídas a juízos normativos e morais, considerando-se normatividades e moralidades associadas à ambivalência de normatividades e moralidades mediadas pela presença dos artefatos. Ao mesmo tempo, observa-se uma complementaridade à elaboração criativa e produtiva da noção de anomia na perspectiva estratégica da resistência ao potencial poder de vigilância – resistência ao panóptico em termos de tática e estratégia em Foucault. O valor estratégico nas agentividades e identidades é compreendido como formas de criar e produzir papéis alternativos àqueles esperados (*naturalizados*; aqui, associo a noção do *habitus* interpretativo em MONTE MÓR) na construção da ação social sob foco ao associar esse valor estratégico a um valor de ambivalência atribuído à presença dos artefatos.

Um paralelo entre o caráter produtivo para a noção de anomia em Durkheim, apresentado por Blommaert, pode ser observado nas condutas estratégicas orientadas ao cuidado com a imagem captada. Dadas as moralidades associadas às normas concernentes à vida social na sala de aula,

74 No original: “[...] the ways in which anomie spawns alternative ways of social organization”.

75 Blommaert, em sua argumentação sobre a noção de anomia elaborada por Durkheim, referencia os seguintes trabalhos: 1967 [1893] e 1951 [1897].

76 No original: “Anomie describes a situation in which individuals reject available normative orders or cannot draw on them, either by absence of such orders, or because access to them is severely restricted”.

77 Opto pelo substantivo *operacionalidade*, em substituição a seu equivalente *produtividade*, a partir da elaboração de Blommaert à ideia da elaboração produtiva, na perspectiva da noção de estratégia de Foucault (2001 [1977]), ao entender o termo *operacionalidade* como tradução mais adequada ao sentido proposto por Blommaert.

78 No original: “His view of anomie can also be made more useful when it is understood not as a top-down phenomenon – from the ‘center’ of society towards its margins – but as a general relational phenomenon operating at all levels of social life in the form of (negative) normative judgments of one about another”.

tais condutas estratégicas são vistas como formas criativas e produtivas de negociar agentividades e identidades em ambiente de pouca potencialidade para papéis alternativos do tipo. Ainda no sentido da complementaridade à elaboração criativa e produtiva da noção de anomia, em perspectiva estratégica de autopreservação (FOUCAULT, 2001 [1977]), há exemplos de condutas conformadas por turnos-em-interação estratégicos de dissimulação da atenção à presença da câmera, na forma de simulação de desatenção a essa presença. Tais condutas conformadas por turnos-em-interação estratégicos de dissimulação da atenção à presença da câmera podem ser associadas à noção de revelação pessoal (*personal revealment* em GOFFMAN, 1983a). Nessa elaboração criativa e produtiva, em função das ambivalências associadas à presença dos artefatos, moralidades relacionadas a normas socioculturais implicadoras de julgamentos de potenciais condutas na interação comunicativa podem ser dinamicamente negociadas (MONDADA, 2013). Essa negociação dinâmica é vista no caráter relacional da noção de Blommaert para a noção negativa da anomia por Durkheim (nos termos de BLOMMAERT, 2018a). O caráter relacional corrobora a perspectiva dialógico-intersubjetiva na indicação de normatividades e moralidades de experiências retrospectivas, associadas a escalas translocais, análogas a experiências vividas em escalas locais na interação em foco. Como antecipação da argumentação sobre as noções de implantação de Blommaert (2018a) e de incrementação de Schegloff (1992), tais noções estão associadas, respectivamente, a mundos trazidos pelos participantes, por meio da indicação de normatividades e moralidades de experiências retrospectivas, para a coconstrução de mundos incrementados na comunicação interacional (Cf. *Do caráter dialógico*).

Condutas estratégicas de dissimulação de atenção na forma de turnos-em-interação de simulação de desatenção à presença dos artefatos são vistos como parte da elaboração de formas agentivas, criativas e produtivas, de negociar identidades no ambiente da sala de aula, de pouca potencialidade para papéis alternativos – informado por orientações para metas de caráter [normativo e moral] convencional relativamente restrito (Cf. DREW; HERITAGE, 1992, item 1, p. 22) –, dadas as rígidas normas concernentes à vida social em sala de aula (BLOMMAERT, 2018a). Essas normas rígidas, as quais compõem recursos indiciais socioculturais – convenções socioculturais – relacionados a normatividades e moralidades em ambiente institucional de sala de aula –, se tornam potenciais de negociação em função do caráter anômico atribuído à presença dos artefatos, o qual cria potenciais condutas-em-interação. Formas criativas e produtivas associadas a potenciais orientações à presença dos artefatos, de certo modo, corroboram a argumentação sobre limites especiais e particulares quanto àquilo que um ou ambos os participantes vão tratar como contribuições admissíveis ao que está sendo tratado na ordem do dia (Cf. DREW; HERITAGE, 1992 – item 2, p. 22).

O caráter agentivo conformado pelo componente estratégico nas decisões performáticas é verificado como parte da negociação de limites especiais e particulares na construção da ordem interacional na comunicação (GOFFMAN), considerando-se a potencialidade das

condutas dada a ordem do dia – primeiro dia de registros audiovisuais –, à qual se atribui o caráter da supranormatividade orientando a configuração das agentividades e identidades performadas. A presença dos artefatos é associada ao componente relacional ligado à ordem normativa atribuída a essa presença dadas as condutas estratégicas (criativas e produtivas) dos participantes, considerando-se a potencial orientação policêntrica que reconhece, a partir da presença dos artefatos, normatividades (ambivalentes) na vida social da sala de aula de ILA para as decisões performadas. Semelhante perspectiva de semiotização de artefatos é apresentada por Charles Goodwin (2007) e Ben Rampton e Louise Eley (2018), que mostram análises com foco em artefatos específicos, respectivamente, o livro de exercício (*workbook*) e câmeras de monitoramento de rua e equipamentos de revista corporal eletrônica (*body scanners*) em aeroportos. Aliado ao valor mediacional multiescalar dos artefatos para as condutas estratégicas dos participantes, consideram-se tais artefatos como agentes mediadores, dada a maneira como os participantes os abordam, particularmente a câmera, *vis-à-vis* as condutas e orientações que reforçam valores panópticos e anômicos atribuídos à presença destes artefatos. Novamente, à guisa de exemplificação da referência aos artefatos como agentes mediadores que reforçam tais valores, observam-se normatividades associativas de respeito, marcando o índice multiescalar sociocultural à presença desses artefatos, por exemplo, no efeito escalar agregacional sinalizado por movimentos de condutas que passam do tipo desatento (ou menos atento) ao tipo atento (ou menos desatento) orientadas a características na conformação dos turnos-em-interação multimodais de alerta (Cf. *Normatividades e moralidades configurando o caráter supranormativo da presença dos artefatos*).

Para a conformação das condutas, são considerados o grau de convergência entre estas e padrões normativos e morais observados em orientações a tais condutas. Pontos de referência para níveis de convergência dos artefatos na orientação de condutas de participantes são apresentados na Figura 3, dentro de polos positivos e negativos de um *continuum* de percepção da presença desses dispositivos.

Figura 3 – Pontos referenciais para valores indiciais orientacionais e níveis de convergência no *continuum* de percepção da presença dos dispositivos de gravação



Condutas são configuradas de acordo com o valor indicial orientacional: em limite convergente ([+]), à orientação mais atenta (ou menos desatenta) à presença dos artefatos; e em limite não convergente ([-]), à orientação mais desatenta (ou menos atenta) a essa presença. O valor mediacional dos artefatos varia de condutas convergentes ([+]) a não convergentes ([-]) à

preocupação com suas presenças. Com relação aos polos positivos e negativos no *continuum*, para níveis de orientação inter e intraindividuais, valores orientacionais menos/mais des/atentos (RAMPTON; ELEY, 2018) explicam os níveis de convergência inter e intraindividuais na orientação à presença dos artefatos. Valores orientacionais des/atentos são relacionados a processos de atenção (*attendance processes*) nos trabalhos de Goffman, que se referem a focos de atenção de participantes-em-interação, semelhante ao que é observado em relação ao valor orientacional atribuído aos artefatos nos casos aqui apresentados, dada a relevância de tais artefatos para a dinâmica da ordem interacional.

Na análise das convergências, consideram-se convenções socioculturais relacionadas a normatividades e moralidades no ambiente institucional da sala de aula que dizem respeito a formas de participação assimétricas entre participantes (ABELED0, 2008; cf. GARCEZ, 2006), observadas em relação ao valor orientacional atribuído a potenciais autoridades epistêmicas associadas à presença dos artefatos. No limite extremo positivo ([+]), por exemplo, observam-se os turnos verbais da MarEF (001; 002 – Exc. 01⁷⁹) como instâncias do valor convergente da sua orientação para a presença dos artefatos, que mostra uma relevância mais marcada, configurando uma maior atenção a essas presenças.

Excerto 01 – Percepção e reação da MarEF à presença dos equipamentos de registro [grvdr 03:55]

[...] ⁸⁰

001MarEF-()sentar aqui não,(o da) câmera, olhando assim pra mim?⁸¹

[...]

002MarEF-↑<um gravador, MEU DEUS.>((*surpresa com posicionamento do gravador próximo ao local onde escolheu*))

As falas da MarEF marcam o efeito do seu desconforto pela presença dos artefatos, ao mesmo tempo em que afirmam a supranormatividade associada à presença dos dispositivos, ao relacioná-la ao senso comum atribuído ao caráter panóptico referente ao “olho” da câmera – [...] (o [olho] da) câmera, olhando para mim desse jeito?

79 Ressalte-se que os registros de áudio iniciam com o professor e alguns alunos por volta de 04 minutos após eles entrarem na sala de aula; os registros audiovisuais iniciam 05 minutos e 30 segundos após os de áudio.

80 Fala que não se relaciona ao tópico em análise ou inaudível.

81 Convenções de transcrição, em excertos e no texto, adaptadas de Garcez, Bulla e Loder (2014) – Apêndice.

Figura 4 – Conduitas do YurM – quadro *interação pré-aula* [00:40⁸²]



No limite extremo negativo ([–]), para uma orientação mais desatenta à presença dos artefatos, observam-se os turnos visualmente sinalizados pelo YurM (*1b*⁸³) – postura corporal meio erguida e olhares direcionados para a lição de casa, enquanto arruma as folhas do trabalho de casa na cadeira. A lição de casa é vista como seu principal indiciador orientacional durante toda a interação sob foco, independentemente dos muitos quadros que compreendem a interação. A orientação mais desatenta do YurM à presença da câmera – postura corporal meio erguida e olhares direcionados para a lição de casa, enquanto arruma as folhas do trabalho de casa na carteira – não significa que ele não perceba ou não se importe com sua presença, mas, ao contrário, que não considera tal presença como um dos (o principal) centros de orientação para suas condutas performáticas, conforme o valor não orientacional atribuído à presença dos artefatos em toda a interação⁸⁴. Para além das orientações des/atentas nos casos aqui apresentados (Cf. Exc. 01; Fig. 4), as quais instanciam pontos de referência para os níveis de convergência das condutas-em-interação, tomo um exemplo de valor orientacional marcadamente atento à presença dos artefatos (Exc. 02), cuja orientação se mostra diretamente relacionada à presença desses dispositivos ao interpretá-la analogamente à presença de pessoas de fora (estagiários), marcada pela fala do PedGM (*1a* – Fig. 4).

Excerto 02 – Comentário do PedGM sobre a presença de observadores na sala de aula

Que o professor fosse menos arrogante quando os estagiários não estão em sala [...]. Ainda bem que entraram os estagiários porque com eles o professor trata a gente melhor, mas quando eles não vão “aguenta” o professor.

⁸² Tempo inicial de intervalo ([minutos:segundos]) relacionado a registros de vídeo como forma de acompanhamento da trajetória de condutas dos participantes momento a momento.

⁸³ Os quadros são numerados (1, 2, 3 ...) de acordo com a ordem de referência no texto; os números podem variar de figura para figura. Para os participantes (*1a*, *1b* ...), os números se referem a quadros aos quais se alinham e as letras, a posições intragrúpicais que ocupam na figura, geralmente, da esquerda para a direita.

⁸⁴ Por estar fora do escopo do objeto dessa análise – decisões performáticas orientadas à presença dos artefatos – a orientação do YurM, menos atenta (ou mais desatenta) à presença da câmera e mais atenta (ou menos desatenta) às folhas do trabalho, deve ser objeto de discussão futura.

A afirmação do PedGM se refere a um comentário sobre a opinião dos alunos quanto à abordagem do professor em sala de aula⁸⁵. Embora ele não se refira explicitamente à presença da câmera, mas a de estagiários, vê-se, a partir da sua afirmação, que as condutas do professor se orientam à presença de estranhos, como é o caso dos artefatos (e minha como pesquisador). Com o comentário do PedGM, assumo que as performances do professor são mais restritas, dada sua preocupação com a presença dos artefatos e do pesquisador, uma vez que este as considera recursos indiciais para suas decisões performáticas. Como exemplo de restrição nas condutas do professor, refiro-me à *irrestrita adesão a um roteiro anacrônico* (BLOMMAERT, 2017), dado que sua performance não permite condutas desviantes por parte dos alunos, o que a torna muito semelhante ao padrão de ensino catequista (KROON, 2013). Tal anacronismo é assumido, a partir das condutas do professor, como seu modo particular de organizar a interação social através de padrões específicos de realização-de-performances (BLOMMAERT, 2018a). Relaciono esse anacronismo à aderência do professor a um roteiro “fixo” como sua maneira de não se ajustar (e tentar que os aprendizes não o façam) às mudanças recentes, como a presença dos estranhos e dos artefatos. Ainda como exemplo da adesão ao roteiro anacrônico, se verificam as condutas do professor que mostram uma relevância persistente em seu roteiro como a racionalidade da organização para a interação social da sala de aula, configurando parte importante do seu poder sociopolítico institucionalizado com base em tal orientação anacrônica (Cf. *Normatividades e moralidades naturalizadas: o padrão da conversa institucional de sala de aula*).

A Figura 5 traz exemplos do valor convergente da orientação para a presença da câmera, reforçando o valor escalar marcado em relação a condutas associadas à preocupação com a aparência física que demonstram orientações – cuidado com a imagem captada (LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a) –, respectivamente, aos quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B* (Cf. *Decisões performáticas como estratégias de enfrentamento à indeterminação de normas*).

Figura 5 – Condutas dos participantes – quadro *interação pré-aula* [00:40]



⁸⁵ Para detalhes sobre a fala do PedGM, como resposta à pergunta em um questionário de análise de expectativas e interesses/necessidades de aprendizes, referir-se a Citó (2020 – <http://hdl.handle.net/11449/192318>).

O turno-em-interação multimodal de cumprimento do PedSM (3b) – fala (oi, câmera.), aceno com a mão e sorriso para a câmera – no quadro *montagem dos equipamentos*, como um subquadro do quadro *interação pré-aula*, mostra suas condutas convergentes à orientação à presença da câmera (Cf. as condutas individuais da RaiF (3a) e do MigM (3c) orientadas à presença da câmera, respectivamente, olhar de soslaio e olhar direto). Por outro lado, observa-se um valor de orientação não convergente à presença da câmera nas condutas do KalM (4a), ZayM (4b), PedGM (4c), EmanM (4d), GablaF (4e), MarcM (4f) e YurM (4g) ao quadro *interação pré-aula*, assim como pela GableF (5a) e pelo LucM (5b), que se orientam ao quadro *atividades da aula*. As condutas da GableF – olhar para o livro sobre a carteira e postura corporal (corpo ereto) – e do LucM – corpo virado para pegar o livro em sua mochila – são originadas a partir do turno verbal do professor, segundos antes do registro da imagem (vamo lá? [00:34]), como tentativa de iniciar o quadro *atividades da aula*. A centralidade atribuída à representação (ou à interpelação) do professor ratifica “padrões específicos de interação [catequista] de sala de aula”, do tipo “forte autoridade de professores e disciplina firme por parte de alunos”⁸⁶ (KROON, 2013, p. 195), como exemplo do componente do roteiro associado ao padrão que demonstra assimetria nas formas de participação (ABELED0, 2008; cf. GARCEZ, 2006) dos agentes-em-interação. A configuração das condutas “unicêntricas” está associada à característica do formato de audiência (*platform format* em GOFFMAN), na “obrigação principal dos espectadores [de] observar, não [de] agir”⁸⁷, uma vez que o formato de audiência “[requer] um potencial envolvimento [...] em um foco único de atenção visual e cognitiva”⁸⁸ (GOFFMAN, 1983a, p. 8). A adesão ao padrão assimétrico como o roteiro anacrônico do professor se verifica a partir das suas condutas-em-interação que tentam evitar condutas desviantes ao padrão unicêntrico por parte dos alunos.

O componente estratégico no roteiro anacrônico do professor, relacionado à adesão a tal padrão, mostra-se associado à resistência às naturezas panóptica e anômica atribuídas à presença dos artefatos. Blommaert (2018a, p. 85) apresenta o conceito de anacronismo como “esquemas de imaginação social, e, portanto, de padrões de interpretação, talvez válido em estágio de desenvolvimento anterior, mas não ajustado a mudanças recentes e, por conseguinte, inadequado à conformação fenomenológica de casos atuais”⁸⁹. A adesão ao roteiro anacrônico, quanto ao seu efeito na ação social, é compreendida como reforço de padrões normativos *improdutivos* por parte do professor (Cf. *Normatividades e moralidades naturalizadas: o padrão da conversa institucional de sala de aula*). Ao tomar padrões de interpretação (*patterns of meaning-making*) no sentido de indiciadores de performatividades (*action-making reasoning* em BAUMAN; BRIGGS, 1990), o caráter anacrônico no roteiro do professor, parafraseando Blommaert (2018a),

86 No original: “[...] particular patterns of [catechistic] classroom interaction; [...] teachers’ strong authority and learners’ firm discipline”.

87 No original: “[...] the obligation of the watchers is primarily to appreciate, not to do”.

88 No original: “[...] to the requirements of involving a potentially large number of individuals in a single focus of visual and cognitive attention”.

89 No original: “[...] schemes of social imagination, and thus of patterns of meaning-making, perhaps valid in an earlier stage of development, but not adjusted to recent changes and thus inadequate to do justice to the phenomenology of present cases”.

é entendido como seu modo particular de organizar a interação social através de padrões específicos de realização-de-performances⁹⁰.

Os padrões de organização da ação social por parte do professor se relacionam a sua adesão a um padrão de indicadores de performatividades que não se adequam à conformação fenomenológica do caso atual da interação, que permite orientações a normatividades e moralidades de quadros interativos para além das performatividades orientadas ao quadro *atividades da aula*; por exemplo, em relação ao (supra) quadro *registros audiovisuais*. As condutas do professor são observadas como sua adesão ao roteiro anacrônico e marcam a relevância desse roteiro, por exemplo, com relação a im/propriedades nas condutas dos alunos. Sobre a relevância marcada em relação a tal roteiro, turnos verbais (registro de áudio) marcam seu julgamento acerca da des/arrumação de carteiras, bem como de condutas de alunos, configuradas em posturas corporais – em pé, circulando pela sala. Essa conformação espacial das carteiras, e conseqüente alinhamento dos corpos dos alunos, mostra-se análoga à retórica corporal da disciplina em Foucault (2013 [1975], p. 117), como “métodos que permitem o controlo minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante das suas forças e que lhes impõem uma relação de docilidade”. Nesse caso, verificam-se representação e interpelação de normatividades e moralidades associadas a enquadres interativos conflitantes com base em julgamentos orientados ao posicionamento das carteiras, bem como às condutas dos alunos. As falas do professor, que diz aos alunos para se sentarem ou arrumarem as carteiras (e.g. Exc. 03; Exc. 06), mostram-se como instâncias de interpelação do tipo. Com essas falas, ele marca seu julgamento quanto à impropriedade em tais condutas e revela sua orientação ao enquadre “padrão” associado ao quadro *atividades da aula*. O roteiro do professor sendo visto, ao menos nessa orientação, como (a) racionalidade da organização da interação social na sala de aula, configurando uma parte importante do seu poder sociopolítico institucionalizado (FOUCAULT, 2013 [1975]), com base em uma orientação anacrônica. Tal anacronismo se conforma por sua aderência a um roteiro “fixo” como a maneira de não se ajustar a mudanças (e tentar que os aprendizes não o façam), dentre elas, a presença de estranhos, no caso dos observadores copresentes mediados pelos artefatos, além da minha própria presença física no papel de pesquisador.

As decisões performáticas estratégicas orientadas à presença dos artefatos se relacionam à resistência ao poder dos observadores copresentes (*résistance au pouvoir de surveillance* em FOUCAULT, 2001 [1977]), associadas normativa e moralmente às naturezas panóptica e anômica atribuídas ao poder desses observadores mediado pela materialidade dos artefatos. O caráter estratégico dessas decisões configura orientações de preservação de eus como reações a “intromissões a [...] espaços pessoais íntimos”⁹¹ (RAMPTON; ELEY, 2018, p. 18). A discussão acerca da presença dos participantes na interação em foco, ao relacionar tal presença, por

90 No original: “[...] particular modes of organizing social interaction through specific patterns of meaning-making [...]”.

91 No original: “[...] incursions into [...] own personal preserves”.

exemplo, à ideia da participação copresente de potenciais observadores, aos quais se atribui o valor indicial orientacional mediado pela materialidade dos artefatos, tem como base a afirmação de Goffman (1983a, p. 3) sobre a configuração de condutas na constituição da ordem interacional:

[...] não é apenas que a nossa aparência e os gestos forneçam evidências de nossas posições e relações. É também que a linha de nossa orientação visual, a intensidade de nosso envolvimento e a configuração de nossas ações [...] permitem que os outros percebam nossa intenção e propósito imediatos, e tudo isso, mesmo que estejamos ou não envolvidos em conversas com eles no momento. De forma correlata, estamos constantemente em posição de facilitar essa revelação, ou bloqueá-la, ou até mesmo enganar nossos espectadores⁹².

A noção de intenção e propósito na argumentação de Goffman é tomada em relação às orientações para as condutas, no caso das condutas estratégicas, as quais se referem à noção da revelação pessoal (*personal revealment*). Diretamente associados à estratégia de revelação pessoal nos casos apresentados, observam-se dois tipos de orientação na configuração de condutas relacionadas ao valor atribuído à presença dos artefatos: à vigilância mediada por tais artefatos (RAMPTON; ELEY, 2018); e ao cuidado com a imagem captada (LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a). O primeiro tipo se refere à exemplificação anterior sobre condutas conformadas por turnos-em-interação estratégicos de dissimulação da atenção à presença dos artefatos, na forma da simulação de desatenção a essa presença, configurando estratégia de direcionamento enganoso (*misdirection* em GOFFMAN, 1983a). Sobre o segundo tipo, orientado ao cuidado com a imagem captada, os casos aqui analisados mostram um elaborado trabalho de construção de decisões performáticas em face do componente estratégico que rege condutas, o qual também configura uma estratégia de direcionamento enganoso. Como instância da elaboração da estratégia de direcionamento enganoso, a configuração de condutas, inicialmente conformadas com valor orientacional de desatenção à presença da câmera, mostram estratégias de direcionamento enganoso em condutas de simulação de desatenção, dado o valor de tentativa de diminuir efeitos incômodos da vigilância orientada à presença da câmera. Identifica-se um valor de tentativa de diminuir esses efeitos incômodos em turnos e condutas-em-interação – fala e postura corporal – os quais marcam, de forma enfática, o desconforto com a presença dos artefatos em relação à avaliação de potenciais espectadores dos registros – o pesquisador e outros colegas – e à preocupação com a aparência física relacionada ao cuidado com a imagem captada (Cf. Exc. 10; Exc. 13,).

Os casos de direcionamento enganoso nessas condutas apresentam características de simulação de naturalização de riscos associados ao efeito da vigilância atribuída à presença da

92 No original: “It is not only that our appearance and manner provide evidence of our statuses and relationships. It is also that the line of our visual regard, the intensity of our involvement, and the shape of our [...] actions, allow others to glean our immediate intent and purpose, and all this whether or not we are engaged in talk with them at the time. Correspondingly, we are constantly in a position to facilitate this revealment, or block it, or even misdirect our viewers”.

câmera. O direcionamento enganoso como simulador da naturalização dos riscos associados ao efeito dessa vigilância corrobora a argumentação de Rampton e Eley (2018, p. 17) acerca de uma orientação à naturalização do efeito de vigilância em situações de revista eletrônica em aeroportos, conformada em performances dissimuladoras de desconforto (*deceiving untoward performances* nos termos destes autores), vistas como um “esforço para agir como se nada desagradável esteja acontecendo”⁹³. A configuração da naturalização em condutas dissimuladoras de desconfortos afirma a noção da interpretação padrão sobre riscos ambientais (*ambient risks* em RAMPTON; ELEY, 2018), aos quais os autores se referem como relacionados ao conceito de desatenção civil (*civil inattention* em GOFFMANN, 1963). Goffman (1963, p. 84) entende a desatenção civil como o comportamento no qual “um participante demonstra atenção visual à presença de outro, enquanto no momento seguinte retira a atenção para expressar que este outro participante não constitui um alvo de curiosidade ou interesse especial”⁹⁴; como mostram turnos-em-interação multimodais estratégicos de simulação de desatenção à presença de observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos. Turnos-em-interação multimodais estratégicos de simulação de desatenção à presença de observadores copresentes corrobora o entendimento de Rampton e Eley de que tais estratégias se orientam à preservação de eus como reações a intromissões a espaços pessoais íntimos por parte de agentes-em-interação, como se mostram nos casos apresentados nessa análise. O direcionamento enganoso em condutas estratégicas se coaduna à noção de encenação dramática (lúdica) em Goffman. Para a noção de ludicidade na conformação de práticas lúdicas, Li e Blommaert (2017, p. 2) referenciam Goffman (1959), que afirma que “qualquer forma de identidade é resultado de um trabalho de encenação ‘dramática’ e como tal, de certa forma, ‘lúdico’”⁹⁵.

O trabalho de organização interacional, que se refere ao elaborado processo da construção das agentividades e identidades, corrobora o elaborado complexo de práticas lúdicas que visam construir e performar imagens de personalidades (LI; BLOMMAERT, 2017); tais personalidades configurando parte dos repertórios de identidades (BLOMMAERT, 2017) dos participantes-em-interação. O julgamento de potenciais im/propriedades para a elaboração de potenciais decisões performáticas é parte do trabalho estratégico de organização interacional a partir dos vários complexos de identidades julgados nas decisões efetivamente performadas. A noção da representação artefatuizada, tecnologicamente mediada de eus (LI; BLOMMAERT, 2017) embasa a compreensão da configuração das condutas orientadas à presença dos artefatos, independentemente da distinção entre centros de indicação escalar.

93 No original: “[...] effort to act as if nothing untoward is happening”.

94 No original: “Civil inattention – What seems to be involved is that one gives to another enough visual notice to demonstrate that one appreciates that the other is present (and that one admits openly to having seen him), while at the next moment withdrawing one’s attention from him so as to express that he does not constitute a target of special curiosity or design”.

95 No original: “[...] any form of identity is an outcome of ‘dramaturgical’ performance work and is thus, in a sense, ‘ludic’”.

Retomo a argumentação sobre condutas agentivas conformadas pelo componente estratégico em decisões performáticas. Como parte da negociação de limites especiais e particulares na construção da ordem interacional na comunicação (GOFFMAN), dada a natureza institucional da interação, o componente estratégico se observa em função do grau de convergência entre condutas agentivas e padrões normativos e morais na interação. A ideia da negociação de limites especiais e particulares na construção da ordem interacional na comunicação reitera a perspectiva dialógico-intersubjetiva no estudo das agentividades e identidades situadas. De tal sorte, alinhando a perspectiva dialógico-intersubjetiva a estudos sobre realizações de identidades em contextos de comunicação interacional que argumentam que ações e práticas discursivas, aqui entendidas na perspectiva das decisões performadas em cada contexto de interação, orientariam a construção de identidades, reforçando ou não traços de identidades sociais macro e, por conseguinte, respectivas relações de poder.

A perspectiva dialógico-intersubjetiva no estudo das agentividades e identidades situadas se contrapõe a estudos relacionados com identidades sociais macro, considerando, por exemplo, que o papel institucional dos participantes seria definidor das ações e práticas discursivas nos diversos contextos; perspectiva positivista nos termos de Bauman e Briggs (1990). Ao propor uma abordagem para a análise da construção de sentidos que vai além de uma dicotomia macro *versus* micro, Blommaert, Smits e Yacoubi (2018, p. 3) afirmam que, em uma abordagem que privilegia a ação social, tal dicotomia se mostra contraproducente dada a ênfase na ação social “como o ponto de partida ontológico [que] nos permite começar a descrever e entender velhos e novos padrões de interação, como se interconectam e como estruturam nossas vidas sociais”⁹⁶. Consoante à perspectiva mais produtora apontada por esses autores, a análise dos movimentos de agentividades na compreensão do *continuum* considera o caráter da elaboração das identidades nas decisões performáticas na interação, conforme condições, condutas e orientações, a partir da relevância que os participantes atribuem a esses movimentos e das implicações para a dinâmica das ações na comunicação interacional.

Na abordagem de escalas-em-interação, a relevância que os participantes atribuem às agentividades e os efeitos dessas realizações devem ser referenciados na noção das escalas sociolinguísticas em Blommaert, Westinen e Leppänen (2015, p. 126, grifo nosso) com relação à “emergência dinâmica e à contínua recalibragem de ‘distinções qualitativas’ entre efeitos de sentido [...] como característica qualitativa da construção de sentidos”⁹⁷. Essas distinções qualitativas são vistas como marcadoras do aspecto semiótico das escalas, vistas por estes autores como “formas particulares de ordenação indicial”⁹⁸ (BLOMMAERT; WESTINEN; LEPPÄNEN,

96 No original: “[...] our ontological point of departure enables us to start describing and understanding old and new patterns of interaction, how they intersect and how they structure our social lives”.

97 No original: “[...] the focus here is on the dynamic emergence and continuous recalibration of qualitative distinctions between meaning effects”.

98 No original: “[...] as particular forms of indexical order”.

2015, p. 122). A ideia da emergência dinâmica se refere à noção de diferenças na textura da atividade dos participantes apresentada por Frederick Erickson e Jeffrey Shultz (1998). A noção da recalibragem em Blommaert, Westinen e Leppänen (2015) converge com a afirmação de Canagarajah e De Costa (2016, p. 5) sobre a importância de se considerarem processos de (re) escalonamento ((*re*) *scaling*), “atentando para as maneiras como as [escalas] são evocadas e construídas pelos participantes”⁹⁹. No conceito de (re) escalonamento apresentado por esses autores, observa-se a perspectiva de Blommaert, Westinen e Leppänen (2015) sobre o foco na utilização das escalas sociolinguísticas, que deve centrar no caráter semiótico na análise das escalas, verificando valores atribuídos aos contextos de sentidos nas realizações de agentividade.

As noções de recalibragem e reescalonamento são tomadas em relação ao componente estratégico na conformação das condutas e turnos-em-interação do tipo. A ideia do componente estratégico nas condutas-em-interação como formas criativas e produtivas de negociar condutas em ambientes de pouca potencialidade, dadas as normatividades e moralidades concernentes à vida social na sala de aula, afirma a discussão de Block sobre as perspectivas de análise da correlação entre agentividades (e identidades) e estruturas, estas no sentido das convenções socioculturais em Drew e Heritage (1992). Das perspectivas referidas por Block (2013) – de cima para baixo (*downwards*); de baixo para cima (*upwards*); e, mutualmente constituintes (*central*), observo este último tipo como embasamento para a análise do componente estratégico nas condutas-em-interação. O caráter da mutualidade constituinte se mostra correlato à construção das agentividades e identidades como efeitos sociais reais e concretos das interações situadas, segundo a perspectiva radical de uma teoria da ação (*radical action-theoretical perspective* em BLOMMAERT, 2018b/c), com relação à noção da contextualização em Blommaert, Westinen e Leppänen (2018).

| Da natureza da ação social

Sobre a natureza interacional da ação social, Goffman (1983a, p. 2) afirma: “é um fato da nossa condição humana, que, para a maioria de nós, nossa vida diária é vivida na presença imediata de outros; em outras palavras, sejam quais forem nossas atividades, no sentido restrito, são socialmente situadas”¹⁰⁰. Seguindo essa perspectiva interacional da ação social, as decisões performáticas são compreendidas como práticas comunicativas, diretamente imbricadas à questão das identidades representadas ou interpeladas (HALL, 2006 [1992]) no trabalho dos participantes em construir a comunicação, dialógica e intersubjetivamente. A perspectiva dialógico-intersubjetiva para o estudo das agentividades e identidades performadas que dá suporte à abordagem de escalas-em-interação, na concepção da complementaridade entre

99 No original: “[...] attendant to the ways they are invoked and constructed by participants”.

100 No original: “It is a fact of our human condition that, for most of us, our daily life is spent in the immediate presence of others; in other words, that whatever they are, our doings are likely to be, in the narrow sense, socially situated”.

pressupostos da ACE e da Teoria de Escalas, embasa, respectivamente, os aspectos situado e relacional a elas inerentes. O aspecto situado conforma a natureza interacional da ação social em Goffman e se relaciona ao caráter intersubjetivo, segundo Schegloff (1992, cf. GARCEZ, 2008). Por sua vez, a associação do aspecto relacional ao caráter dialógico é referenciada em Bakhtin. O caráter dialógico comporta o aspecto situado, considerando-se a noção da natureza responsiva concreta (*concrete answerability* em BAKHTIN). Seguindo essa ideia do encapsulamento, o aspecto relacional, juntamente com o aspecto situado relacionado ao caráter intersubjetivo, compõem o caráter dialógico, respectivamente, em relação a indicadores orientacionais translocais nas condutas dos participantes para a conformação de intersubjetividades nas decisões performáticas em escalas locais na ação social. Embora os identifique separadamente para efeito da sistematização dos componentes de intersubjetividade e dialogicidade na abordagem de escalas-em-interação, na comunicação interacional concreta, os aspectos relacional e situado se encontram imbricados, o que configura o elaborado trabalho de organização interacional para a construção das agentividades e identidades, demonstradas nos casos apresentados no Capítulo 3.

| Do caráter intersubjetivo

Sobre o pressuposto para a compreensão do aspecto situado associado ao caráter intersubjetivo nas agentividades e identidades performadas, trago a argumentação de Schegloff (1992, p. 1299) sobre a intersubjetividade, a qual:

[...] não seria, então, meramente uma convergência entre múltiplos intérpretes do mundo (se entendida substantiva ou procedimentalmente¹⁰¹), mas uma convergência potencial entre ‘fazedores’ de uma ação ou conduta e seus recebedores como coprodutores de um incremento de realidade interacional e social¹⁰².

Note-se o entendimento de Schegloff de outros mundos possíveis convergindo para a coconformação do mundo das partes na interação. Embora a perspectiva etnometodológica em seus trabalhos tome prioritariamente (se não exclusivamente) o mundo das partes na interação. Garcez (2008, p. 30), seguindo os pressupostos da ACE, ao argumentar sobre o aspecto situado da intersubjetividade, ressalta o construto da sequencialidade na conformação da ação social: “decorrendo da visão de que a ação humana é construída pelos participantes uns com os outros sequencialmente”. Ao compreender que a afirmação de Garcez corrobora a noção dicotômica entre o aspecto situado associado ao caráter intersubjetivo, ao não considerar o aspecto relacional,

101 Para os entendimentos de componentes da intersubjetividade em relação aos aspectos substantivo ou procedimental, Schegloff se refere a Garfinkel (1967).

102 No original: “Intersubjectivity would not, then, be merely convergence between multiple interpreters of the world (whether understood substantively or procedurally) but potentially convergence between the “doers” of an action or bit of conduct and its recipients, as coproducers of an increment of interactional and social reality”.

ou dialógico, tal noção dicotômica se mostra “improdutiva” para o entendimento do trabalho de elaboração das agentividades e identidades por parte dos participantes-em-interação; pelo menos com relação a sua operacionalidade para os casos apresentados nessa análise.

Como compreensão da ideia de inoperacionalidade na noção dicotômica entre o aspecto situado associado ao caráter intersubjetivo e o relacional ao dialógico para o entendimento do trabalho de elaboração das agentividades e identidades, retomo a discussão. Reitero que a decisão de não reparar não faz com que uma potencial assimetria entre os participantes, a qual pode ter sido julgada como um dos recursos de indicação para potenciais normatividades e moralidades associadas à decisão de reparar ou não, deixem de ser problemáticas. Dessarte, uma decisão performática no nível local da ação interacional – a realidade interacional, intersubjetiva, nos termos de Garcez –, supostamente não-problemática (sem potencial para gerar reparos), pode ter sido referenciada em experiências anteriores entre os participantes com efeitos na ação-em-interação. Dessa possibilidade de indicação de recursos de escalas translocais retrospectivas relacionadas a experiências anteriores, conforma-se o aspecto relacional com caráter dialógico como potencial indiciador para a decisão performática de não reparar agindo sobre a construção de intersubjetividades nas escalas locais na ação social. Por entender o aspecto relacional associado ao caráter dialógico, encapsulador do aspecto situado relacionado ao intersubjetivo (BAKHTIN), ao desenvolver a argumentação sobre o caráter dialógico, na seção que segue, expando a elaboração sobre o caráter intersubjetivo.

| Do caráter dialógico

Ao associar o caráter dialógico à compreensão do aspecto relacional, considerando a natureza responsiva concreta (*concrete answerability*), trago a afirmação de Bakhtin (1993, p. 56): “a vida só pode ser conscientemente compreendida na responsividade concreta. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. A vida só pode ser conscientemente compreendida como um evento contingente, e não como Sendo dada *como tal*”¹⁰³. O caráter dialógico pressupõe essa responsividade como componente da relação de diálogos concretos entre os interlocutores na ação discursiva – um evento contingente. Ao mesmo tempo, o elemento contingente na configuração do caráter dialógico conforma o aspecto situado, referente ao caráter intersubjetivo, presente na concepção da ação social (ação no mundo nos termos de BAKHTIN), além do aspecto relacional, ambos configuradores do, aqui referido, caráter dialógico. Ao elaborar a ideia da responsividade concreta, Bakhtin (1982, p. 300) trata sobre um dialogismo social interno, que “requer que o[s] contexto[s] socia[is] concreto[s] do[s] discurso[s] seja[m] exposto[s], seja[m] revelado[s] como força[s] que determina[m] sua[s] estruturas estilísticas inteiras”¹⁰⁴. Aproprio-me da compreensão

103 No original: “Life can be consciously comprehended only in concrete answerability. A philosophy of life can be only a moral philosophy. Life can be consciously comprehended only as an ongoing event, and not as Being qua a given”.

104 No original: “[...] requires the concrete social context of discourse to be exposed, to be revealed as the force that determines its entire stylistic structure [...]”.

das estruturas estilísticas (*stylistic structure*) do discurso literário em Bakhtin como estruturas ideológicas nos discursos na comunicação interacional situada; por suposto, na construção dialógica e intersubjetiva das agentividades e identidades performadas. Sobre a concepção dialógica na construção de sentidos, Blommaert (2018a, p. 25) afirma: “combinando Bakhtin com Goffman, indicialidades ordenadas pressupõem e exigem uma concepção dialógica de construção de sentidos que se estende por toda gama de comportamentos implantados no que chamamos de ‘interação’ ou ‘comunicação’”¹⁰⁵. O entendimento sobre o aspecto relacional no caráter dialógico da perspectiva dialógico-intersubjetiva para o estudo das agentividades e identidades aqui adotada segue Blommaert, que se refere ao caráter estendido com o sentido de relacional. A combinação de Bakhtin e Goffman, por Blommaert, reforça a concepção da complementaridade entre pressupostos da Teoria de Escalas e da ACE na abordagem de escalas-em-interação. O aspecto relacional na conformação dos comportamentos implantados na construção de sentidos, na afirmação de Blommaert, corrobora a noção da convergência de interpretações de mundos a que Schegloff (1992) se refere como o componente da intersubjetividade, somada à convergência de mundos incrementados e coproduzidos pelos participantes nas realidades interacionais. Associo as noções de implantação de Blommaert e de incrementação de Schegloff, respectivamente, aos mundos trazidos (implantados) pelos participantes para a coconstrução dos mundos realizados (incrementados) na comunicação interacional situada. Estabeleço a relação entre mundos implantados e escalas translocais e mundos incrementados e escalas locais para a análise das agentividades e identidades performadas.

Retomando a elaboração da responsividade concreta por Bakhtin (1993, p. 57), o aspecto relacional conforma, também, uma natureza responsiva em relação a “planos que são diferentes do ponto de vista abstrato (determinância espaço-temporal, tons emocional-volitivos, significados)”¹⁰⁶. No que concerne aos planos espaçotemporais, na perspectiva cronotópica de Bakhtin (1981, p. 263), me interessa a concepção sobre tais planos conformando uma estratificação interna, que “serve a propósitos sociopolíticos específicos”¹⁰⁷; Bakhtin concebe tal estratificação como conformadora de uma estilística sociológica (*sociological stylistics*). Propósitos sociopolíticos são vistos como um dos componentes do aspecto ideológico, o qual se relaciona ao caráter dialógico na conformação da comunicação dialógico-intersubjetiva. Complementando o entendimento sobre a noção da responsividade, em seu aspecto contingente, Bakhtin (1993, p. 56) afirma:

[...] o mundo no qual um ato ou feito realmente acontece, no qual ele é realmente realizado, é um mundo unitário e único que é experienciado concretamente; é um mundo que é visto, ouvido,

105 No original: “[...] and combining Bakhtin with Goffman, ordered indexicalities presuppose, and necessitate, a dialogical conception of meaning-making that stretches over the entire range of behaviors deployed in what we call ‘interaction’ or ‘communication’”.

106 No original: “Planes that are different from the abstract point of view (spatio-temporal determinateness, emotionalvolitional tones, meanings) [...]”.

107 No original: “[...] serve the specific sociopolitical purposes”.

tocado e pensado, um mundo permeado em sua inteireza por tons emocional-volitivos de afirmada validade de valores¹⁰⁸.

Associo a ideia da validação de valores a julgamentos morais de im/propriedades sobre atos ou feitos realizados no mundo da comunicação dialógico-intersubjetiva concreta, reforçando o aspecto ideológico do caráter dialógico da ação humana. O aspecto ideológico das posições discursivas na ação social em análise se verifica em potencialidades configuradoras das decisões performáticas, estas, por seu turno, conformadoras das agentividades e identidades na perspectiva de que toda prática comunicativa “é sempre e invariavelmente um ato de identidade”¹⁰⁹ (BLOMMAERT, 2018a, p. 56). Blommaert (2018c, p. 5) ressalta que a noção de cronotopos em Bakhtin “é embasada em uma concepção da linguagem profundamente sociolinguística: não como um objeto autônomo ou separado (como na linguística convencional), mas inteiramente imbricado com aspectos do mundo social”¹¹⁰. Essa afirmação de Blommaert ratifica a ideia do componente ideológico para a análise das agentividades e identidades, consoante a perspectiva cronotópica de Bakhtin. A compreensão da associação entre a atribuição de valores e a natureza responsiva como configuradoras do caráter dialógico, em seu aspecto ideológico, tem como embasamento a argumentação de Bakhtin (2011 [1979], p. 271) sobre uma ativa posição responsiva: “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso)”. Como exemplos desse ativismo responsivo a partir da compreensão discursiva (de fala, de enunciado, vivos) Bakhtin traz: concordância ou discordância total ou parcial, complementação, aplicação etc. A ideia do ativismo responsivo é tomada como base para a compreensão das agentividades e identidades como tomadas de posição estratégicas, a partir de condutas-em-interação que, por exemplo, concordem/discordem de padrões naturalizados na ação social.

Karin Aronsson (1998, p. 75) em sua abordagem sobre a natureza dialógica da construção de identidades na ação social situada – identidades-em-interação –, construção tomada com base em movimentos em relação a identidades sociais, afirma:

[...] primeiro, a noção de identidade-em-interação aponta em direção à natureza dialógica da identidade, como ela pode ser vista como uma resposta, por um lado, e como um elemento formativo, por outro. Segundo, ela nos alerta para a ideia da identidade como um fenômeno local em vez de global¹¹¹.

108 No original: “The world in which an act or deed actually proceeds, in which it is actually accomplished, is a unitary and unique world that is experienced concretely; it is a world that is seen, heard, touched, and thought, a world permeated in its entirety with the emotional-volitional tones of affirmed validity of values”.

109 No original: “Communicative practice is always and invariably an act of identity”.

110 No original: “[...] Bakhtin’s chronotope is grounded in a profoundly sociolinguistic concept of language: it is not an autonomous or separate object (as in mainstream linguistics), but entirely entangled with concrete aspects of the social world”.

111 No original: “First, the notion of identity-in-interaction points toward the dialogic nature of identity, how it can be seen as a response, on the one hand, and as a formative feature, on the other. Second, it alerts us to the idea of identity as a local rather than global phenomenon”.

A ideia de resposta em Aronsson está associada diretamente à questão da responsividade como configuradora do caráter dialógico da ação humana em Bakhtin. Ainda sobre a afirmação de Aronsson para a noção de identidade-em-interação, sua ideia do elemento formativo (*formative feature*) é vista em relação aos efeitos comunicativos das condutas-em-interação ao associar tais efeitos comunicativos com mudanças no padrão da ação (ERICKSON; SHULTZ, 1998). A ideia do efeito comunicativo de Aronsson, para os casos que apresento, será melhor contextualizada na análise sobre esses efeitos na construção da interação com base em recursos de indicação de componentes multimodais. Consoante o aspecto semiótico, que associa à ideia de efeitos comunicativos, os componentes multimodais conformam efeitos de alerta de e para condutas-em-interação dos participantes. Para a caracterização dos dispositivos de gravação como artefatos, na mesma linha de semiotização em relação a efeitos comunicativos de condutas associadas a essa presença, observa-se a noção de semiotização de artefatos de Jay Lemke. Esse autor, em abordagem mais teórica focada em escalas de tempo, se refere a “uma rede de *artefatos semióticos* (i.e., livros, espaços físicos, corpos) que permite a coordenação entre processos em escalas de tempo radicalmente diferentes”¹¹² (LEMKE, 2000, p. 275). Para a abordagem de escalas-em-interação, as escalas espaçotemporais (cronotópicas) seguem a perspectiva dialógica de Bakhtin e Blommaert. A associação entre efeitos comunicativos de condutas e mudanças no padrão da ação segue as concepções de *triggering words* em Goffman (1976) e alerta (*prompt* em KRESS, 2013). Anne Edwards (2005, p. 172), em um estudo sobre a agentividade relacional em interações profissionais, ressalta a “importância de entendimentos individuais pré-existentes, adquiridos em outras situações, [que] media[m] interpretações de situações novas”¹¹³. Tal afirmação se coaduna à compreensão de que esses entendimentos se relacionam a recursos indiciais retrospectivos – entendimentos individuais pré-existentes – e definem (novas) condutas, as quais podem ter efeitos em agentividades e identidades, considerando-se diferentes dimensões espaçotemporais (cronotópicas), segundo a perspectiva semiotizada de Blommaert *et al.* (2015). O aspecto relacional na argumentação de Edwards (2005), associado ao caráter dialógico aqui adotado, compreende a potencialidade de recursos indiciais de dimensões retro e prospectivas no trabalho da organização interacional associada às agentividades e identidades performadas na dimensão local.

112 No original: “[...] a network of semiotic artifacts (i.e., books, buildings, bodies) that enables coordination between processes on radically different timescales”.

113 No original: “[...] the importance of pre-existing personal understandings gained in other situations in mediating interpretations of new situations [...]”.

| Da abordagem de estudo de caso microetnográfico

As naturezas multienquadrada e multidimensional da interação, conformadas pela presença dos artefatos, trouxeram questões relacionadas à análise dos casos que definem o desenho teórico-metodológico, principalmente, para a abordagem de estudo de caso microetnográfico apresentada nessa seção. A abordagem de estudo de caso microetnográfico adotada para o entendimento das agentividades e identidades na interação parte da análise das condutas na ação situada, relacionando tais condutas a componentes orientacionais de escalas locais e translocais com base nas relevâncias marcadas nas decisões performáticas e nas implicações destas decisões na ação interacional.

Sobre a pesquisa microetnográfica e suas particularidades quanto a objetos de análise, métodos de geração e análise de dados, Garcez, Gabriela Bulla e Letícia Loder (2014, p. 261) afirmam que um analista microetnográfico deve:

[...] descrever como a fala-em-interação (face a face ou mediada por tecnologias) é organizada social e culturalmente em cenários interacionais particulares (como as salas de aula), partindo de um ponto de vista próprio sobre o uso da linguagem em encontros interacionais entre múltiplos participantes em sociedades complexas contemporâneas.

Dada a conformação das características apresentadas, verifica-se a adequação da abordagem microetnográfica à análise das decisões performáticas dos participantes na construção da ação comunicativa, considerando-se as agentividades- e identidades-em-interação conformadas pela presença dos artefatos. Para essa análise, parto dos alinhamentos-em-interação na ação situada – interação face a face –, relacionando-os a componentes de escalas locais e translocais – como forma de descrever elementos de sua organização social e cultural – com base nas relevâncias marcadas e nas implicações na ação interacional; e para além.

Decisões metodológicas implicadas em função da observação da supranormatividade associada à presença dos dispositivos de gravação na configuração das condutas dos participantes na ação situada se relacionam à natureza dos registros audiovisuais da ação comunicativa, que permitiu a observação das decisões performáticas na construção da ação comunicativa, considerando-se orientações para agentividades e identidades conformadas pela presença dos artefatos (dispositivos de gravação). Aliada à potencialidade dos recursos orientacionais escalares no julgamento das normatividades e moralidades associadas às decisões performáticas, a presença de quadros não comumente associados à dinâmica da comunicação interacional – quadro *apresentação dos procedimentos de registro* –, reforça a supranormatividade associada à presença dos dispositivos de gravação na configuração das condutas. A ocorrência desses quadros afirmou o entendimento acerca do trabalho mais elaborado para a construção das agentividades

e identidades dada a potencialidade de recursos orientacionais escalares no julgamento das normatividades e moralidades associadas às decisões performáticas observadas.

Para a descrição e análise dos casos, observei a segmentação de unidades organizacionais (GARCEZ *et al.*, 2014) que continham decisões performáticas na construção da ação comunicativa, observando-se orientações para agentividades e identidades conformadas pela presença dos artefatos, seguindo convenções de transcrição do modelo de Gail Jefferson (LODER, 2008; cf. Convenções de transcrição – Apêndice¹¹⁴). As unidades organizacionais para a análise dos fenômenos em análise têm como referência a afirmação de Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 265): “os eventos interacionais que estudamos são bastante longos, de modo que transcrevemos apenas segmentos específicos de determinado registro de fala-em-interação e só raramente o registro completo”. Para a definição dos segmentos para a transcrição, conforme o objetivo da análise, se fez necessária a visualização completa de toda a interação em foco a fim de identificar unidades organizacionais que contivessem condutas com orientação à presença dos dispositivos de gravação. Verificou-se, já no primeiro dia de registro, a ocorrência de trechos marcadamente orientados à presença dos dispositivos, os quais foram identificados como potencial objeto de análise, dada a configuração das condutas-em-interação que demonstrava uma atenção voltada a essa presença. Acrescente-se ao aspecto da quantidade de condutas orientadas à presença dos dispositivos nesses primeiros registros, a distribuição dessa orientação ao longo da interação, com registros marcadamente orientados à presença deles em momento bem posterior ([36:51] – quadro *interação pré-aula*) ao inicial, quando, neste primeiro momento houve uma atenção maior devido à “novidade” da presença e à curiosidade com a montagem dos equipamentos.

Condutas no momento posterior e em registros de áudio antes dos registros audiovisuais chamaram a atenção para a configuração de condutas de alguns alunos orientadas ao caráter de vigilância atribuído à presença dos artefatos. Foram feitas visualizações nos registros da interação mais orientadas ao caráter de vigilância, quando percebidas sutilezas na configuração de condutas em relação à presença dos dispositivos, as quais demandaram maior atenção às ocorrências desses tipos. Essas visualizações foram realizadas com o áudio, para registros de turnos verbais, bem como sem o áudio, para uma melhor conformação de condutas corporificadas, quando detalhes sutis nessas condutas se mostravam relevantes para a análise na perspectiva da multimodalidade na configuração das condutas-em-interação. Para a seleção das imagens apresentadas¹¹⁵, foram visualizados trechos que as antecedem e após o momento registrado na foto (a partir do registro audiovisual), a fim de garantir maior acuidade da questão levantada em relação à imagem. No texto escrito, além da imagem, busca-se o detalhamento dos aspectos em foco na análise, por exemplo, a descrição de elementos que compõem as condutas e os turnos-em-interação, e, com

114 Para discussão sobre des/naturalização de marcadores socioculturais em textos transcritos como prática de transcrição reflexiva (*reflexive transcription practice*), ver Bucholtz (2000).

115 Foi utilizado o software Adobe PhotoShop 2015.0.0 para o tratamento das imagens.

eles, a categorização de respectivos turnos e condutas. Na caracterização dessas condutas e desses turnos, foram considerados elementos da fala, postura corporal e posicionamento dos participantes. Os registros da câmera foram tomados como registros principais, enquanto os do gravador, auxiliares, na necessidade de clarificação de dúvidas nas falas. Os registros do gravador foram únicos nos primeiros minutos da interação, quando de uma remontagem da câmera. Com a atenção mais cuidadosa aos registros mais orientados ao caráter de vigilância, e percebidas sutilezas na configuração de condutas em relação à presença dos artefatos, observou-se que, embora os dois tipos de conduta se orientavam às naturezas panóptica e anômica da presença dos dispositivos, tais condutas diferiam na atribuição de valores ao se considerar a expectativa de potenciais observadores.

No detalhamento da configuração das condutas para cada agente, foram tomadas ocorrências mais marcadas nos registros audiovisuais e procedida a visualização do encadeamento das ações antes e depois, na interação em foco. Nesse procedimento de indexação de condutas, foram definidos, primeiramente, quadros interativos aos quais essas condutas se orientam. O procedimento para o detalhamento da configuração das condutas para cada agente se dá a partir da definição dos agentes ao identificar orientações para a presença dos artefatos. Procedimentos para definição de unidades organizacionais, que pressupõem reorientação de focos de atenção quanto a agentes e mesmo quanto a registros para além da interação em foco, se configuram, em si, como procedimentos analíticos, como ressalta Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 265): “a segmentação do fluxo contínuo da interação para que se possa chegar a trechos transcritos é uma operação analítica em si”. Sob a perspectiva dessa operação analítica, decido sobre a configuração de cada segmento a ser analisado ao identificar limites de demarcação para cada unidade organizacional observada. Sobre tais limites, referidos como marcos divisórios, Garcez *et al.* (2014, p. 266) afirmam:

[...] há diversos elementos na conduta dos participantes que indiciam a visão que eles têm de que há marcos divisórios com “antes e depois”, que vão desde os mais evidentes, como lapsos de silêncio [...] e alterações de configuração de posturas corporais, até os mais sutis, como alterações de enquadre e alterações de padrões de direcionamento de olhar.

A verificação desses mesmos elementos demarcatórios na conduta dos participantes é observada na conformação de orientações para condutas a cada tipo em análise. Sobre o caráter analítico operativo na configuração de elementos constituintes das condutas, em relação a recursos indiciais escalares, o ponto de partida se dá em relação a elementos na conduta dos participantes que marcam respectivas orientações escalares.

As descrição e análise dos tipos de agentividades e identidades, a partir da relevância que os participantes atribuem a cada tipo, são feitas tomando como referencial a sistemática da alocação

e tomada de turnos pelos participantes (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003 [1974]), juntamente com a noção de turnos-em-interação multimodais (MONDADA, 2007, 2013), por meio da explicação dos procedimentos realizados bem como da verificação das condutas-em-interação (ATKINSON *et al.*, 2007). As noções de sequencialidade, adjacência e preferência, construtos da ACE¹¹⁶, são observadas na análise da configuração dos turnos-em-interação multimodais, sendo aplicadas à análise das condutas na perspectiva da Teoria de Escalas, considerando-se a complementaridade entre essas duas abordagens. A noção de caráter contrastivo, verificado “a partir de uma análise da estrutura [das condutas] por meio da identificação de diferenças na textura da atividade dos participantes no decorrer do tempo” (ERICKSON; SHULTZ, 1998, p. 147), para elementos linguísticos e discursivos observados, inclui modulações não verbais, conforme a relevância e a implicação na dinâmica da interação, as quais são vistas como elementos definidores para a segmentação de unidades organizacionais. A observação de diferenças na textura das condutas se mostra adequada, também, para a análise da simultaneidade multiescalar. Essas diferenças vêm sendo entendidas como alterações no comportamento sequencial dos participantes e associadas à recalibragem de condutas (BLOMMAERT *et al.*, 2015) na construção de sentidos.

116 Para estudos detalhados sobre as noções de sequencialidade, adjacência e preferência, ver Almeida (2009) e Loder, Salimen e Müller (2008).

Capítulo 3

A construção de agentividades e identidades: o caso da sala de aula de inglês língua adicional (ILA)

A compreensão sistemática e instanciada das interpretações dos participantes é demonstrada no momento de suas performances na construção da ação social na sala de aula de Inglês Língua Adicional (ILA). Tento tornar clara a relação entre agentividades e identidades e a natureza multidimensional nos casos analisados. Essa relação é explicada por meio da análise pormenorizada dos trabalhos de construção de agentividades e identidades na interação situada, combinada com elementos translocais que se mostram relevantes para essa construção. A análise das agentividades e identidades toma como base a noção do elaborado trabalho de julgamento de potenciais condutas – trabalho de elaboração de complexos de identidades (BLOMMAERT, 2017; LI; BLOMMAERT, 2017). Tal trabalho se caracteriza pela policentricidade das orientações (BLOMMAERT, 2018a; BLOMMAERT *et al.*, 2015, 2005a/b), que explica a simultaneidade multiescalar na configuração das agentividades e identidades performadas, segundo a perspectiva radical de uma teoria da ação (BLOMMAERT, 2018b/c). A potencialidade das condutas está associada aos julgamentos sobre a adequação dessas condutas a potenciais normatividades e moralidades relativas à natureza multienquadrada da interação, a qual, também, reforça a simultaneidade multiescalar na configuração das condutas observadas. Tenho como foco a análise dos dados dos registros audiovisuais, que traz a questão da presença dos artefatos – câmera e gravador – como fulcral na compreensão das agentividades e identidades. Relaciono tal questão ao paradoxo do observador (*observer's paradox* em LABOV, 1972, p. 209), a saber: “o objetivo da pesquisa [socio]linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas [constroem agentividades e identidades] quando não estão sendo sistematicamente observadas; no entanto, só podemos obter esses dados por observação sistemática”¹¹⁷.

Para a compreensão da simultaneidade multiescalar na configuração das agentividades e identidades performadas, considero a orientação multidimensional, aliada à potencialidade de condutas e respectivas normatividades e moralidades com relação à i/materialidade de potenciais recursos indiciais mediados pela presença dos artefatos. Valores indiciais atribuídos às presenças da câmera e do gravador nas decisões performáticas configuram as condutas analisadas, as quais definem os tipos de agentividades e identidades performadas. Com base nos valores indiciais atribuídos à presença desses artefatos, discuto a noção da supranormatividade ao verificar a orientação de participantes que atribuem valor interacional a potenciais observadores mediados por tais artefatos. A compreensão das normatividades, com as moralidades referentes a im/propriedades das condutas, tem em conta as normas socioculturais implicadoras dessas condutas na interação na perspectiva das microhegemonias – diferentes recursos e modelos normativos de comportamento – em Blommaert (2017, 2018a).

Ao demonstrar o trabalho de construção das agentividades e identidades performadas, por meio da abordagem de escalas-em-interação, espero mostrar a relação entre as condições

117 No original: “The aim of linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain this data by systematic observation”.

para a realização das condutas-em-interação, as orientações para as metas interacionais associadas às condutas observadas e as implicações dessas realizações no ambiente em análise. Apresento instâncias de condutas associadas à natureza multienquadrada da interação para, em seguida, apresentar condutas associadas à natureza multidimensional da ação social. As naturezas multienquadrada e multidimensional são apresentadas separadamente para a melhor apreciação da sistematização dessas como componentes na abordagem de escalas-em-interação, porém, na comunicação interacional concreta tais naturezas se encontram imbricadas, o que configura o caráter da elaboração no trabalho de organização interacional para a construção das agentividades e identidades. Demonstro o caráter policêntrico na configuração de condutas no trabalho de organização da comunicação interacional, o qual considera quadros concomitantes com normatividades e moralidades conflitantes. Discuto instâncias de condutas que demonstram a centralidade da presença dos artefatos como indiciadores socioculturais para decisões performadas. Ainda, relaciono essa centralidade ao valor orientacional mediacional multiescalar atribuído a tais artefatos na configuração das condutas ao apresentar turnos-em-interação relacionados a instâncias de recalibragem em condutas; tais recalibrações estão associadas ao aspecto semiótico na conformação das decisões performáticas. Apresento instâncias de condutas que conformam trajetórias de identidades que corroboram a elaboração de complexos de agentividades e identidades observados. Traço uma linha argumentativa para a compreensão das decisões performáticas na construção da ação comunicativa relacionada à conformação das condutas-em-interação e das normatividades e moralidades associadas na ação social. Parto de instâncias de condutas conformadas ao padrão *naturalizado* de normatividades e moralidades no ambiente da sala de aula, para, em seguida, demonstrar condutas conformadas ao aspecto estratégico relacionado à resistência a relações de poder hegemônicas e à indeterminação de normas claras para condutas interacionais na ação social.

| Agentividades e identidades em contexto

Nesta seção, trato das naturezas multienquadrada e multidimensional na abordagem de escalas-em-interação no contexto da sala de aula de ILA. O imbricamento dessas naturezas configura o caráter da elaboração no trabalho da organização interacional para a construção das agentividades e identidades, considerando-se os complexos das identidades a elas associados. Para a discussão do caráter policêntrico no trabalho de organização da comunicação interacional, observo a configuração das escalas-em-interação em relação ao julgamento das normatividades e moralidades associadas às condutas performadas ao considerar os vários enquadres aos quais tais normatividades e moralidades se referem. Para a relação entre o julgamento das normatividades e moralidades e respectivas escalas na orientação das condutas em análise, são levadas em conta as condições para a realização das condutas, as orientações para as metas

interacionais a elas associadas e suas implicações na ação social. No ambiente da sala de aula, esses componentes – condições, orientações e implicações – se mostram imbricados e delineiam o caráter da elaboração no trabalho de construção das decisões performáticas.

| Da natureza multienquadrada da interação

Apresento as condutas que conformam as decisões performáticas associadas à natureza multienquadrada da interação. A Figura 6¹¹⁸ mostra uma instância das naturezas multienquadrada e policêntrica da interação que, embora não diretamente relacionada à ação social no primeiro dia de registros audiovisuais, reforça o trabalho elaborado na construção de decisões performáticas. A configuração multiescalar dessa interação, e das demais, pôde ser visualizada enquanto eram realizadas as observações, como parte do trabalho de campo anterior aos registros de áudio e vídeo e, repetidamente, em interações nos registros audiovisuais da pesquisa. Para análise do construto da policentricidade no trabalho de organização interacional, no exemplo do ZayM (2a, Fig. 6), relacionado à natureza multienquadrada da ação social em tela, o construto da potencialidade observado na configuração das escalas-em-interação se relaciona ao julgamento das moralidades associadas às condutas performadas ao considerar os vários enquadres aos quais tais moralidades se referem. Essa relação é observada tendo em conta as condições de realização dessas condutas, as orientações para as metas interacionais a elas associadas e as implicações de suas realizações nas ações no ambiente em análise.

Figura 6 – Condutas do ZayM – enquadres interacionais [05:58]



Na imagem, há a ocorrência, para além do (supra) quadro *registros audiovisuais*, do quadro *atividades da aula* e seus sub-quadros *arranjos para a prova* e do quadro *interação pré-aula* e

118 A Figura 6 se refere ao registro no dia 03 de outubro de 2017; com exceção da sessão de elicitação (18 de junho de 2018; cf. Fig. 34; Exc. 13); as demais figuras se relacionam à interação no dia 15 de setembro do mesmo ano.

respectivos sub-quadros: *conversa entre colegas-meninas*; e *pedido a MarcM*. Observam-se o quadro *interação pré-aula* e sub-quadros: *conversa entre colegas-meninas* – FerF (1a), GableF (1b), MarEF (1c), LigMyF (1d) e IngF (1e) – e *pedido a MarcM* – ZayM (2a) e MarcM (2b) – configurados por condutas-em-interação gregárias, em grupo ou diádica, respectivamente. Como enquadres coincidentes, observam-se: o quadro *atividades da aula*, e sub-quadro *arranjos para a prova*, bem como o (supra) quadro *registros audiovisuais*. Para o quadro *atividades da aula*, verificam-se as condutas-em-interação gregárias, que configuram o sub-quadro *arranjos para a prova* – professor (3a), EnzM (3b) e MatM (3c) –, e individuais – PedGM (3d), PedSM (3e), RaiF (3f), KawM (3g), ALigF (3h), LucM (3i), MigM (3j) e CamlF (3k). Para o (supra) quadro *registros audiovisuais*, identifica-se o pesquisador (4a – no canto esquerdo inferior, não visível na imagem), sentado ao lado da câmera. Para o quadro *atividades da aula*, os participantes estão orientados às normatividades desse quadro por suas atenções individuais marcadas pelos focos do olhar e movimentos corporais na direção do professor – EnzM e MatM, para o sub-quadro *arranjos para a prova* – ou na direção de seus livros – PedGM, PedSM, RaiF, KawM, ALigF, LucM, MigM e CamlF. O professor e o livro se configuram nos recursos de indicição das normatividades associadas às moralidades com relação à adequação dessas condutas nesse momento da interação. O professor e o livro, como artefatos, se mostram mediadores das representações ou interpelações das identidades, no caso, associadas às normatividades e moralidades do ensino catequista, que se conforma de “padrões específicos de interação de sala de aula”, do tipo “forte autoridade de professores e disciplina firme por parte de alunos”¹¹⁹ (KROON, 2013, p. 195).

Condutas gregárias e individuais orientadas ao quadro *atividades da aula* se dão em função do momento de transição entre este e o quadro *interação pré-aula*. Essa transição é verificada quando o professor inicia tentativas para a orientação dos alunos ao quadro *atividades da aula*, logo ao chegar na sala ([04:21] vamo, lá, gente, bom dia.), e mais algumas vezes ([04:33] vamos, lá, pessoal,; [04:38] shshshshsh (sinalizando prolongadamente para que façam silêncio, seguido das falas: vamo lá,; [04:42] ↑GEnte, (.) <↑última aula,> nós tivemos uma prova,), até ser interrompido por alguém fora da sala, a quem cumprimenta (ok? tudo bem?) antes de retomar a fala sobre a prova ([04:42]). A retomada da fala sobre a prova se estende com comentários sobre a avaliação das respostas apresentadas, seguida da indagação sobre quem não a havia feito. Essa indagação faz com que o professor se oriente para o quadro *arranjos para a prova* ([05:07]), ao se posicionar para uma interação com os que precisam fazê-la nesse dia – EnzM (3b) e MatM (3c) –, deixando, momentaneamente, os demais participantes indiretamente atendidos (*unfocused attention* – GOFFMAN, 1963; 1983a; RAMPTON; ELEY, 2018; detalho a relação entre as atenções focada e não focada e condutas de participantes quando tratar da atenção dos participantes associada à supranormatividade mediada pelos equipamentos, na

119 No original: “[...] teachers’ strong authority and learners’ firm discipline [...] particular patterns of [catechistic] classroom interaction”.

seção *Normatividades e moralidades configurando o caráter supranormativo da presença dos artefatos*). Goffman (1963, p. 24) define os tipos não focado e focado (*un/focused*) de atenção na organização interacional nos seguintes termos:

[...] a interação não-focada, isto é, o tipo de comunicação que ocorre quando alguém recebe informações sobre outra pessoa, olhando-o, mesmo que momentaneamente, quando ele entra e sai de seu campo de visão. [...] a interação focada, o tipo de interação que ocorre quando as pessoas se reúnem juntas e cooperam abertamente para sustentar um único foco de atenção, tipicamente ao se revezar na fala¹²⁰.

Nesse íterim, o professor (3a) se reorienta ao quadro *atividades da aula*, se dirigindo aos demais alunos e instruindo-os a se orientarem como tal ([05:28] e:: o: >restante, gente,< ↑peguem o livro,), momento em que começam a fazê-lo: focos do olhar, movimentos corporais e falas para o professor ou para seus livros, ambos tomados como recursos indiciais ao quadro *atividades da aula*. No entanto, antes mesmo de concluir a instrução a quem não vai fazer a prova, se reorienta ao quadro *arranjos para a prova*. Com essa nova reorientação do professor ao quadro *arranjos para a prova*, os alunos não ratificados como coparticipantes retomam as condutas orientadas ao quadro *interação pré-aula* (Fig. 6).

Observa-se a natureza policêntrica nas condutas do ZayM (2a) orientadas para esse momento de transição entre os quadros *atividades da aula*, *arranjos para a prova* e *interação pré-aula*. ZayM se orienta ao quadro *atividades da aula* logo após a primeira fala do professor – [04:21] vamo, lá, gente, bom dia. –, ao procurar o livro dentro de sua mochila. O fato de não o encontrar gera o turno-em-interação multimodalizado de pedido ao MarcM (2b) – pega o meu, (.) >pega meu livro,<, ao mesmo tempo em que movimenta sua mão direita em direção ao MarcM, reforçando seu pedido. Porém, sua postura corporal – meio-virado para sua esquerda e com as costas viradas para o professor (3a) –, observada antes mesmo de iniciar o turno-em-interação multimodal de pedido ao MarcM, marca sua orientação coincidente ao quadro *interação pré-aula*. Essa orientação policêntrica do ZayM aos dois quadros concomitantes e concorrentes –*atividades da aula* e *interação pré-aula* –, neste último caso, se configura pelas condutas-em-interação multimodalizadas orientadas à meta de socialização com os colegas – meio-virado para sua esquerda na direção de membros do quadro *conversa entre colegas meninas* (FerF (1a), GableF (1b), MarEF (1c), LigMyF (1d) e IngF (1e)) e com as costas viradas para o professor; embora com coparticipação do tipo não ratificada (*unfocused attention*) ao quadro *conversa entre colegas-meninas*. A orientação do ZayM ao quadro *atividades da aula*, por sua vez, se configura por seu turno-em-interação multimodal de pedido – pega o meu, (.)

120 No original: “[...] unfocused interaction, that is, the kind of communication that occurs when one gleans information about another person present by glancing at him, if only momentarily, as he passes into and then out of one’s view. [...] focused interaction, the kind of interaction that occurs when persons gather close together and openly cooperate to sustain a single focus of attention, typically by taking turns at talking”.

>pega meu livro,< ao mesmo tempo em que movimenta sua mão direita em direção ao MarcM –, que marca o livro como o recurso indicial nessa sua orientação, demonstrando que sua ‘não-posse’ se mostra moralmente relevante como parte das normatividades associadas ao quadro *atividades da aula*. ZayM, com a resposta negativa do MarcM ao seu pedido, recalibra sua conduta ao se orientar ao pesquisador (4a – no canto esquerdo inferior, não visível na imagem) – Professor, () livro? –, se levanta e sai da sala para pegar o livro. Essa recalibragem se conforma por meio do turno-em-interação multimodalizado de pedido de permissão, reforçado pelo uso do vocativo (professor) e da entonação ascendente (?). Essas condutas do ZayM se relacionam ao julgamento moral sobre uma potencial impropriedade de não estar com o livro e demonstram a relevância atribuída a sua posse: a mal sucedida busca por ele em sua mochila tão logo o professor tenta orientar os alunos ao quadro *atividades da aula*; e a decisão de ir buscá-lo.

A recalibragem na conduta orientada ao pesquisador – Professor, () livro? – está associada à semelhança das identidades do pesquisador e do professor, normativamente relacionadas ao valor escalar referente à representação de autoridades epistêmicas, nesse caso, interpelada na materialidade do pesquisador. Verifica-se a semelhança das identidades do pesquisador e do professor na forma como o ZayM aborda o pesquisador ao chamá-lo de professor. Como parte da orientação policêntrica aos quadros concomitantes e concorrentes – *atividades da aula* e *interação pré-aula* –, para o quadro *pedido a MarcM*, sub-quadro deste último, sua orientação se configura pela postura corporal que mostra uma não-ratificação da posição epistêmica do professor como apropriada, ao considerar tal potencial julgamento a partir da potencial relevância atribuída às condutas dos outros participantes, *vis-à-vis* do professor, orientado ao quadro *arranjos para a prova*, e da FerF, GableF, MarEF, LigMyF e IngF, próximas a ele, alinhadas – focos do olhar, movimentos corporais e falas – ao quadro *conversa entre colegas-meninas*, outro sub-quadro do quadro *interação pré-aula*. As “arriscadas” condutas do ZayM (e das alunas), dada sua postura corporal desautorizando a posição *centralizadora* do professor (ensino catequista em KROON, 2013; formato de audiência em GOFFMAN, 1983a), se mostram apropriadas em face do momento transicional policêntrico que torna tais condutas potenciais de serem aceitas, observando-se as potenciais normatividades às quais estas condutas estão associadas.

As decisões performáticas do ZayM são vistas como altamente elaboradas já que ele julga, a partir dos recursos indiciais materiais – o livro e a postura corporal das colegas, por exemplo –, normatividades tão contraditórias (microhegemonias em BLOMMAERT, 2017, 2018a) relacionadas a ambos os quadros. A policentricidade intrínseca à natureza transicional entre os quadros, neste caso, se mostra essencial para se entender o construto da potencialidade na configuração das condutas na abordagem de escalas-em-interação associada à natureza multienquadrada dessa ação social. Discuto essa potencialidade, ao considerar as condições de realização das condutas, as orientações para as metas interacionais a elas associadas e as

implicações da realização dessas condutas nas ações nesse ambiente em análise. A natureza multienquadrada, como um dos componentes das condições para a realização das agentividades do ZayM, associada ao caráter transicional entre os quadros *atividades da aula* e *interação pré-aula*, configura tais condutas como situacionalmente marcadas. Tais condições se dão em função de o quadro *interação pré-aula* permitir condutas “mais livres” (com menor rigidez) – sub-quadro *conversa entre colegas-meninas*, por exemplo –, nos quais condutas que não ratifiquem uma unicentricidade orientada pela autoridade epistêmica do professor sejam moralmente apropriadas.

As condutas do professor (3a, Fig. 6) orientadas ao quadro *arranjos para a prova* – meio-virado para a esquerda na direção de sua mesa de trabalho, provavelmente, dando instruções aos alunos para iniciarem a prova –, não são vistas como relacionadas à clássica posição à qual ele se orienta – posicionado de frente para a turma, sua audiência – em muitas de suas ações performáticas ao longo dos registros interacionais. Essas clássicas condutas indiciam normatividades associadas ao ensino catequista (KROON, 2013) e ao formato de plataforma (GOFFMAN, 1983a) na organização sociocultural dessa interação; e de várias outras ao longo dos registros. As posturas tanto do professor como do ZayM (2a), FerF (1a), GableF (1b), MarEF (1c), LigMyF (1d) e IngF (1e), que marcam a policentricidade interquadros, corroboram as condições para a realização das agentividades do ZayM orientadas ao quadro *interação pré-aula*. Sobre as condições para a realização das agentividades orientadas ao quadro *interação pré-aula*, observam-se tais condições uma vez que a normatividade relacionada ao quadro *atividades da aula*, ao qual o professor se orienta parcialmente em função de sua orientação concomitante ao sub-quadro *arranjos para a prova*, que se configura por um reduzido número de participantes ratificados – EnzM (3b) e MatM (3c) –, não se sobrepõe à normatividade do quadro *interação pré-aula*. Porém, sobre a continuação da decisão performática do ZayM de pedir permissão e sair da sala para buscar o livro, tal conduta demonstra sua orientação à normatividade prevalente do quadro *atividades da aula* sobre o quadro *interação pré-aula* dada a semelhança das identidades do pesquisador e do professor, normativamente relacionadas ao valor escalar referente à representação de autoridades epistêmicas.

O caráter transicional entre os quadros cria as potenciais metas associadas aos vários quadros aos quais ZayM se orienta conforme suas condutas-em-interação. Vejamos: à meta participar em conversas com os colegas, orientada ao quadro *interação pré-aula*, modalizada por sua postura corporal – meio-virado para a esquerda e com as costas viradas para o professor; e à meta conseguir o livro, orientada ao quadro *atividades da aula*, por seus turnos-em-interação multimodais de pedido e de permissão, respectivamente: pega o meu, (.) >pega meu livro,< e movimentos de mão em direção a MarcM; e Professor, () livro? e a decisão de sair da sala para buscá-lo. Neste último caso, tais metas marcam o livro como o recurso indicial mediador das normatividades associadas a esse quadro. A meta conseguir o livro se mostra intermediária

à meta participar nas atividades da aula, relacionada ao uso do livro. A meta participar nas atividades da aula se conforma por naturezas retro e prospectiva em função da fala do professor (momentos antes) para pegarem o livro – ↑peguem o livro, – que projeta a proximidade do quadro *atividades da aula* e a necessidade de estar com o livro como moralmente apropriada. Os caracteres retro e prospectivo conformam as potencialidades observadas uma vez que a orientação ao quadro *atividades da aula* (e respectivas condutas-em-interação) se dá em concomitância à orientação ao quadro *interação pré-aula* e à meta participar em conversas com os colegas, que permite condutas mais livres, como as observadas nos posicionamentos do ZayM (2a – meio-virado para sua esquerda na direção das alunas e com as costas viradas para o professor) e nos das alunas (FerF, GableF, MarEF, LigMyF e IngF – olhares e movimentos corporais direcionados a membros do grupo e falas paralelas entre elas), marcando as orientações convergentes entre essas condutas (Fig. 6).

As implicações das condutas nas ações no ambiente em análise estão associadas ao caráter moral de condutas relacionadas a normatividades orientadas a respectivos quadros. As condutas relacionadas às normatividades associadas aos quadros *atividades da aula* e *interação pré-aula* implicam o julgamento sobre a im/propriedade de tais condutas conforme as moralidades relacionadas às respectivas normatividades. As falas do professor, em especial a que diz – ↑peguem o livro, – momentos antes da interação em análise (Fig. 6), mostram, para além da implicação moral de estar com o livro, outras que normatizam posicionamentos corporais e padrões de participação (e.g. falas autorizadas e ratificadas pelo professor) apropriados ao quadro *atividades da aula*; o que não se verifica a partir das condutas do ZayM e das alunas ao quadro *interação pré-aula*, ambas não ratificadoras da autoridade epistêmica do professor. A partir das falas do professor, que não resultam nas implicações por ele desejadas – a orientação dos alunos ao quadro *atividades da aula* –, no sentido de que o ZayM e as alunas não se orientam a tal quadro (destaque-se a orientação parcial do ZayM por seus turnos multimodalizados de pedido e de permissão), relaciono o componente das implicações ao das condições, por sua vez, associado ao das potencialidades implicadas pelo momento transicional. Tal momento transicional, ao criar as potenciais condições das condutas conforme as im/propriedades das potenciais moralidades, por seu turno, compõe a policentricidade a qual exige o elaborado trabalho do julgamento das potenciais normatividades. Vejamos, o caráter transicional cria as condições de coexistência entre os vários quadros – *atividades da aula* e *interação pré-aula* – e respectivos sub-quadros – *arranjos para a prova e conversa entre colegas-meninas* e *pedido a MarcM* –, que, por sua vez, cria as potencialidades associadas às normatividades desses vários quadros e, conforme tais normatividades, as moralidades em relação às quais os participantes julgam as potenciais condutas. Com esse julgamento, os participantes atribuem valor às potenciais normatividades relativas a cada potencial julgamento, que configuram as decisões performadas por meio das condutas-em-interação. De tal sorte, as decisões performáticas

se compõem a partir do elaborado trabalho de atribuição de valor que considera as potenciais im/propriedades às potenciais condutas. Ao se tomar o julgamento dessas potenciais im/propriedades, pressupõe-se a elaboração das potenciais decisões performáticas para a organização interacional, a partir dos vários complexos de identidades julgados para as decisões efetivamente performadas. Identifica-se o trabalho de organização das potenciais condutas, ao considerar as materialidades e moralidades – posturas corporais, des/autorização da autoridade epistêmica do professor, por exemplo –, no elaborado processo de construção das identidades do ZayM, o qual corrobora o elaborado complexo de práticas lúdicas que visam construir e performar imagens de personalidades (LI; BLOMMAERT, 2017); tais personalidades configurando parte dos repertórios das identidades (BLOMMAERT, 2017) do ZayM. Retomo a discussão sobre os complexos de identidades julgados para as decisões efetivamente performadas pelo ZayM, na seção *Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades*.

A policentricidade das orientações presentes no elaborado trabalho do ZayM ratifica a simultaneidade multiescalar, ao mesmo tempo em que valida a abordagem de escalas-em-interação. Para a análise das condutas do ZayM, observam-se, de forma inseparável e interconectada, as várias escalas distintas para as quais ele se orienta no trabalho de organização das suas decisões performáticas. A simultaneidade multiescalar nessas orientações demanda um modo de ação analítica que considera as diferentes escalas às quais ele se orienta na compreensão do trabalho intrínseco dos julgamentos multiescalares na realização das suas decisões performáticas. Espero ter demonstrado a descrição instanciada e sistemática dos pensamentos do ZayM em ação no momento da realização das agentividades e identidades na análise sobre o valor mediacional multiescalar dos artefatos, nesse caso, o livro, a autoridade epistêmica do professor e as posturas dos membros do quadro *conversa entre colegas-meninas*, como indiciadores socioculturais para as decisões performáticas associadas às agentividades e identidades, observando-se as recalibragens nas suas condutas-em-interação¹²¹.

| Da multidimensionalidade na construção da ação social

Apresento condutas-em-interação, associadas à multidimensionalidade da interação, para a análise do trabalho de construção de comunicações interacionais na ação social. Essa análise se baseia na dinâmica de turnos-em-interação multimodais (MONDADA, 2007, 2013) em relação à presença dos artefatos e ao valor mediacional multiescalar desses artefatos como indiciadores socioculturais para as decisões performadas. A noção dinâmica dos turnos-em-interação multimodais se relaciona a i/materialidades e a normatividades e moralidades associadas aos recursos mediadores (*mediating resources* em GOODWIN, 2007; LEMKE, 2000; RAMPTON;

121 Embora me refira à descrição instanciada e sistemática dos pensamentos-em-interação do ZayM, ressalto que, em face do escopo dessa análise, me alinho àqueles a quem Schegloff se dirige como “relutantes em introduzir noções cognitivas ([ao menos] em razão [do escopo dessa análise])”. No original: “[...] reluctant to introduce cognitive notions (for whatever reason)” (SCHEGLOFF, 2006, p. 141).

ELEY, 2018) orientadores de agentividades e identidades performadas. Ressalte-se que, embora Mondada (2007, p. 194) se refira a sua abordagem dos gestos de apontar “não como recurso prioritariamente dedicado à realização de ações referenciais ou dêiticas, mas como recurso localmente mobilizado para autosseleção e organização de caráter emergente de um ‘espaço de transição’”¹²², sua exploração detalhada do gesto de apontar, potencial recurso indicial relacionado aos muitos tipos que Kress (2013) traz como aspectos constitutivos da comunicação multimodal, dada sua mobilização local e característica indicial orientacional, serve a esta análise como um dos aspectos multimodais marcados situacionalmente como recursos indiciais nos trabalhos de organização da comunicação interacional. O que reforça, também, o caráter da multimodalidade na conformação dos turnos-em-interação relacionados às agentividades e identidades performadas.

As naturezas multidimensional e multimodal se mostram vinculadas à configuração das agentividades e identidades, a partir de orientações em decisões performáticas. A consideração dos componentes multimodais (fala, olhar, ações, toques, gestos de apontar etc.) como alerta (*prompt* em KRESS, 2013; cf. *triggering words* em GOFFMAN, 1976) de e para condutas-em-interação dos participantes se mostra central nesta análise sobre o valor orientacional dos artefatos, uma vez que a multimodalidade se configura um componente importante da policentricidade, este, um construto definidor da abordagem de escalas-em-interação. A multimodalidade conforma um aspecto constitutivo da noção de interação-como-comunicação (*interaction-as-communication*) em Kress (2013). Para a análise da dinâmica dos turnos-em-interação multimodais dos participantes, em relação à presença dos artefatos e seu respectivo valor mediacional multiescalar como indiciadores socioculturais para as decisões performadas, as Figuras 7 e 8 mostram condutas que abrangem tipos que variam de individuais a congregacionais. Para além das conformações intragrupais, individuais ou congregacionais, observa-se a convergência intergrupar de orientações a normatividades e moralidades, o que tento mostrar com a simultaneidade multiescalar. As Figuras 7 e 8, separadamente, e os trechos de fala (gravador e câmera – Exc. 03) relacionados a condutas na Figura 7, mostram orientações policêntricas dos participantes, considerando-se o quadro *interação pré-aula* e seus sub-quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B*, além do quadro *atividades da aula*. A concomitância desses quadros se explica pela contingência da transição entre os quadros *interação pré-aula* e *atividades da aula*. A ocorrência do quadro *montagem dos equipamentos*, sub-quadro do (supra) quadro *registros audiovisuais*, colabora para o caráter multiescalar desse momento. Na sequência da argumentação, demonstro a natureza supranormativa do quadro *registros audiovisuais*, que orienta condutas durante toda a ação social, por meio de outras instâncias de agentividades e identidades no ambiente da sala de

122 No original: “[...] pointing gestures will be studied here not as a resource primarily devoted to the accomplishment of referential or deictic actions but as a resource locally mobilized for self-selecting and for organizing the emergent character of a ‘transition space’”.

aula. Condutas orientadas aos subquadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B* e *montagem dos equipamentos* se conformam, respectivamente, como sub-quadros dos quadros *registros audiovisuais* e *interação pré-aula*. A característica multienquadrada do momento serve à discussão em relação à simultaneidade multiescalar na orientação das condutas-em-interação. Em grande medida, a orientação dos participantes se mostra conformada pela presença dos equipamentos de registro como um dos centros de orientação escalar para as decisões performadas. Para demonstrar o elaborado trabalho de construção das agentividades e identidades, consideram-se as potencialidades das condutas relativas às indiciabilidades policêntricas, por meio da análise das orientações indiciadoras das condutas, associadas à característica multienquadrada do momento em análise.

Figura 7 – Condutas dos participantes e enquadres interacionais [00:00]



A Figura 7 traz a imagem do primeiro momento dos registros audiovisuais ([00:00]) e mostra condutas congregacionais, que se referem a orientações dos participantes para os muitos quadros simultâneos e concomitantes. Para condutas orientadas ao quadro *interação pré-aula*: em pé, o professor (1a), que aparece apenas sua cabeça por trás do KalM (1b), o EmanM (1c) e a cuidadora (1g), de quem aparecem as mãos no lado direito da imagem; sentados, com olhares na direção do professor e dos alunos em pé, PedSM (1d), MarcM (1e) e MigM (1f). Para as condutas da RaiF (2a), ZayM (2b), LucM (2c), PedGM (2d), CamlF (2e), RicM (2f) e YurM (2g), orientadas convergentemente ao quadro *montagem dos equipamentos*, se observam seus olhares em direção à câmera e ao pesquisador, o qual ajusta a câmera ao mesmo tempo em que fala com um aluno (EnzM) sobre seu funcionamento; estes fora do foco da câmera. Para o quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* (sub-quadro do quadro *interação pré-aula*), com posturas corporais, falas (inaudíveis) e olhares entre membros do grupo, em uma configuração quase-circular, têm-se: EmmyF (3a), IngF (3b), SofF (3c) e FerF (3d).

Excerto 03 – Turnos-em-interação do professor com os alunos [grvdr 05:02]; Turnos-em-interação da cuidadora com EmanM [cmr 00:03]

[...]

001ProfM – ↑vamo lá, meNInos,

[...]

002ProfM – ↑sentando,↑aí,

[...]

003ProfM – °(vamos,)o horário,([])((frase inaudível)),↑devia está em sala já, =

0004 =()((2a parte presumivelmente dirigida a EmanM, que anda pela sala))

005CdrF - [↑EmanM, essa daí é do KalM.

Com a sequência da interação, se observa a convergência das condutas do professor, KalM, EmanM e da cuidadora ao quadro *atividades da aula*, a partir das falas do professor e da cuidadora (Exc. 03). Tal convergência se verifica em suas preocupações com a meta interacional de tomar assento para as atividades da aula. Ao considerar as condutas dos demais alunos, observa-se a configuração do momento transicional entre os quadros *atividades da aula* e *interação pré-aula*, quadros comumente presentes em todos os registros realizados com esse grupo. A interação se relaciona ao quadro *atividades da aula*, como outra escala que potencialmente coorienta condutas de forma contrastante às condutas orientadas convergentemente aos quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* e *montagem dos equipamentos*. Para as condutas orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, posturas corporais e olhares da EmmyF, IngF, SofF e FerF (Fig. 7) mostram uma configuração quase-circular, demarcando suas afiliações a este quadro. Com olhares em direção à câmera ou mesmo para o pesquisador, fora do foco, as condutas da RaiF, CamlF, ZayM, LucM, PedGM, RicM e YurM se orientam ao quadro *montagem dos equipamentos*. Numa convergência escalar mais ampla, ambas as condutas convergentes a esses quadros se orientam ao (supra) quadro *registros audiovisuais*. Essa convergência maior se dá pela orientação aos caracteres panóptico e anômico associados à presença dos artefatos (ver detalhes na Seção *Normatividades e moralidades configurando o caráter supranormativo da presença dos artefatos*).

A partir das características dessa interação (principalmente dos turnos de fala do professor – Exc. 03), observam-se orientações às normatividades do quadro *atividades da aula* (Fig. 8), que implicam as posturas em pé do KalM e EmanM (Fig. 7) como moralmente inadequadas. Essa inadequação é marcada nos turnos do professor ([001] – ↑vamo lá, meNInos, [...]; [002] – ↑sentando,↑aí,). No entanto, ao considerar os quadros concorrentes – *interação pré-aula*, *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* e *montagem dos equipamentos* (Fig. 7) –, tais posturas se configuram moralmente apropriadas. O turno de fala da cuidadora (005 – Exc. 03), em continuação aos do professor (002; 003-4), com sobreposição

ao segundo turno dele, reforça as normatividades em relação ao quadro *atividades da aula* e confirma sua orientação como tal quando se refere (não claramente em sua fala, mas nas imagens na Fig. 8) à cadeira que o EmanM (1c, Fig. 7) escolheu na fila da frente como destinada ao KalM (1a, Fig. 8), o aluno que ela cuida. Com base na sequência da interação, na conduta do KalM, sentado na primeira fila, a preocupação da cuidadora se orienta à meta interacional de tomar assento para as atividades da aula. Meta que associo ao caráter transicional recorrente entre os quadros *atividades da aula* e *interação pré-aula*. Como exemplo da adequação das condutas às normatividades associadas, no caso, tanto ao quadro *interação pré-aula* como ao (supra) quadro *registros audiovisuais*, as condutas da IngF (3e, Fig. 8) – em pé, fazendo um coque no cabelo da FerF (3d) –, se mostram orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*. Ao considerar a simultaneidade multiescalar desses dois quadros ao quadro *atividades da aula*, as condutas da IngF mostram o valor orientacional mais atento ao (supra) quadro *registros audiovisuais*. De tal sorte, parece plausível considerar aquele quadro sub-grupo deste ao associar a orientação da IngF ao cuidado com a aparência física, relacionada ao cuidado com a imagem captada (LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a) como o valor orientacional estratégico orientado à presença da câmera.

Figura 8 – Condutas dos participantes e enquadres interacionais [00:10]



A imagem traz diferentes condutas que reforçam a contingência das orientações dentro da interação multienquadrada. Associo tal contingência ao elaborado trabalho da construção de agentividades e identidades na ação social. RaiF (4d) e CamlF (1f), ambas orientadas anteriormente ao quadro *montagem dos equipamentos*, com o olhar direto para a câmera e para o pesquisador (Cf. RaiF (2a) e CamlF (2e), Fig. 7), agora, mostram orientação divergente: olhar (não ratificado) da RaiF para a MarEF (4a), GableF (4b) e LigMyF (4c), membros do quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B*; e olhar não-interativo da CamlF para seu lado esquerdo (talvez para a porta da sala de aula), o qual atribuo a sua orientação ao

quadro *interação pré-aula*. A postura da CamlF se orienta ao quadro *interação pré-aula* ao considerar a possibilidade de condutas livres a ele associadas. O mesmo olhar não-interativo é observado em relação ao MatM (1d – quase encoberto pelo PedSM – 1e), um novo participante. Além do MatM, a imagem também traz um novo membro – ALigF (3b) – orientado ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física grupo A*. Traz, ainda, um novo quadro – *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B* –, no qual a MarEF, GableF, LigMyF e RaiF mostram posturas corporais e gestos de cuidado com a imagem – arrumam o cabelo –, além de olhares em configuração quase-circular demarcando suas afiliações ao quadro. Verifica-se a semelhança nessas condutas àquelas orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*: gestos de cuidado com a imagem – arrumam cabelo, se maquiam etc. –, e olhares entre si em configuração quase-circular da EmmyF, ALigF, SofF, FerF e IngF.

A sistematização instanciada da abordagem de escalas-em-interação se relaciona diretamente, mas não exclusivamente, às participantes orientadas aos quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* – EmmyF, ALigF, SofF, FerF e IngF – e B – MarEF, GableF, LigMyF e RaiF. Como a denominação dos quadros indica, todas se orientam para preocupações pessoais em relação à aparência física agradável aos olhos de observadores “virtuais” copresentes, aos quais se atribui o valor indicial orientacional mediado pela presença da câmera (Cf. Seção *Decisões performáticas como estratégias de enfrentamento à indeterminação de normas*). Quanto às condutas dos demais participantes (Fig. 8), suas orientações permanecem as mesmas daquelas apresentadas na Figura 7 dada a presença dos mesmos quadros, embora com posicionamentos diferentes: o KalM (1a), que antes aparecia em pé, aparece sentado, enquanto o EmanM (1c) e a cuidadora (1g) (Fig. 7), também anteriormente em pé, não aparecem na imagem, assim como o RicM (2f – Fig. 7). ZayM (1b), LucM (1c), MatM (1d), PedSM (1e), CamlF (1f), MarcM (1g) e YurM (1h) permanecem sentados, porém, com olhares não-interativos orientados ao quadro *interação pré-aula*; na Figura 7, suas condutas eram configuradas por: olhar em direção à câmera, ou mesmo para o pesquisador – ZayM (2b), LucM (2c), PedGM (2d), CamlF (2e), RicM (2f) e YurM (2g); olhar em direção ao professor – PedSM (1d) e MarcM (1e). Já o MigM (2b) se mantém sentado, porém, com o olhar na direção da câmera.

A adequação das condutas às normatividades associadas tanto ao quadro *interação pré-aula* como ao (supra) quadro *registros audiovisuais*, por exemplo, as condutas da IngF (3e – Fig. 8) – em pé, fazendo um coque no cabelo da FerF (3d) –, orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* (sub-quadro do *interação pré-aula*) mostram a simultaneidade multiescalar desses dois quadros ao quadro *atividades da aula*, que reforça a multidimensionalidade da ação social. Essa multidimensionalidade se dá em função da natureza multienquadrada da interação que mostra a concomitância entre o quadro *interação pré-aula* e seus sub-quadros – *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física*

grupo A e B –, além do quadro *atividades da aula* e do (supra) quadro *registros audiovisuais* e seu sub-quadro *montagem dos equipamentos*.

Trato sobre o construto da simultaneidade multiescalar ao retomar a discussão sobre os quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B* na discussão referente ao (supra) quadro *registros audiovisuais*, na Seção *Decisões performáticas como estratégias de enfrentamento à indeterminação de normas*. Nessa retomada, discuto a supranormatividade associada à presença dos artefatos como indiciadora escalar crítica na orientação de condutas e, conseqüentemente, em agentividades e identidades performadas.

| Da simultaneidade multiescalar no trabalho de organização da comunicação interacional

O caráter policêntrico no trabalho de organização da comunicação interacional se configura em condutas-em-interação que consideram o julgamento de normatividades e moralidades associadas a quadros concomitantes com normatividades e moralidades conflitantes. Tal configuração ratifica a simultaneidade multiescalar, a qual orienta a compreensão dos vários julgamentos. Para demonstrar essa simultaneidade, trago o caso da IngF (*1e*, Fig. 9; *1a*, Fig. 10).

Figura 9 – Condutas da IngF – quadro *interação pré-aula* [00:40]



Figura 10 – Conduas da IngF – quadro *apresentação dos procedimentos de registro* [01:04]



IngF é a única participante que mantém forte marcação da orientação ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* (IngF – 1a, Fig. 10) ao compararmos sua posição (1e) em relação aos outros membros do grupo – EmmyF (1a), ALigF (1b), SofF (1c), FerF (1d) e CamlF (1f), na Figura 9. Essa forte marcação reforça o valor escalar em relação às condutas que demonstram sua preocupação com a aparência física pessoal e sua orientação ao cuidado com a imagem captada (*care of the selfie* em LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a). Na análise das condutas da IngF, por meio da sequência das imagens das ações nos registros audiovisuais, observam-se movimentos que instanciam a natureza contingente das suas decisões performáticas dada à orientação policêntrica nessas condutas. Ao descrever esses movimentos, apresento os recursos indiciais i/materiais para as respectivas condutas, considerando os (muitos) centros aos quais ela se orienta e a relação entre suas condutas e as agentividades e identidades performadas. Para a análise dessas condutas, considera-se a orientação policêntrica multienquadrada indiciando suas decisões performáticas, as quais reforçam a simultaneidade multiescalar que as configura em um momento de transição que engloba seis quadros concomitantes – *interação pré-aula, atividades da aula, montagem dos equipamentos, conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* e (supra) quadro *registros audiovisuais* e seu sub-quadro *apresentação dos procedimentos de registro*. As condutas-em-interação da IngF (1a, Fig. 10) – de pé, fazendo um coque no cabelo da FerF (1d, Fig. 9; 1b, Fig. 10) –, fortemente marcadas em sua decisão de permanecer alinhada ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, enquanto os demais membros do grupo se orientam ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*, referem-se ao valor mediacional orientacional supraescalar da câmera que marcam esse efeito de orientação, sinalizado em sua preocupação com a aparência física pessoal.

O efeito da orientação à presença da câmera diz respeito à orientação da IngF ao (supra) quadro *registros audiovisuais*, em função da preocupação com uma boa imagem captada, ao se orientar ao valor mediacional multiescalar de observadores virtuais copresentes mediados pela presença da câmera, o qual corrobora o cuidado com a imagem captada. Suas condutas – de pé, fazendo um coque no cabelo da FerF – mostram-se não convergentes às condutas dos demais alunos – olhares e posturas corporais na direção do pesquisador (2a – sombreado na parte superior esquerda), orientadas ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*. Suas decisões performáticas se relacionam ao julgamento dos valores atribuídos aos potenciais recursos de indicação associados às diferentes dimensões escalares relativas aos vários quadros presentes. O trabalho de organização dos potenciais recursos de indicação nas suas decisões performáticas demonstra, para cada decisão, que ela considera potenciais materialidades e normatividades associadas aos vários quadros presentes em cada momento. De tal sorte, esse trabalho corrobora a indicação de uma rede de artefatos semióticos (LEMKE, 2000), ao julgar os valores atribuídos aos potenciais recursos de indicação associados às diferentes dimensões escalares relativas aos vários quadros presentes para cada decisão performada.

Os registros audiovisuais com sequenciamento das ações demonstram o trabalho de organização dos potenciais recursos de indicação nas decisões da IngF, que atribui valor orientacional à posição epistêmica do professor ao dirigir seu olhar a ele: [00:11] ao se esconder atrás da carteira da FerF, utilizando-a como escudo de encobrimento (*involvement shields* em GOFFMAN, 1963; cf. RAMPTON; ELEY, 2018); [00:28] quando sai do ‘esconderijo’ – fica de pé, fazendo um coque na FerF; [00:35; 00:44] após as tentativas do professor em orientar os alunos ao quadro *atividades da aula* (↑vamos lá,). Ao atribuir o valor orientacional à posição epistêmica do professor, IngF considera as normatividades associadas ao quadro *atividades da aula* em relação aos outros quadros concomitantes: *interação pré-aula* e sub-quadro (s) *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A (B)*; e (supra) quadro *registros audiovisuais*. Por outro lado, ela atribui um maior valor orientacional (orientação mais atenta) à presença da câmera – (supra) quadro *registros audiovisuais* – e um menor valor (orientação menos atenta) à posição epistêmica do professor: [00:29] ao dirigir seu olhar para a câmera quando sai do esconderijo – fica de pé, fazendo o coque; e [00:35; 00:44] ao continuar o trabalho com o coque na FerF mesmo após as tentativas do professor em orientar os alunos ao quadro *atividades da aula* (↑vamos lá,). Para o maior valor orientacional à presença da câmera e o menor valor à posição epistêmica do professor, a IngF considera as normatividades associadas aos outros quadros concomitantes – *interação pré-aula* e *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A (B)*. Não obstante, observa-se um valor indicial orientacional ainda maior (atenção bem mais atenta) ao (supra) quadro *registros audiovisuais*, por parte dela, nos turnos-em-interação multimodais configurados por sua postura de pé e ação de fazer o coque no cabelo da FerF, dadas suas condutas orientadas ao cuidado com a imagem captada.

Semelhante julgamento da atenção bem mais atenta ao (supra) quadro *registros audiovisuais* se verifica quando ela se orienta parcialmente à instrução do pesquisador, que apresenta os procedimentos de registros das imagens – quadro *apresentação dos procedimentos de registro* –, ao manter condutas orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*: [01:11] postura corporal – sentada – em configuração de conversa diádica com a FerF e olhar dirigido a ela. Nesse momento, IngF mostra sua orientação, que corrobora a simultaneidade multiescalar, ao se reorientar – sentada como os demais alunos – ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*, embora mantenha a orientação ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*.

Sobre a ideia dos escudos de encobrimento, Goffman (1963, p. 39) os apresenta como “uma variedade de barreiras para a percepção usadas como escudos de encobrimento, por trás dos quais as pessoas podem, de forma segura, fazer tipos de coisas que normalmente resultariam em sanções negativas”¹²³. A noção do escudo de encobrimento se refere às atenções focada e não focada, simultaneamente, relacionadas com sinais de alerta de intenção pessoal por parte dos participantes-em-interação, como um dos aspectos associados às características constitutivas de suas decisões performáticas. O elaborado trabalho de organização das decisões performáticas da IngF, em especial em sua decisão de sair do esconderijo e manter-se de pé, fazendo um coque na FerF ([00:28]), imediatamente após as tentativas do professor em orientar os alunos ao quadro *atividades da aula* (↑vamos lá, [00:35]; [00:44]), assemelha-se ao elaborado trabalho de organização das decisões performáticas do ZayM (Cf. 2a, Fig. 6), ao considerar os vários ‘riscos’ que ela potencialmente julga ao atribuir um menor valor orientacional (orientação menos atenta) à posição epistêmica do professor. Traço um paralelo entre a atribuição do menor valor orientacional (orientação menos atenta) às posições epistêmicas do professor e do pesquisador (Fig. 10).

A imagem mostra IngF (1a) mantendo a conduta – de pé, fazendo um coque na FerF (2b) – orientada ao (supra) quadro *registros audiovisuais*. As condutas dos demais alunos – sentados, com corpo e olhar na direção do pesquisador (2a – de pé na parte frontal da sala, ao lado da câmera) –, mostram uma orientação unicêntrica (foco único de atenção visual e cognitiva) ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*. A configuração das condutas unicêntricas está associada a características do formato de audiência, o qual requer um potencial envolvimento de um grande número de indivíduos em um foco único de atenção visual e cognitiva (GOFFMAN, 1983a). Por outro lado, as condutas do LucM (3a), GablaF (3b), AriF (3c) e RicM (3d) reforçam o caráter policêntrico ao se orientarem ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro* – olhar na direção do pesquisador – e ao quadro *atividades da aula* (indiciado na materialidade do livro) – segurando o livro (LucM (3a) e GablaF (3b)) ou se inclinando para pegá-lo em suas mochilas (AriF (3c) e RicM (3d)). YurM (3e) também se orienta ao quadro *apresentação dos*

123 No original: “[...] we may expect to find a variety of barriers to perception used as involvement shields, behind which individuals can safely do the kind of things that ordinarily result in negative sanctions”.

procedimentos de registro – olhar na direção do pesquisador –, porém, mantém uma postura corporal meio erguida enquanto arruma as folhas do trabalho de casa na cadeira. A conformação das condutas da IngF, mais atenta à presença da câmera, e a conformação das condutas dos demais alunos, que demonstra suas orientações mais atentas à presença do pesquisador, ambas se mostram apropriadas em função da natureza multienquadrada relacionada à concomitância do (supra) quadro *registros audiovisuais* e do quadro *apresentação dos procedimentos de registro*, sub-quadro daquele. Além da natureza multienquadrada, observa-se o caráter transicional multiescalar devido a normatividades e moralidades associadas ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro* apresentarem maior semelhança às normatividades e moralidades associadas ao quadro *atividades da aula*.

O alto grau de convergência entre as respectivas normatividades e moralidades associadas aos quadros *apresentação de procedimentos de registro* e *atividades da aula* se assemelha à posição das condutas de quase todos os alunos – olhar e posicionamento do corpo na direção do pesquisador, à exceção da IngF (em pé, fazendo um coque no cabelo da FerF), e nenhuma fala –, configurada por orientações mais atentas à presença da câmera. Vê-se um paralelo entre as características orientacionais de centralidade ao pesquisador – alunos em um foco único de atenção visual e cognitiva – e a orientação indicial ao professor, ratificando a posição epistêmica de ambos. Tal convergência de normatividades e moralidades é atribuída à posição orientacional em condutas da maioria dos alunos à presença do professor em vários momentos da interação (Cf. Seção *Normatividades e moralidades naturalizadas: o padrão da conversa institucional de sala de aula*). Características orientacionais de centralidade ao pesquisador e ao professor corroboram padrões específicos da interação catequista em sala de aula, do tipo forte autoridade de professores e disciplina firme por parte de alunos (KROON, 2013), ao se relacionarem tais condutas ao formato de audiência – grande número de indivíduos em um foco único de atenção visual e cognitiva (GOFFMAN, 1983a). Na sequência das condutas da IngF discutidas há pouco, ela decide sentar ([01:07]), recalibrando sua conduta com a orientação mais atenta ao cuidado com a imagem captada (Cf. 1a, Fig. 10 [01:04]). Ao fazê-lo, se orienta, parcialmente, juntamente com a FerF – corpos meio virados uma para a outra e falas paralelas (inaudíveis) –, ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*. Estas últimas condutas estão associadas ao seu julgamento sobre condutas orientadas ao (supra) quadro *registros audiovisuais* (1a, Fig. 10 [01:04]) como potenciais de serem julgadas inapropriadas dada à configuração das condutas dos demais participantes, com orientações mais atentas à presença do pesquisador (2a) – olhar e posição do corpo na direção do pesquisador (Fig. 10) –, todos orientados ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*.

Ao considerar o caráter transicional multiescalar nas condutas da IngF, verifica-se o trabalho altamente elaborado de organização dos potenciais recursos de indiciação para cada uma de suas decisões performáticas ao entender o julgamento dos potenciais recursos indiciais i/

materiais nos valores menos/mais orientacionais às normatividades e moralidades associadas a escalas socioculturais (microhegemonias em BLOMMAERT, 2017, 2018a) tão contraditórias. As condutas da IngF, como as do ZayM (2a, Fig. 6) e EnzM (1a, Fig. 12; 13 – seção *Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e de identidades*), servem à noção da simultaneidade multiescalar para a compreensão do trabalho intrínseco dos julgamentos em suas decisões performáticas na interação. As condutas da IngF, a partir da noção da orientação policêntrica multienquadrada indiciando suas decisões performáticas, reforçam a simultaneidade multiescalar que configura tais decisões.

A simultaneidade multiescalar serve às discussões que seguem, nas seções: *Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades*; *Condutas-em-interação configurando trajetórias de agentividades e identidades*; e *Normatividades e moralidades configurando o caráter supranormativo da presença dos artefatos*. Na Seção *Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades*, apresento turnos-em-interação relacionados a instâncias de recalibragem em condutas. Associo essas recalibrações ao aspecto semiótico na conformação das decisões performáticas ao considerar a atribuição do valor orientacional aos recursos de indicição para tais decisões. Associado a instâncias que mostram a elaboração de complexos de identidades julgados para decisões efetivamente performadas, apresento instâncias de condutas que conformam trajetórias de identidades, as quais corroboram a elaboração dos complexos das agentividades e identidades observadas. Para a proposta de análise de agentividades associadas a um repertório de identidades, considera-se a participação na interação com base nas condições de realização das condutas, nas orientações para as metas interacionais a elas associadas e nas implicações dessas condutas na comunicação interacional. Trago a discussão sobre a centralidade da presença dos artefatos como indiciadores socioculturais para as decisões performáticas ao relacioná-la ao valor orientacional mediacional multiescalar atribuído a tais artefatos na configuração das condutas-em-interação. Esse valor orientacional mediacional multiescalar é verificado por meio de condutas conformadas por turnos-em-interação multimodais que configuram a elaboração de complexos de identidades julgados para decisões performáticas efetivamente performadas.

| Artefatos como indiciadores socioculturais

O valor orientacional dos artefatos para as condutas-em-interação é observado em relação a sua mediação como indiciadores socioculturais (multiescalares) para as decisões performáticas na perspectiva de artefatos semióticos (GOODWIN, 2007; LEMKE, 2000; RAMPTON; ELEY, 2018). Corroborando o valor mediacional multiescalar dos artefatos para as condutas dos participantes, observa-se a representação destes como mediadores dos agentes interacionais, dada a maneira como os participantes os abordam. A relevância da orientação à presença dos artefatos, marcada

pelas condutas dos participantes, indica o valor mediacional multiescalar que governa suas decisões performáticas. A compreensão dos processos de indicação no trabalho de organização interacional nas agentividades performadas, ligadas intrinsecamente aos componentes das identidades dos agentes-em-interação (VITANOVA; MILLER; GAO; DETERS, 2015), se dá a partir da relevância que estes atribuem às agentividades performadas, e dos efeitos de tais performances.

| Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades

A elaboração de potenciais decisões performáticas na organização interacional, a partir de vários complexos de identidades julgados para decisões efetivamente performadas, corrobora a noção de um elaborado complexo das práticas lúdicas que visam construir e performar imagens de personalidades (LI; BLOMMAERT, 2017); tais personalidades, configurando parte de repertórios de identidades (BLOMMAERT, 2017) de agentes-em-interação. Observo o aspecto semiótico no julgamento de potenciais im/propriedades em turnos-em-interação relacionados a instâncias de recalibragem em condutas-em-interação. Tomo a noção da recalibragem para a discussão sobre os complexos de identidades julgados nas decisões efetivamente performadas e para a discussão sobre as trajetórias de agentividades e identidades (Cf. seção *Condutas-em-interação configurando trajetórias de agentividades e identidades*) com relação direta à presença de artefatos, particularmente a câmera: fala [oi, câmera.] do PedSM – 3b, Fig. 5 (Cf. condutas do EnzM na seção *Condutas-em-interação configurando complexos de agentividades e identidades*). Para a discussão desses dois exemplos, segue-se a noção da representação artefatuizada mediada de eus: para o caso do ZayM (Fig. 11), uma representação artefatuizada; e, para o caso do EnzM (Fig. 11, 12), uma representação artefatuizada, tecnologicamente mediada (LI; BLOMMAERT, 2017). Para a conformação dos julgamentos sobre as decisões performadas, associam-se recursos indiciais orientados a experiências interacionais prévias, bem como a expectativas sobre futuras experiências. A conformação dos julgamentos nas decisões orientadas a experiências retrospectivas e prospectivas corrobora a perspectiva de eventos cruzados (AGHA, 2005a/b; 2007; CLONAN-ROY *et al.*, 2016; LEMKE, 2000; WORTHAM, 2005; 2008) na elaboração de potenciais decisões performáticas para a organização interacional. Tal conformação ratifica a simultaneidade multiescalar, a qual orienta a compreensão dos vários julgamentos.

Figura 11 – Condutas do ZayM – turnos-em-interação de pedido e permissão [05:58]



Para o caso do ZayM (2a), as diferentes identidades relacionadas à construção das suas decisões performáticas são demonstradas na perspectiva da recalibragem das suas condutas-em-interação. Tomo as decisões performadas por meio dos turnos-em-interação multimodais de pedido ao MarcM (2b) para que traga seu livro – pega o meu, (.) >pega meu livro,< – e de pedido de permissão ao pesquisador (1c – canto inferior esquerdo, fora do foco da câmera) – Professor, () livro? –, e de sair para pegar o livro, com base na constatação da sua ausência, orientadas ao quadro *atividades da aula*, ao mesmo tempo da sua decisão performática com as condutas à meta conversa entre colegas, orientada ao quadro *interação pré-aula*. Na construção da participação na ação social, suas condutas performam, respectivamente, as identidades de colega “enturmado” e aluno obediente. Ao performar as condutas que demonstram a importância à meta da socialização com os colegas – postura corporal que não ratifica a presença do professor –, ele constrói a identidade de colega enturmado. Ao performar os turnos-em-interação multimodal de pedido e de permissão, ele constrói a identidade de aluno obediente. Esses turnos-em-interação multimodais se configuram como recalibragens das suas condutas anteriores orientadas ao quadro *interação pré-aula* – postura corporal que não ratifica a presença do professor. Ao mesmo tempo, tais turnos-em-interação reforçam sua orientação retrospectiva às normatividades e moralidades associadas à interação na sala de aula em foco – busca pelo livro em sua mochila ([04:21]) –, as quais implicam a posse do livro como um dos elementos de adequação a tais normatividades e moralidades. Essas normatividades e moralidades são corroboradas pelas instruções do professor para que os alunos se orientem ao quadro *atividades da aula* – e:: o: >restante, gente,< ↑peguem o livro, [05:28].

Ao considerar a configuração das condutas associadas aos valores atribuídos aos recursos de indicação orientados a centros escalares menos/mais imediatos nas decisões performáticas dos participantes (RAMPTON; ELEY, 2018; e.g. EnzM, Fig. 27), a distinção entre as identidades de aluno obediente e aluno responsável está associada às condutas do ZayM de busca pelo

livro, pedido ao MarcM e pedido de permissão para buscá-lo, como exemplos do repertório das identidades requeridas para o entendimento da construção das decisões performáticas orientadas ao quadro *atividades da aula*. Suas decisões performáticas (bem como as do MarcM) se mostram ratificadoras do valor normativo que ele (e o MarcM) atribui à autoridade epistêmica do professor, como definidora das moralidades associadas à in/apropriação das condutas orientadas ao quadro *interação pré-aula*, ao mesmo tempo que reforça o entendimento sobre a multidimensionalidade em suas orientações e corrobora o caráter multiescalar das decisões performadas. O caráter multiescalar dessas decisões conforma a trajetória das condutas do ZayM com base na fala do professor (Exc. 04) em aula anterior (15 de setembro – primeiro dia dos registros audiovisuais), que marca a posse do material em sala (o livro é o principal deles) como um ponto positivo da performance dos alunos; valor que atribuo ao componente da representação do aluno responsável.

Excerto 04 – Fala do professor sobre pontos positivos relacionados à conduta dos alunos em sala [cmr 41:14]

[...]

001ProfM = pontos positivos, também, <que vocês procuram trazer SEMpre o material, =
 002 = (.) isso eu percebo, oh, aqui eu vejo pouQUÍ:ssimos sem o material>, =
 003 = >acho que quase ninguém tá sem o material.<]
 004MatM - [às vezes a 62 vem pedir =
 005 = pra gente.]
 006ProfM – [↑si:m, eu já percebi isso, e também >alguns (ainda) trazem o =
 007 = dicionário.<

A fala do MatM (004-5), que ratifica o valor atribuído ao livro como recurso de indicação de moralidades relacionadas às normatividades do quadro *atividades da aula*, traz elementos que o relacionam a experiências anteriores e, ao mesmo tempo, conformam a representação positiva associada à posse do livro, à qual atribuo a identidade de aluno responsável. A representação positiva orientada à posse do livro, configurada por recursos retrospectivos, relaciona-se à noção de eventos cruzados na conformação do valor orientacional do livro como mediador das normatividades e moralidades associadas ao quadro *atividades da aula* nas decisões performáticas do ZayM. À posse do livro atribuo um valor moral de adequação das condutas associadas ao quadro *atividades da aula*, que, por sua vez, conformam a representação da identidade de aluno responsável. Observo um aspecto “extrapolado” (relativo à noção do aspecto distribucional em STEFFENSEN, 2015) da representação positiva associada à identidade de aluno responsável atribuída à posse do livro na conduta do ZayM, quando ele se orienta ao quadro *atividades da aula* – procura o livro dentro da sua mochila – logo após a primeira fala do professor: [04:21] vamo, lá, gente, bom dia –, mesmo que essa fala do professor não demonstre relação direta a

essa posse. Com essa conduta, ele se orienta prospectivamente às normatividades e moralidades do quadro *atividades da aula*, antes mesmo de se iniciarem as atividades a ele relacionadas e, ao performar a busca do livro, constrói sua identidade de aluno responsável.

A orientação prospectiva relacionada à noção de eventos cruzados reforça a conformação do valor orientacional do livro como mediador das normatividades e moralidades associadas a esse quadro e configuradora das condutas, no caso do ZayM, nas escalas locais da interação na sala de aula sob foco. Com relação à natureza das identidades performadas e dos recursos de indicação orientados a centros escalares menos/mais imediatos, retrospectiva ou prospectivamente, a identidade de aluno obediente é associada à indicação a escalas locais; a de aluno responsável, por sua vez, a escalas locais e translocais. Para a identidade de aluno obediente do ZayM e a indicação dos recursos orientada a centros escalares mais imediatos, a escalas locais da interação em curso, relacionam-se as condutas de pedir ao MarcM que traga seu livro e de sair pra buscá-lo, como o cumprimento do turno-em-interação multimodal de ordem do professor – e:: o: >restante, gente,< ↑peguem o livro, [05:28] –, com referência explícita à palavra livro. Para a identidade de aluno responsável e a indicação dos recursos orientada a centros escalares ao mesmo tempo menos e mais imediatos, relacionam-se: os centros escalares menos imediatos às escalas translocais retrospectivas associadas às trajetórias de construção das identidades entre o professor e os alunos na interação, instanciada nos comentários do professor (turnos 001-3; 006-7) e do MatM (turno 004-5) no Excerto 04; e, os centros escalares mais imediatos às escalas locais na interação em curso ([04:21] condutas de busca do livro dentro da sua mochila logo após a fala inicial do professor – vamo, lá, gente, bom dia.), com a orientação prospectiva associada à orientação ao quadro *atividades da aula*.

No caso das identidades de aluno obediente e aluno responsável associadas, respectivamente, a escalas locais e translocais, observa-se a indicação do livro como o recurso que relaciona os valores associados às normatividades referentes à posse do livro e à representação positiva a partir da contextualização espaçotemporal (cronotopo em BAKHTIN; cf. BLOMMAERT, 2018a/b/c) para além do espaçotempo da ação situada na sala de aula agindo sobre as condutas neste último espaçotempo. A apresentação das identidades em separado se dá com o intuito de tornar mais clara a compreensão dos componentes na análise das condutas. Porém, para os efeitos da construção de sentidos na vida real, tais componentes se compõem no seu conjunto na perspectiva do elaborado trabalho de julgamento de potenciais decisões performáticas para a organização das ações interacionais, a partir dos vários complexos de identidades julgados nas decisões efetivamente performadas. Esse trabalho de julgamento de potenciais decisões performáticas corrobora o elaborado complexo de práticas lúdicas que visam construir e performar imagens de personalidades, configurando-se parte dos repertórios de identidades dos agentes-em-interação. O trabalho de julgamento das potenciais decisões performáticas, como um elaborado complexo de práticas lúdicas que visam construir e performar imagens

de personalidades, se relaciona à multidimensionalidade que envolve os potenciais recursos de indicação na ação situada na sala de aula, advindos das experiências interacionais prévias dessa mesma ação social, associada a expectativas sobre futuras experiências como parte desse mesmo tipo de interação; que, por sua vez, estão relacionadas a implicações das identidades performadas. Se considerarmos que a fala do professor (turnos 001-3; 006-7 – Exc. 04) se dá há algum tempo antes das condutas do ZayM aqui analisadas, essa fala reforça tais condutas como orientadas à autoridade epistêmica do professor. Seu elaborado trabalho (bem como do MarcM), apesar de não diretamente relacionado à presença dos artefatos, ratifica o componente da multidimensionalidade nas orientações das suas condutas para as decisões performáticas associadas às agentividades e identidades performadas.

Apresento o trabalho elaborado de construção das decisões performáticas do EnzM (Fig. 12, 13) como complementação à discussão sobre os complexos de identidades julgados para as identidades efetivamente performadas.

Figura 12 – Alerta do PedSM para a presença do gravador [36:51]



Figura 13 – Xingamento do EnzM direcionado à câmera [36:54]



O caráter policêntrico que rege as condutas do EnzM (1a) está associado à capacidade agentiva nessas condutas, considerando o valor estratégico realizado em suas performances, semelhante às decisões performáticas estratégicas do PedSM (Cf. seção *Normatividades e moralidades configurando o caráter supranormativo da presença dos artefatos*). Esse seu elaborado trabalho – turnos-em-interação multimodais de xingamento e de remediação do xingamento – se relaciona, ainda, à preservação de eus como reações a intromissões a espaços pessoais íntimos (RAMPTON; ELEY, 2018), considerando-se os valores panóptico e anômico atribuídos à mediação dos dispositivos de gravação. No entanto, no caso do EnzM, vê-se que ele considera o pesquisador (2a, Fig. 12, 13 – lado esquerdo inferior da imagem), como um indiciador escalar imediato, com valor semelhante ao de observadores copresentes, no caso potencial do professor. A recalibragem nas suas condutas se relaciona ao julgamento que considera a convergência das normatividades e moralidades associadas à posição das autoridades epistêmicas do pesquisador e do professor. Seu turno-em-interação multimodal de xingamento vem na sequência e está diretamente relacionado ao turno-em-interação multimodal de alerta do PedSM (3a, Fig. 12, 13 – ↑e se xingar, lá atrás, oh, (1) tan, ran, tan, ra:n, () (aponta em direção ao gravador e cantarola algo relacionado à situação de suspense; cf. Exc. 07). A configuração do turno-em-interação multimodal de xingamento começa quando ele vira e olha para o fundo da sala de aula na direção onde o gravador está posicionado (1a, Fig. 12), enquanto PedSM constrói seu turno-em-interação multimodal de alerta. Logo após PedSM se referir a eventuais xingamentos gravados e fazer uma pausa antes de cantarolar algo relacionado a um alerta de suspense, EnzM (1a, Fig. 13) vira, olha para o pesquisador (2a) e, ‘estufando’ o peito na direção da câmera, olha diretamente para ela e xinga – <filho da mãe.>. A mudança de palavras (puta para mãe) na sua

fala mostra a construção estratégica que demonstra a recalibragem do seu turno-em-interação multimodal de xingamento na tomada de decisão da próxima conduta-em-interação – turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento –, ao mesmo tempo em que se preserva de uma potencial contraofensiva (FOUCAULT). A recalibragem é reforçada pelo turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento dirigido diretamente ao pesquisador – ao mesmo tempo que o encara, diz: >filho de mãe não é um xingamento.<, e move o braço e a mão direitos em movimentos rápidos de negação excessivamente enfatizada.

A contingência nas decisões performáticas do EnzM revela moralidades relativas à adequação das condutas realizadas, que levam à recalibragem da conduta anterior – turno-em-interação multimodal de xingamento –, por meio da reorientação à presença do pesquisador – turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento. Essa recalibragem, vista como sua forma particular de ordem indicial (BLOMMAERT *et al.*, 2015), representa os julgamentos que levam em conta as normatividades que ele associa aos potenciais observadores e mostra valores orientacionais atribuídos aos efeitos que se relacionam a i/materialidades mais ou menos imediatas desses potenciais observadores copresentes, sejam observadores virtuais (potencialmente, o professor) ou um observador real (o pesquisador).

A reorientação marcada pela recalibragem do turno-em-interação multimodal de xingamento do EnzM (1a, Fig. 13), configurada em seu turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento, mostra a relevância na sua orientação escalar para um centro mais imediato, materialmente indiciado pela presença do pesquisador. Ao julgar o turno-em-interação multimodal de xingamento, inicialmente orientado a um centro menos imediato indiciado imaterialmente pelos potenciais observadores virtuais copresentes mediados materialmente pelos artefatos, como moralmente inapropriado, ele se reposiciona e se reorienta para um centro mais imediato materialmente indiciado pela presença do pesquisador.

Essas orientações do EnzM, como as do PedSM (3a, Fig. 12, 13, retomadas na seção *Normatividades e moralidades configurando o caráter supranormativo da presença dos artefatos*), se relacionam ao componente interacional da representação artefatuizada, tecnologicamente mediada de eus (LI; BLOMMAERT, 2017). As condutas do EnzM representam, respectivamente, um eu rebelde (ameaçador) e um eu complacente (não ameaçador). Por meio do turno-em-interação multimodal de xingamento, ele constrói e performa seu eu rebelde; ao recalibrar o eu rebelde no decorrer do turno-em-interação multimodal de xingamento (mudança da palavra puta para mãe), ele constrói e performa seu eu complacente, marcado pelo ritmo acelerado da sua fala e movimentos corporais de negação excessivamente conformados no turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento. Essas decisões performáticas corroboram Blommaert (2017), no que concerne à indicição de elaborados repertórios de identidades, em seu trabalho de organização das identidades performadas. A orientação a recursos

de indicação de escalas locais e translocais – pesquisador e potenciais observadores virtuais copresentes, respectivamente – reafirma a pertinência da abordagem de escalas-em-interação como instrumento para a análise do trabalho interacional construído policentricamente. A recalibragem das condutas do eu rebelde no decorrer do turno-em-interação multimodal de xingamento, que ele marca antes mesmo de terminá-lo, reforça, ainda, a argumentação de Goffman (1983a) sobre a ideia da revelação pessoal como uma facilitação da sua intenção de marcar seu eu complacente. Seu turno-em-interação multimodal de xingamento, construído e performado como seu eu rebelde, endereçado a observadores virtuais copresentes, mostra o valor interacional ao caráter panóptico representado por tais observadores e mediado pela presença da câmera. Por outro lado, seu turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento, que mostra a construção e a performance do seu eu complacente, marca a relevância da orientação escalar para índices de escalas locais e translocais – o pesquisador e potenciais observadores virtuais copresentes. A recalibragem estratégica nessas condutas se relaciona ao julgamento de uma potencial contraofensiva (FOUCAULT, 2001 [1977]) ao caráter ofensivo do turno-em-interação multimodal de xingamento, que considera efeitos associados com i/materialidades menos/mais imediatas (RAMPTON; ELEY, 2018) de potenciais observadores virtuais copresentes e do pesquisador.

As orientações às naturezas panóptica e anômica da situação de gravação se relacionam, normativamente, ao valor escalar referente à representação de autoridades epistêmicas indicadas na imaterialidade de potenciais observadores virtuais copresentes mediados pela materialidade da câmera (e.g. o professor) e na materialidade da presença do pesquisador. Rampton e Eley (2018) discutem como participantes se orientam ao considerar suas ações potenciais para uma remediação, *vis-à-vis* uma das estratégias dos praticantes de lambeção¹²⁴ (*sitckering*) para dissimular uma suposta ação ilegal – usar “uma das mãos como ‘escudo de encobrimento’ para esconder o adesivo, disfarçando sua ação como um ato corriqueiro de alongar-se ou de apoiar-se [nas paredes laterais do trem]”¹²⁵ (RAMPTON; ELEY, 2018, p. 13). Tais estratégias se mostram fortemente relacionadas aos caracteres panóptico e anômico atribuídos à presença da câmera nos casos que trago. Potenciais condutas para ações de remediação, nessa análise e em Rampton e Eley (2018), corroboram a compreensão da orientação dos participantes a supranormatividades associadas às naturezas panóptica e anômica com valor de vigilância atribuído a potenciais observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos para a construção de decisões performáticas. O valor orientacional que EnzM (1a, Fig. 12, 13) atribui a potenciais observadores virtuais copresentes e ao pesquisador, verificado o potencial efeito ofensivo do turno-em-interação multimodal de xingamento, marcado no turno-em-interação

124 Ato de colar cartazes, geralmente com mensagens de cunho político, em espaços físicos e equipamentos públicos e privados (paredes, postes, trens, metrô, carros etc.). A denominação *lambeção* é marcada por grupos de ativistas de São Paulo e referenciada por Paula Berbet (2019).

125 No original: “[...] using his hand as an ‘involvement shield’, concealing the sticker and disguising his action as a mundane stretch or lean”.

multimodal “estratégico” de remediação do xingamento (FOUCAULT, 2001 [1977]), mostra-se análogo à discussão de Rampton e Eley (2018) sobre centros escalares menos/mais imediatos na orientação de participantes em ações de lambeção. Porém, a situação do EnzM e a dos participantes abordados por Rampton e Eley (2018) diferem em relação à tipificação dos atos e à potencialidade do imediatismo de reações aos atos ofensivos. Os casos de lambeção tratados por Rampton e Eley são considerados delitos civis e aqueles pegos em atos do tipo podem sofrer sanções conforme a natureza dos delitos, enquanto a ação de xingamento do EnzM não é considerada uma ofensa civil e, portanto, não sujeita a sanções do tipo, embora ele possa sofrer alguma espécie de reprimenda (contraofensiva nos termos de FOUCAULT, 2001 [1977]); como parece que a julga. Como reação ao julgamento de uma potencial reprimenda, EnzM recalibra sua conduta de eu rebelde (mudança da palavra puta para mãe) no decorrer do turno-em-interação multimodal de xingamento. A expectativa de uma potencial reação de reprimenda pode ser identificada no turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento dirigido diretamente ao pesquisador – ao mesmo tempo que EnzM o encara, ele diz: >filho de mãe não é um xingamento.<, e move o braço e a mão direitos em movimentos rápidos de negação excessivamente enfatizada. Observada a elaboração das potenciais decisões performáticas na organização interacional a partir dos vários complexos de identidades julgados para as decisões efetivamente performadas, trago a discussão sobre trajetórias de condutas na configuração de decisões performáticas no trabalho estratégico de elaboração de agentividades e identidades.

| Condutas-em-interação configurando trajetórias de agentividades e identidades

Para a ideia de trajetórias de condutas na configuração de decisões performáticas no trabalho estratégico de elaboração de agentividades e identidades, trago o caso da IngF (1b, Fig. 14; 1e, Fig. 15; Fig. 16; 1a, Fig. 17). A trajetória das condutas é observada no trabalho estratégico de elaboração de suas agentividades e identidades. Para a análise da trajetória das condutas da IngF, comparo elementos orientacionais para tais condutas com elementos orientacionais em condutas da EmmyF (1a, Fig. 14; 15; 16; 2b, Fig. 17) e GableF (2a, Fig. 15; 16; 17). A trajetória das condutas pode ser observada com base em orientações ao quadro *interação pré-aula* e sub-quadros *montagem dos equipamentos*, *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B*, ao mesmo tempo que ao quadro *atividades da aula* e ao (supra) quadro *registros audiovisuais* e sub-quadro *apresentação dos procedimentos de registro*. Na análise da trajetória das decisões performáticas da IngF, no trabalho estratégico de elaboração das agentividades e identidades, observam-se movimentos conforme condutas que instanciam a contingência das decisões performadas, dada a orientação policêntrica nessas condutas. Os recursos indiciais i/materiais para as respectivas condutas mostram os (muitos) centros aos quais ela se orienta e a relação entre suas condutas e respectivas agentividades e identidades performadas.

A análise da trajetória das condutas da IngF considera a orientação policêntrica indiciando suas decisões performáticas em um momento de transição que engloba os vários quadros concomitantes.

Figura 14 – Condutas da IngF – quadro *interação pré-aula* [00:00]



Figura 15 – Condutas da IngF – quadro *interação pré-aula* [00:10]



Figura 16 – Conduas da IngF – quadro *interação pré-aula* [00:40]



Figura 17 – Conduas da IngF – quadro *apresentação dos procedimentos de registro* [01:04]



IngF (1a, Fig. 17) é a única que mantém forte marcação da orientação ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, enquanto EmmyF (1a, Fig. 14; 15; 16; 2b, Fig. 17) e GableF (2a, Fig. 15; 16; 17) se orientam para quadros diferentes. A trajetória das condutas da EmmyF e GableF mostram que elas divergem uma da outra em relação aos quadros: *atividades da aula; conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B; e apresentação de procedimentos de registro*. Suas condutas se referem ao valor mediacional orientacional supraescalar da câmera fortemente marcadas nas condutas da IngF (1a, Fig. 17), bem como da EmmyF (1a, Fig. 14; 15; 16) e GableF (2a, Fig. 15), dadas suas

condutas contingentes que marcam o efeito dessa orientação entre elas. Esse efeito diz respeito à preocupação, na maioria das condutas delas, com uma boa imagem captada (LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a). O Excerto 05 apresenta falas da MarEF e LigMyF, que marcam a relevância atribuída à presença dos dispositivos de gravação, as quais se conformam como alertas (KRESS, 2013; GOFFMAN, 1976) que desencadeiam condutas da IngF, EmmyF e GableF orientadas à preocupação com uma boa imagem captada pela câmera (exploro tais alertas indiciados nas condutas da MarEF e LigMyF na seção *Decisões performáticas como estratégias de enfrentamento à indeterminação de normas*).

Excerto 05 – Reações da MarEF e LigMyF à presença dos artefatos [grvdr 03:55/cmr 02:02]

[...]

001MarEF - ()sentar aqui não,(o da) câmera, olhando assim pra mim?

[...]

002MarEF -↑<um gravador, MEU DEUS.>]((surpresa com posicionamento do gravador próximo ao local onde escolheu))

003LigMyF – [se você não fosse linda,(° °)((comentário sobre MarEF))

[...]

004LigMyF – (seu)↑caBElo.((alerta sobre ajeitar o cabelo para a filmagem))

[...]

005MarEF -↑normal?↑normal?↑com três câmeras e um gravador?(.)como é que a gente fica =

006 =normal?

As falas que marcam o desconforto da MarEF (grvdr 001; 002; cmr 005-6) ocorrem em momentos cronológicos distintos ([grvdr 03:55/cmr 02:02]¹²⁶): as duas primeiras são orientadas ao quadro *interação pré-aula* e seu sub-quadro *montagem dos equipamentos*, enquanto as que seguem (cmr 005-6), ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*; ambos os quadros acontecem concomitantemente. As falas da LigMyF (grvdr 003; 004) afirmam a preocupação da MarEF com o aspecto da vigilância da câmera (RAMPTON; ELEY, 2018), embora, no caso da LigMyF, menos atenta ao aspecto da vigilância e mais atenta ao cuidado com a imagem captada. A preocupação da LigMyF com a aparência física (turno 004 – (seu) ↑caBElo. – Exc. 05) funciona como alerta que desencadeia as condutas agregacionais que configuram os quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B* (Fig. 14; 15; 16).

As condutas da IngF (1b, Fig. 14; 1e, Fig. 15; Fig. 16; 1a, Fig. 17), orientadas à preocupação com uma boa imagem captada, por outro lado, marcam uma trajetória que se estende por mais tempo (1a, Fig. 17) do que a da maioria dos membros dos quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B*. O trabalho de organização dessas condutas

126 Os turnos de fala da MarEF (001; 002) e LigMyF (003; 004) foram registrados apenas pelo gravador; o último turno de fala da MarEF (005), pela câmera.

mostra diferentes recursos i/materiais, e moralidades a elas associadas, como indiciadores de suas decisões performáticas. A visão geral das quatro imagens permite observar a trajetória de suas condutas desde o primeiro segundo do registro em vídeo da interação (1b, Fig. 14 [00:00]). Suas orientações, configuradas nas condutas desencadeadas a partir do turno de fala da LigMyF (turno 004 – (seu) ↑caBElo. – Exc. 05), mostram essa mesma preocupação de cuidado com a imagem captada. Todas essas condutas da IngF, bem como as da EmmyF (1a, Fig. 14; 15; 16), ALigF (1b, Fig. 15; 16), SofF (1c, Fig. 14; 15; 16), FerF (1d, Fig. 14; 15; 16), CamlF (1f, Fig. 16), MarEF (2a, Fig. 15), GableF (2b, Fig. 15), LigMyF (2c, Fig. 15; 2a, Fig. 16) e RaiF (2d, Fig. 15) atribuem o valor indicial orientacional ao cuidado com a imagem captada associado à presença da câmera, *vis-à-vis* seus olhares e posturas corporais (falas inaudíveis), que os configuram como condutas congregacionais (e individuais – LigMyF (2a), Fig. 16) orientadas aos quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B*.

A trajetória das condutas da IngF, em seu trabalho estratégico de elaboração das agentividades e identidades performadas, mostra elementos de orientações policêntricas em cada momento. Para a demonstração do trabalho estratégico de elaboração dessas agentividades e identidades, comparo elementos orientacionais em suas condutas com elementos orientacionais nas condutas da EmmyF (1a, Fig. 14; 15; 16; 2b, Fig. 17) e GableF (2b, Fig. 15; 3a, Fig. 16; 2a, Fig. 17).

A Figura 14 traz IngF (1b) e EmmyF (1a) orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*; a GableF não aparece na imagem. Olhares e posturas corporais delas – sentadas em configuração congregacional de quase-semicírculo, arrumando seus cabelos (falas inaudíveis) – demarcam as condições de membros do grupo e mostram a ritualização social (*social ritualization* em GOFFMAN, 1983a) da qual IngF e EmmyF, e outros membros – SofF (1c) e FerF (1d) –, tomam parte. Na Figura 15, IngF (1e) e EmmyF (1a) se mantêm orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, com a mesma configuração congregacional – olhares e movimentos corporais direcionados a membros do grupo e falas paralelas (inaudíveis) entre outros membros (ALigF (1b), SofF (1c) e FerF (1d)). Condutas da GableF (2b) – ajeita seu cabelo, corpo meio virado para trás, olhar e fala (inaudível) dirigidos a LigMyF (2c) e MarEF (2a) – configuram suas orientações ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B*, corroborando a ritualização social verificada nas respectivas condutas. No momento retratado na Figura 15 ([00:10]), observa-se, pela primeira vez, a conduta da IngF configurada por sua postura de pé, fazendo um coque no cabelo da FerF, enquanto ALigF, SofF e FerF se mantêm sentadas. Tal conduta demonstra sua atenção mais atenta orientada ao (supra) quadro *registros audiovisuais*, por sua preocupação com a aparência física associada à imagem captada pela câmera. Essas condutas ratificam a relevância à apreciação positiva dos colegas e suas configurações corroboram a argumentação sobre formas de representação virtual em tempo real (*online forms of representation* em BLOMMAERT, 2018a), aplicadas, aqui, em função da

semelhança das orientações mediadas pelos artefatos tecnológicos de captação de imagem e som.

A convergência nas orientações da IngF, nas condutas do tipo cuidado com a imagem captada, é verificada como um dos críticos valores orientacionais escalares atribuídos às normatividades associadas à presença da câmera. Parafraseio Li e Blommaert (2017), com relação à interação com *baifumeis*¹²⁷: as condutas na interação na sala de aula orientadas ao cuidado com a imagem captada e respectivas moralidades associadas à presença da câmera demandam conhecimentos de e estratégias específicas para observadores virtuais copresentes, a quem os participantes da interação de sala de aula se orientam (em potencial) em suas decisões performáticas (LI; BLOMMAERT, 2017, p. 19¹²⁸). A postura da IngF (Fig. 16), por sua preocupação com a aparência física (Cf. 1b, Fig. 14 – IngF faz coque no próprio cabelo), correlata às posturas da ALigF, SofF, FerF, MarEF e LigMyF, se mostra moralmente apropriada, considerando-se as normatividades associadas aos quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B*. A propriedade moral nas condutas da IngF considera, também, o quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, como sub-quadro do quadro *interação pré-aula*. Em todos esses quadros, observam-se normatividades que permitem condutas mais livres, se comparadas às condutas orientadas às normatividades associadas ao quadro *atividades da aula*, ou mesmo ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro* (Fig. 17). A configuração congregacional da ritualização social observada nas condutas dos membros do quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A* – olhares e movimentos corporais direcionados aos membros do grupo e falas paralelas entre a EmmyF, ALigF, SofF, FerF e IngF (Fig. 15) – é demonstrada nas condutas da GableF, MarEF e LigMyF, como membros do grupo B, e mostram a ritualização social desse grupo (B) semelhante à ritualização social do outro grupo (A). Embora os dois grupos se orientem, tanto material como moralmente, à presença da câmera, dadas as preocupações de seus membros e o cuidado com a imagem captada, a configuração das condutas em cada grupo afirma sua ritualização social própria, devido ao fato de que os membros dos grupos não interagem entre si. Ainda com relação às condutas observadas na imagem da Figura 15, verifica-se o olhar da RaiF (2d), também orientado ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B*, porém, não ratificado pelos outros membros (GableF (2b), MarEF (2a) e LigMyF (2c)). Observa-se o tipo não-focado de organização interacional (*unfocused interaction*), relacionado às formas de participação na perspectiva da ritualização social em Goffman. O olhar da RaiF configura uma participação indireta, com engajamento adjacente (GOFFMAN, 1963, 1983a; RAMPTON; ELEY, 2018), já que sua participação não ratificada – olhar direcionado a membros do grupo,

127 Mulheres adultas em plataformas de transmissão ao vivo [*livestreaming platforms*] com motivação pecuniária.

128 No original: “This [care of the] selfie, we hope to have illustrated, demands forms of knowledge and skill specific to the online chronotopes in which it is presented and performed”.

porém, com movimentos corporais não direcionados a eles e ausência de falas paralelas entre ela e outros membros – se enquadra como “*para além do círculo principal*”¹²⁹ dos membros ratificados (RAMPTON; ELEY, 2018, p. 5) na ação interativa do quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B*. A ideia do engajamento adjacente se refere à característica do envolvimento não focado – “a nenhum participante pode oficialmente ser ‘dado o turno’; não há centro de atenção oficial”¹³⁰ (GOFFMAN, 1963, p. 34). O padrão de conduta com engajamento adjacente da RaiF, à qual se atribui um componente de timidez, é identificado em toda a interação; são verificadas mudanças sutis – poucas falas e engajamento focado – em interações registradas, todas orientadas ao quadro *interação pré-aula*. As condutas (raras) da RaiF, com participação ratificada, se observam em registros das interações do grupo antes da chegada do professor à sala de aula.

A Figura 16 mostra IngF (1e) e EmmyF (1a) ainda orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, enquanto a GableF (3a) se orienta ao quadro *atividades da aula*, com condutas configuradas pela atenção (direção do olhar) ao seu livro sobre a carteira e postura corporal – sentada com o corpo ereto na direção da mesa do professor a sua frente; a conduta da GableF implica na ausência de posicionamento agregacional com as demais colegas. Ressalte-se que a LigMyF (2a) mantém conduta individual – ajeita seu cabelo –, a qual mostra um efeito de continuidade à ritualização social observada na conformação das condutas orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B* (Cf. LigMyF (2c), Fig. 15).

As condutas da GableF – atenção ao livro e sentada com o corpo ereto na direção da mesa do professor – se mostram moralmente apropriadas ao quadro *atividades da aula*, considerando-se as convergências à posição das carteiras e da mesa do professor, comparadas às suas condutas na Figura 15 (2b – corpo meio virado para trás, olhar e fala (inaudível) dirigidos à LigMyF (2c)), orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B*.

Excerto 06 – Orientação do professor ao quadro *atividades da aula* [grvdr 04:24]

[...]

001ProfM – ↑meninas

[...]

002ProfM – >↑MENINAS,(0,5)ENDIREITA ESSA FILA AÍ,< VAMO LÁ, MichF(2,6)

As tentativas do professor de orientar os alunos ao quadro *atividades da aula*, tão logo chega à sala de aula (Exc. 06), contribuem para a orientação da GableF a esse mesmo quadro. Essas tentativas podem ser tomadas como potenciais recursos indiciais na orientação dela ao quadro

129 No original: “[...] beyond the circle in which one is principally occupied [...]”.

130 No original: “In this realm of unfocused interaction, no one participant can be officially ‘given the floor’, there is no official center of attention”.

atividades da aula; tome-se a informação de que os registros audiovisuais iniciam 05 minutos e 30 segundos após os registros de áudio, o que implica que as falas do professor acontecem 01 minuto e 06 segundos antes das condutas da GableF. Essas falas, além de demonstrarem sua orientação ao quadro *atividades da aula*, marcam o julgamento quanto à impropriedade nas condutas de algumas alunas, associadas à materialidade da posição das carteiras, que reforça características da configuração clássica referente ao ensino catequista (KROON, 2013) e ao formato de audiência (GOFFMAN, 1983a), em relação aos quais as condutas posturais da GableF se mostram apropriadas. Destaco, a partir do registro audiovisual desde seu início (Cf. Fig. 14 [00:00]), o alinhamento das carteiras como tal em toda a interação na sala de aula. A conformação das condutas da GableF – foco do olhar no livro, postura ereta na direção da mesa do professor e ausência de condutas agregacionais com as demais colegas – reforça características da configuração clássica referente ao ensino catequista – postura disciplinada – e ao formato de audiência – conduta não interativa entre colegas. Condutas orientadas à postura disciplinada corroboram padrões específicos da interação catequista da sala de aula, do tipo forte autoridade do professor e disciplina firme por parte de (quase todos) alunos (KROON, 2013). Condutas não interativas afirmam características do formato de audiência – a obrigação principal dos espectadores é observar, não agir (GOFFMAN, 1983a) –, *vis-à-vis* as condutas que configuram a ausência de posicionamentos agregacionais, contrapondo olhares e movimentos corporais direcionados a e falas paralelas com membros do grupo (2b, Fig. 15), característicos das suas condutas orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo B* – corpo meio virado para trás, olhar e fala (inaudível) dirigidos à LigMyF (2c). Trago a elaboração da configuração clássica referente ao ensino catequista e ao formato de audiência na seção *Normatividades e moralidades naturalizadas: o padrão da conversa institucional de sala de aula*.

A simultaneidade multiescalar no momento das condutas da GableF (3a, Fig. 16) é observada nas normatividades e moralidades associadas ao quadro *interação pré-aula*, as quais permitem que condutas mais livres se configurem apropriadas, como as do KalM (2a), ZayM (2b), PedGM (2c), EmanM (2d) e GablaF (2e). Assim como as condutas da IngF (1e) – postura em pé, fazendo um coque no cabelo da FerF (1d) –, as da EmmyF (1a), ALigF (1b), SofF (1c), FerF (1d), CamlF (1f) e LigMyF (2a), orientadas aos sub-quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B*, também se configurem apropriadas. A trajetória das condutas da IngF, orientada à supranormatividade relacionada à presença da câmera e ao julgamento de potenciais recursos materiais e morais como instâncias da natureza multidimensional aliada ao caráter multienquadrado, reforça a simultaneidade multiescalar na configuração de suas condutas. Essas condutas são vistas como indiciadas por condutas da EmmyF (1a, Fig. 14; 15; 16), ALigF (1b, Fig. 15; 16), SofF (1c, Fig. 14; 15; 16), FerF (1d, Fig. 14; 15; 16), CamlF (1f, Fig. 16), MarEF (2a, Fig. 15), GableF (2b, Fig. 15), LigMyF (2c, Fig. 15; 2a, Fig. 16) e RaiF (2d, Fig.

15), orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B*. Ao mesmo tempo, na Figura 17, as condutas da IngF (1a), orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, conformam uma orientação divergente se comparadas às da GableF (2b) e EmmyF (2c), como também às dos demais alunos – olhares e posturas corporais na direção do pesquisador (2a), orientadas ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*.

A natureza distribuída na configuração da trajetória das condutas da IngF – 1b, Fig. 14 [00:00]; 1e, Fig. 15 [00:10]; 16 [00:40]; 1a, Fig. 17 [01:04] – se mostra orientada ao (supra) quadro *registros audiovisuais* desde o primeiro momento dos registros (IngF faz coque no próprio cabelo, sentada em uma configuração congregacional de quase-semicírculo com a EmmyF, SofF e FerF), a partir dos turnos-em-interação de alerta da LigMyM sobre ajeitar o cabelo para a filmagem (e.g. Exc. 05 – turno 004 [(seu)↑caBElo.]). Suas condutas mostram um maior valor orientacional (mais atenção) ao (supra) quadro *registros audiovisuais*, ao serem consideradas as tentativas do professor (turno 001 – ↑meninas,; turno 002 – >↑MENINAS, (0,5) ENDIREITA ESSA FILA AÍ,< VAMO LÁ, [...] – Exc. 06) orientadas ao quadro *atividades da aula*, marcadas desde o início da interação (antes dos registros em vídeo). As falas do professor demonstram sua orientação ao quadro *atividades da aula*, marcada por seu julgamento quanto à impropriedade das condutas de algumas alunas e associada à materialidade da posição das carteiras. Pelas primeiras condutas da trajetória da IngF, ela e os demais membros – EmmyF, SofF e FerF – se orientam parcialmente ao quadro *atividades da aula*, dada a posição das carteiras, que demonstra a adequação à instrução do professor (Exc. 06, turnos 001-2). Porém, suas condutas – posturas corporais (sentadas, arrumando seus cabelos) e olhares em configuração quase-circular (falas inaudíveis) – demonstram orientações ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, concomitantemente ao (supra) quadro *registros audiovisuais* e seu sub-quadro *apresentação dos procedimentos de registro*.

As decisões performáticas da IngF, conforme a trajetória das suas condutas, com relação ao julgamento de valores atribuídos a potenciais recursos de indicição, estão associadas às diferentes dimensões escalares relativas aos vários quadros presentes em cada momento. O trabalho de organização dos potenciais recursos de indicição nessas decisões demonstra, para cada decisão, que ela considera potenciais materialidades e normatividades associadas aos vários quadros presentes em cada momento. O trabalho de organização dos potenciais recursos de indicição em suas decisões performáticas, com base em diferentes artefatos – postura de outros alunos em relação à montagem dos equipamentos de registro, por exemplo –, corrobora a indicição de uma rede de artefatos semióticos (LEMKE, 2000) (Cf. instâncias da rede de artefatos semióticos na sequência de condutas da IngF nos registros audiovisuais, na seção *Da simultaneidade multiescalar no trabalho de organização da comunicação interacional*). A configuração das condutas dela, dada a adequação a potenciais normatividades escalares,

corroborar a ideia de um indivíduo completamente integrado ao “alcançar formas diversas de integração a vários modos de organização interacional, se movendo de um enquadre a outro enquanto ajusta esperados modos de integração em cada um deles”¹³¹ (BLOMMAERT, 2018a, p. 74). Suas condutas se mostram completamente integradas aos vários modos de organização interacional na ação social se entendermos a adequação moral das diferentes condutas em suas decisões performáticas em relação aos trânsitos adequados entre os variados potenciais modos; a adequação moral é observada na trajetória das condutas para as decisões performadas descritas acima.

| Normatividades e moralidades configurando o caráter supranormativo da presença dos artefatos

Para a discussão do trabalho de organização da comunicação interacional configurado em condutas-em-interação que consideram o julgamento de normatividades e moralidades associadas à supranormatividade atribuída à presença dos artefatos, trago o caso do PedSM (Fig. 18; 19; 20; Exc. 07), ao considerar a elaboração das suas condutas configuradas por experiências retrospectivas e, ao mesmo tempo, orientadas prospectivamente. Complemento a discussão com condutas do EnzM e do PedGM (2a; 2b, respectivamente, Fig. 21; 22). Passo ao caso do PedSM (1b, Fig. 18; cf. Fig. 19; 20; Exc. 07), para, na sequência, tratar sobre as condutas do EnzM e do PedGM (Fig. 21; 22).

Figura 18 – Condutas do PedSM – minimização da orientação à presença da câmera [00:40]



Os turnos-em-interação multimodais de cumprimento do PedSM (1b) – fala (oi, câmera.),

¹³¹ No original: “[a] ‘completely integrated’ individual [to a wide variety of communities] [as] an individual who has achieved such diverse forms of integration and is able to move from one community to another one while shifting the modes of integration expected in each of them”.

aceno com a mão e sorriso para a câmera – no quadro *montagem dos equipamentos*, subquadro do quadro *interação pré-aula*, mostram condutas convergentes orientadas à presença da câmera (Cf. condutas individuais orientadas para a câmera, da RaiF (1a – olhar de soslaio) e do MigM (1c – olhar direto)). Condutas semelhantes dele, PedSM, são observadas em diferentes momentos da interação: [00:23] aceno de mão, sorriso e arqueamento de sobrancelhas, dentro do quadro *interação pré-aula*; [01:29] aceno de mão e sorriso, no quadro *apresentação dos procedimentos de registro*; [36:11] fala (<filma:ndo.>) e aceno de mão, como parte de retomada do quadro *interação pré-aula*, quando o professor deixa a sala de aula por um tempo e os alunos se reorientam a este quadro. Turnos-em-interação multimodais de cumprimento, comparados a suas condutas no Excerto 07 e Figura 20 (1a), demonstram a contingência da convergência atribuída à presença dos artefatos, a qual considera valores orientacionais menos/mais des/atentos a essa presença (RAMPTON; ELEY, 2018).

Excerto 07 – Alerta do PedSM para a presença do gravador [cmr 36:48]

[...]

001PedSM – ↑e se xingar, lá atrás, oh,(1)tan, ran, tan, ra:n,()((aponta em direção ao gravador e cantarola algo relacionado à situação de suspense))

Figura 19 – Alerta do MigM para a presença da câmera [36:36]



Figura 20 – Alerta do PedSM para a presença do gravador [36:48]



A reorientação mais convergente do PedSM – fala (Exc. 07) e braço apontador (1a, Fig. 20) – configuram seu turno-em-interação multimodal de alerta à presença do gravador aos outros alunos, o qual marca orientação que ele atribui ao valor escalar panóptico associado a esse artefato. Valor escalar correspondente é marcado pelo MigM (1a, Fig. 19) em relação à presença da câmera – ↑EI, GENTE, aqui:, só pra dizer, (.) tá filmando, aqui, oh.hh (inicia com o corpo virado para seu lado direito na direção de outros alunos, se vira na direção da câmera, aponta na direção dela e ri). A conformação do turno-em-interação multimodal de alerta à presença do gravador por parte do PedSM reforça o turno-em-interação multimodal de alerta à presença da câmera por parte do MigM. Nesse momento, as condutas do PedSM se mostram divergentes em relação a suas condutas anteriores (1b, Fig. 18), as quais trazem um componente estratégico de minimização de orientação atenta à presença dos artefatos (FOUCAULT, 2001 [1977]; GOFFMAN, 1983a); orientação abertamente marcada nas condutas orientadas à presença do gravador. Sua orientação para a natureza panóptica do gravador – gesto apontando para o fundo da sala na direção do gravador, fala e cantarolar que se assemelha a um alerta de suspense –, comparada a suas condutas anteriores ([00:23] fala, aceno com a mão e sorriso para a câmera; [00:40] aceno de mão, sorriso e levantar de sobrancelhas; [01:29] aceno e sorriso; [36:11] fala e aceno de mão), marca o alto nível de convergência à presença dos artefatos para essas condutas anteriores, se considerarmos esses últimos valores menos atentos atribuíveis à minimização da preocupação atenta a essa presença. PedSM minimiza a orientação mais atenta à presença dos artefatos – [36:11] fala (<filma:ndo.>) e aceno para a câmera – até momentos antes de revelá-la ([36:48]), em relação à presença do gravador (Fig. 20).

O valor orientacional associado à vigilância de potenciais observadores copresentes mediada pela presença dos artefatos no turno-em-interação multimodal de alerta pelo PedSM (Fig. 20) se configura como extensão à conduta do MigM. Tal extensão é vista, ao iniciar o turno verbal,

na marcação com o recurso (gramatical) da adição – ↑e se xingar, lá atrás, oh, (1) tan, ran, tan, ra:n, [...] – Exc. 07). A relevância que ele, PedSM, atribui à presença dos artefatos é ratificada por condutas dos outros participantes – atenção respeitosa (sem turnos verbais) e posturas corporais em relação a ele – enquanto constrói esse alerta. Ao considerar a natureza da atenção nas condutas dos outros participantes, parece razoável associar a evocação do som de suspense, que “mostram alguma orientação tácita do assoviador/*cantarolador* para aspectos do ambiente, da situação etc.”¹³² (SCHEGLOFF, 2006, p. 143, grifo nosso), visto que tal evocação está associada ao aspecto anômico – de uma zona em que as normas não são claras (BLOMMAERT, 2018a) – dos registros, geralmente aceitos, além do aspecto panóptico. Ao mesmo tempo, considero uma associação evocativa translocalmente indiciada à trilha sonora de filmografia de suspense como parte de características do senso comum dessa tipologia cinematográfica. A associação com a trilha sonora de filme de suspense, além de indiciar verbalmente a orientação do PedSM (1a, Fig. 20) (e de outros participantes) para a materialidade dos artefatos, reforça o caráter panóptico de potenciais observadores copresentes e de normatividades associadas a esses observadores pela mediação dos artefatos. Normatividades associativas de respeito marcam o índice multiescalar sociocultural para aqueles que a homologam como tal, dado efeito escalar agregacional de respeito, sinalizado pelas condutas do EnzM e PedGM (Fig. 21; 22).

Figura 21 – Condutas do EnzM e do PedGM para o alerta do MigM [36:36]



Figura 22 – Condutas do EnzM e do PedGM para o alerta do PedSM [36:48]

¹³² No original: “[...] which display some tacit orientation of the whistler/hummer to aspects of the environment, the situation, etc.”.



As orientações do EnzM (2a, Fig. 21; 1b, Fig. 22) e PedGM (3a, Fig. 21; 1c, Fig. 22) passam de um tipo desatento (ou menos atento) (respectivamente, 2a e 3a) ao turno-em-interação multimodal de alerta do MigM (1a, Fig. 21) para um tipo atento (ou menos desatento) (respectivamente, 1b e 1c) ao turno-em-interação multimodal de alerta do PedSM (1a, Fig. 22). A marcada relevância ao recurso indicial multiescalar sociocultural está associada ao aspecto panóptico atribuído ao recurso verbal do suspense, *vis-à-vis* a construção das condutas atenciosas na sequência dos movimentos das condutas do EnzM e PedGM – corpos virados para e olhar em direção ao PedSM, Fig. 22 –, diretamente relacionada ao seu turno-em-interação multimodal de alerta. Não se observam, por sua vez, movimentos convergentes do EnzM (postura corporal e fala (inaudível) dirigida a Kalm (2b) e ZayM (2c)) e do PedGM (postura corporal voltada aos colegas, sem interação focada com nenhum deles) (Fig. 21) ao turno-em-interação multimodal de alerta do MigM, já que este não usa o recurso verbal do suspense em seu alerta. O valor indicial atribuído aos artefatos, marcado pelas condutas atenciosas do EnzM e PedGM configura-os altamente normativos para as decisões performáticas dos participantes, *vis-à-vis* os comentários do PedGM (Cf. Exc 02), que mostram tal valor assumido em relação às condutas do professor.

A Figura 23 apresenta um diagrama para valores indiciais orientacionais observados na configuração das condutas do PedSM, referentes à presença dos artefatos. Por meio dessas condutas, relevâncias e efeitos em suas decisões performáticas marcam o elaborado trabalho de construção de suas agentividades e identidades. Valores indiciais supraescalares panóticos e anômicos em suas condutas estão relacionados à supranormatividade associada à presença dos artefatos.

Figura 23 – Valores indiciais orientacionais e níveis de convergência no *continuum* de percepção da presença dos dispositivos de gravação pelo PedSM



(* Códigos: quadro *apresentação dos procedimentos de registro* [AprPrcRg]; quadro *interação pré-aula* [IntPrAul]; (supra) quadro *registros audiovisuais* [SQ-RgGrv])

As condutas referentes às decisões performáticas do PedSM (1b, Fig. 18; 1a, Fig. 22), verificada a relevância e o efeito supranormativo da presença dos artefatos – **alerta para o gravador** –, como componente crítico das condições para suas agentividades e identidades, demonstram os valores indiciais supraescalares panóticos e anômicos associados à vigilância de potenciais observadores copresentes, pela mediação dos artefatos. Esses valores indiciais orientam suas decisões performáticas, considerando-se condutas em relação à câmera – *fala e acenos para a câmera* (Cf. Fig. 18) – como estratégias de minimizar valores indiciais supraescalares; como se ele não se importasse com a presença dos equipamentos. Tais condutas, que parecem atribuir menor valor orientacional (orientação menos atenta) à presença da câmera como dissimulação de um maior valor (orientação mais atenta), se relacionam a estratégias de minimizar valores indiciais supraescalares – **fala e acenos para a câmera**. De tal sorte, as condutas relacionadas às estratégias de minimizar valores indiciais supraescalares – *fala e acenos para a câmera* – devem ser deslocados (...) para a posição referente a um maior valor orientacional (orientação mais atenta) – **fala e acenos para a câmera**. O valor estratégico em relação ao turno-em-interação multimodal de simulação de desatenção (Fig. 18), que reforça a atenção à presença dos artefatos, marca sua estratégia de simulação de desatenção a essa presença. Suas decisões corroboram a ideia do repertório elaborado de identidades (BLOMMAERT, 2017) exigido na organização do seu trabalho performativo e reforçam a noção da ludicidade associada ao trabalho de encenação dramática (GOFFMAN, 1959; LI; BLOMMAERT, 2017), encenação que entendo ratificadora do valor estratégico dessas decisões.

Para as seções que seguem, traço uma linha argumentativa para a compreensão de decisões performáticas na construção da ação comunicativa relacionada à conformação de condutas e respectivas normatividades e moralidades associadas. Parto de instâncias de condutas conformadas a padrão *naturalizado* de normatividades e moralidades na ação social (*Normatividades e moralidades naturalizadas: o padrão da conversa institucional de sala de aula*), para, na sequência, demonstrar condutas conformadas a valor estratégico relacionado à resistência

a relações de poder hegemônico (*Decisões performáticas como estratégias de resistência a relações de poder hegemônico*) e à indeterminação de normas claras para condutas na ação social (*Decisões performáticas como estratégias de enfrentamento à indeterminação de normas*). Apresento instâncias de trabalhos de organização da comunicação interacional, por meio de condutas que consideram o julgamento de normatividades e moralidades associadas à supranormatividade associada à presença dos artefatos.

| Normatividades e moralidades naturalizadas: o padrão da conversa institucional de sala de aula

A orientação de condutas-em-interação conformadas ao padrão *naturalizado* de normatividades e moralidades em ambientes de fala-em-interação em sala de aula (não apenas de ILA) configura a racionalidade prevalente na organização da interação na ação social sob foco; racionalidade que configura parte importante do poder sociopolítico institucionalizado do professor (FOUCAULT, 2013 [1975]). Esse padrão *naturalizado* é tomado com base na noção de roteiro anacrônico como modo particular [do professor] de organizar a interação social por meio de padrões específicos de performances (BLOMMAERT, 2018a). Tal anacronismo se relaciona à aderência do professor a um roteiro “fixo” como sua maneira de não se ajustar a mudanças (e tentar que os aprendizes não o façam), dentre elas, a presença de observadores copresentes mediados pelos artefatos, além da minha presença física como pesquisador. O efeito de adesão ao roteiro anacrônico reforça padrões normativos *improdutivos* por parte do professor, ao menos na perspectiva de criar espaços que estimulem curiosidades no e capacidades dos alunos de se arriscarem, de se aventurarem (FREIRE, 1996). Na perspectiva dessa análise, o efeito da adesão ao roteiro anacrônico se mostra como reforço a padrões normativos *improdutivos* no sentido de que tais padrões não promovem um maior grau de agentividades dos alunos como pessoas mais comprometidas com a construção de identidades mais responsáveis e críticas.

A argumentação sobre o roteiro anacrônico do professor, associada à atribuição de um valor estratégico na adesão a tal roteiro, embasa a compreensão dessa adesão como sua estratégia de resistência aos caracteres panóptico e anômico relacionados à presença dos dispositivos de gravação, e à minha, como pesquisador (Cf. seção *Sobre o componente estratégico na conformação de condutas-em-interação*). O conceito de anacronismo é adotado como “esquemas de imaginação social, e, portanto, de padrões de interpretação, talvez válido em estágio de desenvolvimento anterior, mas não ajustado a mudanças recentes e, por conseguinte, inadequado à conformação fenomenológica dos casos atuais” (BLOMMAERT, 2018a). Ao estabelecer a relação entre a validade de padrões de interpretação em interações na sala de aula a estágio de desenvolvimento anterior sem a presença dos artefatos e do pesquisador, entende-se o roteiro do professor como anacrônico ao não se ajustar a mudanças recentes e, por conseguinte, inadequado à conformação

fenomenológica do caso atual que conta com essas presenças.

O caráter anacrônico, no caso dos casos apresentados, está associado ao roteiro do professor, parafraseando Blommaert (2018a), como seu modo particular de organizar a interação social através dos padrões específicos das suas realizações-de-performances. Os padrões de organização da ação social por parte do professor se referem a sua adesão a padrões indiciadores de performatividades que não se adéquam à conformação fenomenológica da ação social, que permite orientações a normatividades e moralidades de quadros interativos para além de padrões orientados ao quadro *atividades da aula*; por exemplo, em relação ao (supra) quadro *registros audiovisuais*. Como entendimento da adesão a tal roteiro, as condutas marcam a relevância em sua orientação, por exemplo, no julgamento sobre im/propriedades em condutas dos alunos. Observa-se marcada relevância do tipo em turnos verbais (registro de áudio) que marcam o julgamento acerca da des/arrumação das carteiras, bem como de condutas de alunos configuradas em posturas corporais – em pé, circulando pela sala. Essa conformação espacial das carteiras, e o conseqüente posicionamento dos corpos dos alunos, corrobora a retórica corporal da disciplina em Foucault como métodos de controle minucioso de operações corporais e de sujeição constante de suas forças, impondo-lhes uma relação de docilidade (FOUCAULT, 2013 [1975]).

A Figura 24 traz um reforço à argumentação acerca da orientação ao roteiro anacrônico por parte do professor, ao apresentar seus turnos verbais (Cf. Exc. 08), que marcam o julgamento acerca das condutas dos alunos – KalM e EmanM – configuradas em suas posturas corporais – em pé, circulando pela sala –, bem como na des/arrumação das carteiras (Exc. 08).

Figura 24 – Condutas dos participantes e enquadres interacionais [00:00]



Na imagem, verificam-se as condutas dos alunos em pé, circulando pela sala – KalM (1b) e EmanM (1c) –, marcadas em julgamentos do professor (1a) que atribuem valor de inadequação às normatividades e moralidades associadas à configuração de tais posturas corporais (Cf. turnos 003-4 – Exc. 08). Ainda, as falas do professor, que diz às alunas para arrumarem as carteiras, e conseqüentemente, sentarem orientadas ao padrão *naturalizado*, reforçam valor de inadequação às normatividades e moralidades associadas à configuração de suas posturas corporais. Os

turnos-em-interação multimodais do professor (001-2) conformam a ordem para as alunas – EmmyF (2a), IngF (2b), SofF (2c) e FerF (2d) (Fig. 24) – se reorientarem às normatividades e moralidades relacionadas ao quadro *atividades da aula*, ao julgar suas condutas – posturas corporais, falas (inaudíveis) e olhares entre membros do grupo, em uma configuração quase-circular – orientadas ao quadro *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A*, sub-quadro do (supra) quadro *registros audiovisuais*, inadequados em relação àquele (quadro *atividades da aula*).

Excerto 08 – Orientação do professor à retórica da disciplina [grvdr 04:24]

[...] ¹³³

001ProfM – ↑meninas,

[...]

002ProfM – >↑MENINAS,(0,5)ENDIREITA ESSA FILA AÍ,< VAMO LÁ, MichF(2,6)

[...] ¹³⁴

003ProfM – ↑vamo lá, meNInos,

[...]

004ProfM – ↑sentando,↑aí,

[...]

005ProfM – °(vamos,)o horário,([])((frase inaudível)),↑devia está em sala já, =

006 = ()((2a parte presumivelmente dirigida a EmanM, que anda pela sala))

007CdrF - [↑EmanM, essa daí é do KalM.

O professor marca seu julgamento quanto à impropriedade nas condutas dos alunos e revela sua orientação ao enquadre “normal” relacionado à configuração das condutas orientadas ao quadro *atividades da aula*. As falas da cuidadora (007; cf. 1c – mãos no lado direito da imagem – Fig. 24), em continuação às do professor (turnos 005-6, Exc. 08), com sobreposição ao segundo turno dele (006), reforça normatividades em relação ao quadro *atividades da aula*, às quais ela se orienta, na mesma direção dele. O julgamento do professor à impropriedade das condutas das alunas (EmmyF, IngF, SofF e FerF) se configura em modulações em suas falas que trazem uma intensidade maior (volume alto) em seu tom de voz, associada ao ritmo acelerado da fala (> <) – >↑MENINAS, (0,5) ENDIREITA ESSA FILA AÍ,< VAMO LÁ, [...] (002). Essas modulações configuram seu turno-em-interação multimodal de ordem e corroboram a retórica corporal da disciplina (FOUCAULT, 2013 [1975]). As características dos turnos-em-interação multimodais de ordem, por parte do professor, observadas suas orientações às normatividades em relação ao quadro *atividades da aula*, implicam as posturas em pé do KalM e EmanM como moralmente inadequadas. A marcação da inadequação moral nessas condutas é verificada nos

¹³³ Interação do professor com alunas [grvdr 04:24].

¹³⁴ Interação do professor com alunos [grvdr 05:02] e da cuidadora com EmanM [cmr 00:03].

elementos de prosódia em sua fala – ↑vamo lá, meNInos, [...]; ↑sentando,↑aí, (003-4)¹³⁵.

As instâncias dos turnos-em-interação de ordem corroboram sua adesão ao roteiro anacrônico como seu modo particular de organizar a interação social através dos padrões específicos de suas realizações-de-performances orientadas ao quadro *atividades da aula*. Padrões de adesão ao roteiro anacrônico são verificados quando ele inicia as tentativas para a orientação dos alunos ao quadro *atividades da aula*: logo ao chegar na sala [04:21] vamo, lá, gente, bom dia.; mais algumas vezes: [04:33] vamos, lá, pessoal.; [04:38] shshshshsh (sinalizando prolongadamente para que façam silêncio, seguido das falas – vamo lá.; [05:28] e:: o: >restante, gente,< ↑peguem o livro,. Com relação a esse último momento, os alunos começam a se orientar – focos do olhar, movimentos corporais e falas – ao professor ou a seus livros, ambos tomados como recursos indiciais ao padrão relacionado à configuração das condutas orientadas ao quadro *atividades da aula*. As características do roteiro anacrônico adotado pelo professor para a orientação das suas condutas na ação social ressaltam as normatividades e moralidades que configuram sua orientação ao quadro *atividades da aula*. A orientação, diretamente relacionada ao valor mais atento à presença dos artefatos (Cf. fala de PedGM – Exc. 02), se relaciona aos olhos e ouvidos dos dispositivos de gravação, considerando-se a natureza da vigilância virtual copresente associada à mediação de tais dispositivos. Tal roteiro, que não corrobora condutas desviantes por parte dos alunos, se mostra convergente ao padrão do ensino catequético (KROON, 2013) e ao formato de audiência (GOFFMAN, 1976).

Na seção que segue, discuto sobre agentividades e identidades associadas a condutas estratégicas que alunos constroem para sistemas de poder representados (ou interpelados), inclusive em relação ao roteiro anacrônico do professor, no sentido de resistência a relações de poder hegemônicas.

| Decisões performáticas como estratégias de resistência a relações de poder hegemônicas

Demonstro condutas-em-interação conformadoras do componente estratégico relacionado à resistência às relações de poder hegemônicas, por meio da retomada de instâncias de decisões performáticas estratégicas de minimização da orientação atenta do PedSM à presença dos artefatos (Fig. 25; 26). Trago, também, instâncias de decisões performáticas do EnzM relacionadas à convergência de normatividades e moralidades associadas às autoridades epistêmicas do pesquisador e do professor (Fig. 27). Tais decisões são tomadas como efeito crítico de resistência ao poder de observadores virtuais copresentes (FOUCAULT, 2001 [1977]), por sua associação às normatividades panópticas e anômicas dessas copresenças, mediadas pela materialidade

135 Sobre modalizações discursivas, Paula de Grande (2015, p. 147), em um estudo sobre professoras em contextos de formação continuada, reporta sobre a função de modalizações do tipo como forma de “conhecer a apreciação valorativa” dos agentes-em-interação.

dos artefatos. Turnos-em-interação de dissimulação de preocupação do PedSM (1a, Fig. 25) configuram condutas estratégicas de minimização de sua orientação atenta à presença dos artefatos (1a, Fig. 26). Esses turnos de dissimulação de preocupação se relacionam à orientação de preservação de eus como reação a intromissões a espaços pessoais íntimos (RAMPTON; ELEY, 2018), ao mesmo tempo em que estão associados à intenção de direcionamento enganoso de revelação pessoal (GOFFMAN, 1983a).

Figura 25 – Condutas do PedSM – dissimulação de preocupação com a presença da câmera [00:40]



Figura 26 – Condutas do PedSM – preocupação com a presença do gravador [36:48]



A orientação pretensamente desatenta (dissimulada) do PedSM (fala [oi, câmera.], aceno

com a mão e sorriso para a câmera) é identificada como direcionamento enganoso dadas suas condutas de dissimulação de atenção com valores fortemente orientados à presença dos artefatos e potenciais observadores copresentes (Cf. Fig. 23). Essa orientação dissimuladamente desatenta mostra a relevância e os efeitos supranormativamente marcados pela presença dos artefatos para suas decisões performáticas (1a, Fig. 26). O trabalho de construção de suas decisões se conforma elaborado dado o valor estratégico que rege suas condutas, configurando-as com uma alta capacidade agentiva. A estratégia do direcionamento enganoso em suas condutas de simulação de desatenção – [00:40] fala, aceno com a mão e sorriso para a câmera; [00:23] aceno de mão, sorriso e levantar de sobrancelhas; [01:29] aceno e sorriso; [36:11] fala e aceno de mão – se assemelha ao esforço para agir como se nada desagradável estivesse acontecendo nos casos apresentados em Rampton e Eley (2018). Essa semelhança se observa entre situações de revista eletrônica em aeroportos em Rampton e Eley (2018) e as estratégias de direcionamento enganoso nas condutas de desatenção do PedSM, com base no valor de tentativa de diminuir efeitos incômodos da vigilância, por ele, associados à presença dos equipamentos de registro; estratégia voltada à preservação de eus como uma reação a intromissões a espaços pessoais íntimos (RAMPTON; ELEY, 2018).

Estas condutas estratégicas afirmam a noção do complexo elaborado de representações artefatualizadas, tecnologicamente mediadas de eus (LI; BLOMMAERT, 2017), e representam: um eu dissimuladamente despreocupado (indiferente nos termos de RAMPTON; ELEY, 2018) e um eu preocupado. Tais condutas estratégicas, e lúdicas, mostram a construção e performance de ambas as imagens de identidade (LI; BLOMMAERT, 2017): por meio das condutas de simulação de desatenção, ele constrói e performa seu eu dissimuladamente despreocupado (Fig. 25); por meio do turno-em-interação multimodal de alerta, ele constrói e performa seu eu preocupado (Fig. 26). Essas decisões performáticas corroboram a ideia do repertório elaborado de identidades (BLOMMAERT, 2017) exigido na organização do seu trabalho performativo. A elaboração das identidades do PedSM reforça a noção da ludicidade associada ao trabalho de encenação dramática (GOFFMAN, 1959; LI; BLOMMAERT, 2017), a qual ratifica o valor estratégico de suas decisões. Ao considerar a elaboração das identidades configuradas por experiências retrospectivas e, ao mesmo tempo, orientadas prospectivamente, afirmo a pertinência da abordagem de escalas-em-interação como instrumento de análise do trabalho interacional construído policentricamente. No que concerne ao caráter retrospectivo, cada uma das identidades do PedSM seria indiciada em normatividades orientadas a partir de suas experiências anteriores; a ideia da potencial orientação prospectiva nas suas decisões performáticas mostra-se análoga à noção de antecipação de audiência endereçada (RAMPTON; ELEY, 2018), relacionada a potenciais interações associadas a potenciais observadores virtuais copresentes.

As instâncias das decisões performáticas do EnzM (Fig. 27) marcam a relevância do valor estratégico relacionado à resistência a relações de poder hegemônicas, neste caso, associada às autoridades epistêmicas do professor e do pesquisador. O trabalho elaborado de construção de suas decisões – turnos-em-interação multimodais de xingamento e de remediação do xingamento – se relaciona à preservação de eus como reações às intromissões a espaços pessoais íntimos, considerando-se os valores panópticos e anômicos atribuídos à mediação dos artefatos.

Figura 27 – Conduas do EnzM orientadas aos observadores copresentes [36:54]



EnzM (1a) considera o pesquisador (2a, Fig. 27 – lado esquerdo inferior da imagem) indiciador escalar imediato com valor semelhante a observadores copresentes, no caso potencial do professor. A recalibragem em suas condutas – turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento – está relacionada ao julgamento que considera a convergência de normatividades e moralidades associadas à posição das autoridades epistêmicas tanto do pesquisador como do professor. O turno-em-interação multimodal de xingamento – EnzM olha para o pesquisador, estufa o peito na direção da câmera, olha diretamente para ela e xinga <filho da mãe.> – vem na sequência, e está diretamente relacionado, ao turno-em-interação multimodal de alerta do PedSM (3a – ↑e se xingar, lá atrás, oh, (1) tan, ran, tan, ra:n, () [aponta em direção ao gravador e cantarola algo relacionado à situação de suspense]). A mudança da palavra *puta* para a palavra *mãe* em sua fala conforma estratégia que mostra a recalibragem na tomada de decisão orientada à autoridade epistêmica do pesquisador, configurada no turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento: ao mesmo tempo que encara o pesquisador, EnzM diz >filho da mãe não é um xingamento.<, e move seu braço e sua mão direitos em movimentos rápidos de negação excessivamente enfatizada. Essa recalibragem está associada à antecipação de uma potencial contraofensiva (FOUCAULT) ao seu turno-em-interação multimodal de xingamento.

A contingência das decisões performáticas do EnzM é verificada em relação às moralidades relativas à adequação das condutas realizadas, que levam à recalibragem do turno-em-interação multimodal de xingamento. Essa recalibragem – turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento – se mostra orientada a observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos (e.g. o professor) por meio do reposicionamento orientado à presença do pesquisador. Tal recalibragem se configura como sua forma particular de ordem indicial (BLOMMAERT *et al.*, 2015), que representa o julgamento das normatividades associadas aos potenciais observadores. Ao mesmo tempo, tais julgamentos mostram valores orientacionais atribuídos a efeitos relacionados à i/materialidades menos ou mais imediatas desses potenciais observadores copresentes, tanto potenciais observadores virtuais (o professor) como um observador real (o pesquisador).

O reposicionamento marcado por meio da recalibragem no turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento demonstra a relevância na orientação escalar para um centro mais imediato, materialmente indiciado à presença do pesquisador. Para um centro menos imediato, EnzM julga potenciais observadores virtuais copresentes indiciados imaterialmente pela mediação material dos artefatos (e.g. o professor). Suas orientações à presença dos artefatos se relacionam ao componente interacional da representação artefatuizada, tecnologicamente mediada de eus (LI; BLOMMAERT, 2017). Suas condutas estratégicas, e lúdicas, representam seu eu rebelde (ameaçador) e seu eu complacente (não ameaçador) e mostram a construção e performance de ambas as imagens de identidade: por meio do turno-em-interação multimodal de xingamento, ele constrói e performa seu eu rebelde; ao recalibrar as condutas do eu rebelde na construção do turno-em-interação multimodal de xingamento (mudança da palavra puta para a palavra mãe), ele constrói e performa seu eu complacente. A construção desse eu complacente é marcada pelo ritmo acelerado da fala e movimentos corporais de negação excessivamente conformados no turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento. Essas decisões performáticas corroboram a afirmação de Blommaert (2017) no que concerne à indiciação de elaborados repertórios de identidades no trabalho de organização das identidades performadas.

As condutas do EnzM se orientam a recursos de indiciação de escalas locais e translocais – o pesquisador e potenciais observadores virtuais copresentes (e.g. o professor), respectivamente. O valor estratégico na recalibragem das condutas do seu eu rebelde, no decorrer da construção do turno-em-interação multimodal de xingamento, se relaciona à argumentação de Goffman (1983a) sobre a revelação pessoal, como uma maneira de facilitação da intenção de marcar seu eu complacente. O turno-em-interação multimodal de xingamento, construído e performado como o eu rebelde, endereçado a observadores virtuais copresentes, demonstra o valor interacional panóptico representado por tais observadores e mediado pela presença da câmera. Por meio do turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento, EnzM mostra a construção e a performance do seu eu complacente, ao marcar a relevância para índices de escalas locais

e translocais – o pesquisador e potenciais observadores virtuais copresentes (e.g. o professor). A recalibragem estratégica de suas condutas está associada ao julgamento de uma potencial contraofensiva (FOUCAULT, 2001 [1977]) à natureza ofensiva do seu turno-em-interação multimodal de xingamento, que considera efeitos relacionados com i/materialidades menos/mais imediatas (RAMPTON; ELEY, 2018) de potenciais observadores virtuais copresentes e do pesquisador. Tais orientações se referem aos caracteres panóptico e anômico da situação de gravação, normativamente relacionados ao valor escalar referente à representação das autoridades epistêmicas indiciadas na imaterialidade de potenciais observadores virtuais copresentes e na materialidade do pesquisador.

As decisões estratégicas do PedSM (1a, Fig. 25; 26) e do EnzM (1a, Fig. 27) marcam a relevância relacionada à resistência a relações de poder hegemônicas associada às autoridades epistêmicas do professor e do pesquisador. As características da postura de “pregação” do pesquisador (2a, Fig. 17 [01:04] – de pé na parte frontal da sala de aula, “encarando” os alunos) no quadro *apresentação dos procedimentos de registro* se assemelham a normatividades e moralidades associadas à posição de autoridade do professor no quadro *atividades da aula*. Normatividades e moralidades associadas a essas posições de autoridade se mostram como recursos indiciais orientacionais na decisão performática da IngF (1a, Fig. 17) de se realinhar ao quadro *apresentação dos procedimentos de registro*, e no julgamento de normatividades e moralidades associadas às representações das autoridades epistêmicas tanto do pesquisador quanto do professor nas condutas do EnzM no turno-em-interação multimodal de remediação do xingamento. O julgamento de normatividades e moralidades associadas à semelhança entre a representação da posição de autoridades epistêmicas do pesquisador e do professor pode ser verificado na recalibragem das condutas associadas ao seu eu rebelde (mudança da palavra puta para a palavra mãe), no decorrer do turno-em-interação multimodal de xingamento, direcionado ao pesquisador – ao mesmo tempo que o encara e diz: >filho de mãe não é um xingamento.<, EnzM move o braço e a mão direitos em movimentos rápidos de negação excessivamente enfatizada –, marcando seu eu complacente.

O mesmo julgamento de normatividades e moralidades associadas à semelhança das identidades do pesquisador e do professor como potenciais observadores com valor de vigilância, no caso, mediados pela presença dos artefatos, pode ser observado nas condutas do MigM, MatM e EmanM no Excerto 09.

Excerto 09 – Reações do MigM, MatM e EmanM à presença da câmera [cmr 36:34]

[...]

001MigM –↑EI, GENTE, aqui:, só pra dizer,(.)tá filmando, aqui, oh. hh] ((inicia com o corpo virado para seu lado direito na direção de outros alunos, vira-se, aponta na direção da câmera e ri – cf. 1a na Fig. 21))

002MatM – [↑GE:NTE:,>só=

003 = vou falar, tá filMANDo,< ((levanta a cabeça e aponta dissimuladamente na direção da câmera))

[...]

004EmanM–↑E:I,>mas num é pra mandar pra coordenação, não,< é pro doutorado dele.

((refere-se ao pesquisador))

Os turnos-em-interação multimodais de alerta do MigM (001) e MatM (002-3), bem como o turno-em-interação multimodal de discordância do EmanM (004), demonstram uma orientação divergente com relação a normatividades e moralidades associadas à semelhança nas identidades do pesquisador e do professor como potenciais observadores com valor de vigilância. Verifica-se uma convergência na atribuição do mesmo valor orientacional (mais atenção) nos turnos do MigM (001) e do MatM (002-3). A convergência nos gestos de apontar na direção da câmera de ambos é observada por suas orientações às naturezas panóptica e anômica associadas à presença da câmera como mediadora de representações e interpelações das identidades do pesquisador e do professor como potenciais observadores com valor de vigilância. Por outro lado, o turno do EmanM (004) marca contraponto no que se refere ao valor orientacional associado à presença da câmera como mediadora de representações e interpelações das identidades do pesquisador e do professor como potenciais observadores com valor de vigilância, ao disassociar tal valor da identidade do pesquisador. Porém, observa-se a convergência do valor orientacional associado à presença da câmera como mediadora de representações e interpelações da identidade do professor como potencial observador com valor de vigilância, em sua fala “mandar pra coordenação”, a qual associa tal poder de vigilância representado e interpelado como parte das identidades do professor; mas não das identidades do pesquisador.

Valores convergentes com relação às orientações do MigM, MatM e EmanM à natureza panóptica atribuída à presença da câmera como mediadora de representações e interpelações das identidades do professor se mostram análogos à noção de um compromisso moral e político compartilhado (*shared moral and political commitment* em RAMPTON; ROBERTS; LEUNG; HARRIS, 2002). Tal compromisso é visto como o refinamento da circulação do efeito panóptico de potenciais poderes associados à supranormatividade relacionada à presença dos artefatos como mediadora das representações e interpelações da identidade epistêmica do professor. O refinamento da circulação do efeito panóptico em relação à presença dos artefatos corrobora a argumentação de Foucault sobre os efeitos [supranormativos] do poder institucional, nesse caso analogamente associado a potenciais poderes atribuídos ao caráter panóptico da presença

dos artefatos – “tornou-se necessário circular os efeitos do poder [panóptico supranormativo] através de canais cada vez mais sutis, para os próprios indivíduos, para seus corpos, para suas ações, até cada uma das suas performances diárias” (FOUCAULT, 2001 [1977]). Orientações supranormativas do MigM, MatM e EmanM à presença da câmera como mediadora das representações e interpelações da identidade epistêmica do professor foram verificadas em orientações do tipo em momentos em que o professor não está presente na comunicação interacional.

A configuração de identidades relacionadas às naturezas panóptica e anômica atribuídas às identidades do professor e do pesquisador se relaciona à trajetória de experiências de socialização dos participantes, que considera recursos indiciais socioculturais que as compõem (DREW; HERITAGE, 1992; estruturas em BLOCK, 2013), e que se mostram relevantes na ação situada, *vis-à-vis* a argumentação, a partir do comentário do PedGM (Exc. 02), sobre condutas do professor que demonstram *irrestrita* adesão a um roteiro anacrônico de organização da ação interacional, semelhante ao padrão do ensino catequético (KROON, 2013) e ao formato de audiência (GOFFMAN, 1976). Essa mesma relação entre valores panópticos (e anômicos) associados à identidade do professor e recursos socioculturais que compõem trajetórias de experiências dos agentes-em-interação se observa na associação que o EmanM estabelece entre a potencial prerrogativa do professor de direcionar alunos à coordenação da escola como parte de normatividades e moralidades socioculturais que compõem identidades de professores e, por conseguinte, relações na sala de aula sob foco.

Na seção que segue, discuto sobre aspecto estratégico associado ao caráter anômico relacionado à indeterminação de normas claras que os participantes atribuem à presença dos artefatos; essa presença também orienta aspecto estratégico associado ao caráter panóptico. Identifico o aspecto estratégico em relação a efeito de preocupação com uma boa imagem captada, que corrobora um cuidado com a imagem captada.

| Decisões performáticas como estratégias de enfrentamento à indeterminação de normas

Para condutas-em-interação conformadas a valor estratégico relacionado ao enfrentamento à indeterminação de normas claras para a conduta na ação social, trago instâncias de condutas da IngF (Fig. 28; 29; 30; 31). A ideia da elaboração criativa e produtiva para a noção de anomia em Durkheim (BLOMMAERT) se mostra análoga à compreensão do valor estratégico nas agentividades e identidades como formas de criar e produzir papéis alternativos àqueles esperados na construção da comunicação interativa (Cf. seção *Sobre o componente estratégico na conformação de condutas-em-interação*). O componente estratégico em orientações da IngF é observado em relação ao quadro *interação pré-aula* e sub-quadros – *montagem dos*

equipamentos, conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A –, ao mesmo tempo, em orientações ao quadro *atividades da aula* e ao (supra) quadro *registros audiovisuais* e sub-quadro *apresentação dos procedimentos de registro*. Na análise das condutas, no trabalho estratégico da elaboração das agentividades e identidades performadas, identificam-se recursos indiciais i/materiais para as respectivas condutas, considerando-se os (muitos) centros aos quais ela se orienta e a relação entre condutas e agentividades e identidades performadas.

Figura 28 – Condutas da IngF – quadro *interação pré-aula* [00:00]



Figura 29 – Condutas da IngF – quadro *interação pré-aula* [00:10]



Figura 30 – Conduas da IngF – interação pré-aula [00:40]



Figura 31 – Conduas da IngF – quadro apresentação dos procedimentos de registro [01:04]



A análise das condutas da IngF (1b, Fig. 28; 1e, Fig. 29; 30; 1a, Fig. 31) considera uma orientação policêntrica multienquadrada indiciando suas decisões performáticas, a qual reforça a simultaneidade multiescalar que configura suas decisões no momento de transição que engloba os seis quadros concomitantes. Orientações relativas a essas condutas (fortemente marcadas em 1a, Fig. 31, além do YurM – 3a) mostram o valor mediacional orientacional supraescalar da câmera, multimodalmente sinalizado na preocupação, dela e de outras meninas, dadas suas

condutas contingentes que marcam o efeito da orientação à presença da câmera entre elas (Fig. 28; 29; 30). Esse efeito de orientação à presença da câmera diz respeito à preocupação da maioria delas com uma boa imagem captada, que corrobora o cuidado com a imagem captada (LI; BLOMMAERT, 2017; BLOMMAERT, 2018a), ao se orientarem ao valor mediacional multiescalar de observadores virtuais copresentes mediados pelos artefatos. Ressalte-se uma referência quase exclusiva à câmera por esta apresentar um valor indicial escalar mais marcado, comparado ao gravador, dadas as condutas orientadas à preocupação com a boa imagem captada.

Excerto 10 – Reações da MarEF e LigMyF à presença dos dispositivos de gravação [grvdr 03:55/cmr 02:02]

[...]

001MarEF - ()sentar aqui não,(o da) câmera, olhando assim pra mim?

[...]

002MarEF -↑<um gravador, MEU DEUS.>]((surpresa com posicionamento do gravador próximo ao local onde escolheu))

003LigMyF – [se você não fosse linda,(° °)((comentário sobre MarEF))

[...]

004LigMyF – (seu)↑caBElo.((alerta sobre ajeitar cabelo para a filmagem))

[...]

005MarEF -↑normal?↑normal?↑com três câmeras e um gravador?(.)como é que a gente fica =

006 = normal?

As falas da MarEF e da LigMyF marcam a relevância à presença dos artefatos e conformam alertas (*prompt* em KRESS, 2013; *trigger* em GOFFMAN, 1976) que desencadeiam as condutas da IngF, e da maioria delas, orientadas à preocupação com a boa imagem captada pela câmera. As condutas da MarEF mostram sua principal preocupação com a presença dos artefatos e marcam o efeito do desconforto no seu turno-em-interação de ameaça (não cumprida) de não sentar na primeira fila de carteiras. A ameaça não cumprida é identificada como recusa em exercer seu poder de decisão de não ser frontalmente invadida pela proximidade da câmera. A recusa em exercer tal poder de decisão se configuraria como uma agentividade de adequação ao poder “superior” (panóptico) mediado pelos artefatos, vistos como representação de potenciais autoridades epistêmicas; tal recusa é entendida nos termos da afirmação do discurso de autoridade (*authoritative discourse* em BAKHTIN, 1981). Instâncias de afirmação do discurso de autoridades epistêmicas podem ser identificadas nas condutas conformadas ao padrão *naturalizado* de normatividades e moralidades em ambiente de fala-em-interação em sala de aula (não apenas de ILA) (Cf. seção *Normatividades e moralidades naturalizadas: o padrão da conversa institucional de sala de aula*). As falas da LigMyF (grvdr 001; 002 – Exc. 11) afirmam a preocupação da MarEF com o aspecto de vigilância da câmera (RAMPTON; ELEY, 2018),

embora, no caso da LigMyF, menos atenta ao aspecto da vigilância e mais atenta ao cuidado com a imagem captada.

Excerto 11 – Reação da LigMyF à presença dos artefatos [grvdr 04:05]

[...]

001LigMyF– se você não fosse linda,(° °)((comentário sobre MarEF))

[...]

002LigMyF–(seu)↑caBElo.((alerta sobre ajeitar cabelo para a filmagem))

No primeiro turno de fala da LigMyF, como tentativa de mitigação do desconforto da MarEF, ela se refere à MarEF como uma pessoa de boa aparência física. Já no seu segundo turno, se observa claramente a preocupação em relação ao cuidado com a imagem captada. Ambos os turnos de fala marcam a relevância, com diferentes níveis de orientação, à presença da câmera e ao aspecto panóptico, mas, de outro valor orientacional se comparado ao valor atribuído pela MarEF. O turno de preocupação mais explícita com a aparência física da LigMyF (002) desencadeia condutas agregacionais dela e das outras meninas, inclusive da IngF (1b, Fig. 28; 1e, Fig. 29; 30; 1a, Fig. 31), as quais configuram os quadros *conversa entre colegas-meninas/cuidado com aparência física-grupo A e B* e mostram suas orientações à presença da câmera como recurso mediacional escalar. A menção à palavra “cabelo” na fala da LigMyF, que desencadeia as condutas da IngF orientadas ao cuidado com a imagem captada, é vista como um recurso indicial orientacional de alerta verificado ao considerar efeitos comunicativos de mudança no padrão normativo da ação social, “naturalmente” orientada à meta da aprendizagem de ILA, para a meta estar bonita na filmagem. A orientação à meta estar bonita na filmagem corrobora formas de representação virtual em tempo real (*online forms of representation*) que mostram “uma tendência de apresentar-se no padrão ‘meu melhor dia’”¹³⁶ (BLOMMAERT, 2018a, p. 62). As condutas da LigMyF e MarEF marcam suas orientações à vigilância dos artefatos, apesar de divergirem sobre a explicitação a essa natureza. O desconforto da MarEF com e a mitigação da LigMyF para a presença dos artefatos, ambos, configuram orientações de preservação de eus como reações às intromissões a espaços pessoais íntimos (RAMPTON; ELEY, 2018). O turno de fala que ratifica o desconforto da MarEF (cmr 001 – Exc. 12) mostra sua orientação às escalas locais, na qual os artefatos e potenciais (projetados) observadores a compõem – quadro *apresentação dos procedimentos de registro* (Fig. 31).

Excerto 12 – Reação da MarEF à presença dos artefatos [cmr 02:02]

[...]

001MarEF -↑normal?↑normal?↑com três câmeras e um gravador?(.)como é que a gente fica =

002 = normal?

¹³⁶ No original: “[...] a tendency to present oneself in the ‘my best day’ mode”.

O turno-em-interação multimodal de desconforto da MarEF se conforma como uma conduta responsiva, ao mesmo tempo, reativa, ao turno de fala do pesquisador (↑mas aí vocês têm que <ficar, (.) normal, agir, normal,>), e ao turno do professor (↑é,), este último corroborando a fala do pesquisador sobre o alegado comportamento *naturalizado* para as presenças do gravador e da câmera. As falas da MarEF (Cf. 001 – () sentar aqui não, (o da) câmera, olhando assim pra mim?; ↑<um gravador, MEU DEUS.> – Exc. 10), relacionadas às presenças do gravador e da câmera, corroboram seu desconforto por estar sendo observada por dois instrumentos de vigilância, os quais representariam maior invasão de seus eus, demonstrando a relevância e o efeito das reações a suas presenças como uma maior intromissão a espaços pessoais íntimos. Por outro lado, a LigMyF marca sua efetiva orientação à preocupação com a aparência física pessoal ao se referir a um valor orientacional divergente, se comparado ao valor atribuído ao desconforto da MarEF, este orientado à vigilância associada à presença dos artefatos. Embora, não tão explicitamente como o faz a MarEF (turnos 001; 002 – Exc. 10), se observa a orientação ao aspecto panóptico associado à presença dos artefatos e ao valor de vigilância atribuído a observadores virtuais copresentes por parte da LigMyF – se você não fosse linda, (° °) – (turno 003, Exc. 10). O turno-em-interação multimodal de mitigação do desconforto, performado pela LigMyF, bem como o de simulação de desatenção do PedSM (Cf. Fig. 25), configuram condutas dissimuladoras de desconforto (RAMPTON; ELEY, 2018) associadas ao caráter panóptico da presença dos artefatos. A configuração de “tranquilidade” à orientação mais atenta à preocupação com a aparência física observada nas condutas da LigMyF (Exc. 11), por sua vez, marca sua orientação menos atenta ao aspecto panóptico associado ao valor de vigilância atribuído à presença dos artefatos.

A orientação menos atenta ao aspecto panóptico associado à presença dos artefatos afirma a noção de interpretação padrão sobre riscos ambientais (RAMPTON; ELEY, 2018), relacionada ao conceito de desatenção civil (GOFFMANN, 1963). A desatenção ao aspecto panóptico associado ao valor de vigilância atribuído à presença dos artefatos é vista como uma *naturalização* de riscos atribuídos à presença da câmera dado o cuidado com a imagem captada. Independentemente da distinção entre os níveis de indicição escalar orientados à presença dos artefatos nas condutas da LigMyF (2a, Fig. 05; Fig. 16; 1d, Fig. 06; Fig. 11; 4c, Fig. 08; 2c, Fig. 15; Fig. 29; Exc. 05; Exc. 10; Exc. 11), do PedSM (3b, Fig. 05; 3a, Fig. 12, 13; 1a, Fig. 20; Fig. 25, 26; Exc. 07) e EnzM (1a, Fig. 27), todas essas condutas configuram a representação artefatuizada, tecnologicamente mediada de eus (LI; BLOMMAERT, 2017). No caso da LigMyF, por meio do seu turno-em-interação multimodal de mitigação do desconforto e das condutas orientadas ao cuidado com a imagem física, ela constrói e performa seu eu despreocupado. Atribuo essa construção e performance do eu despreocupado por parte dela a uma *naturalização* padrão, semelhante à desatenção civil aos riscos da exposição da imagem pessoal, relacionada a experiências corriqueiras de registro de imagens pessoais (e.g. *selfies* e vídeos pessoais) entre (pré) adolescentes.

A partir das condutas *naturalizadas* de despreocupação com a presença da câmera por parte da LigMyF e de outras meninas, orientadas ao cuidado com a imagem captada, especula-se que elas não se orientam a julgamentos do pesquisador, tampouco do professor, mas a julgamentos morais relacionados à apreciação de colegas como potenciais (projetados) observadores virtuais copresentes; tais condutas atribuem maior valor indicial orientacional à imaterialidade da apreciação positiva dos colegas. Ao mesmo tempo, essas condutas reforçam argumentação sobre formas de representação virtual em tempo real que mostram a tendência de apresentar-se no padrão *meu melhor dia* (BLOMMAERT, 2018a) (Cf. CamlF (1a) – Fig. 34; Exc. 13).

O cuidado com a imagem captada por parte da LigMyF, orientado ao julgamento do valor indicial atribuído à apreciação dos colegas, não se configura menos normativo do que as orientações aos valores indiciais da presença dos artefatos associada às autoridades epistêmicas do professor e do pesquisador, por parte da IngF, MarEF, PedSM, MigM e EnzM, bem como por parte da CamlF (que segue). Características divergentes que configuram a preocupação da LigMyF e das outras meninas com a aparência física e as preocupações das *baifumeis* (LI; BLOMMAERT, 2017) se mostram convergentes em suas orientações indiciadoras das condutas do tipo cuidado com a imagem captada como um dos críticos valores orientacionais escalares atribuídos às normatividades associadas à presença da câmera. Reitero a paráfrase à Li e Blommaert (2017), sobre o cuidado com a imagem captada nas interações com *baifumeis*: as condutas na ação social orientadas ao cuidado com a imagem captada e às respectivas moralidades associadas à presença da câmera demandam conhecimentos e estratégias específicas para observadores virtuais copresentes, a quem os participantes da ação social se orientam (em potencial) em suas decisões performáticas. As condutas na interação na sala de aula orientadas ao cuidado com a imagem captada e às respectivas moralidades associadas à presença da câmera reforçam a compreensão do valor mediacional interacional que a materialidade dos artefatos exerce como indiciadora das decisões performáticas, quando estes se orientam para potenciais observadores virtuais copresentes (e.g. o professor, os colegas), ou para observadores específicos – o pesquisador.

Sobre a assumida relação entre a orientação ao cuidado com a imagem captada e o valor indicial associado à apreciação dos colegas e uma possível configuração menos normativa em tais condutas, trago o exemplo da trajetória das condutas da CamlF (Fig. 32; 33; 34; Exc. 13), que reforça o alto valor da orientação à presença da câmera e apreciação dos colegas.

Figura 32 – Conduas da CamlF e enquadres interacionais [00:00]



Figura 33 – Conduas da CamlF e enquadres interacionais [00:10]



CamlF (1a), na Figura 32, se orienta ao quadro *montagem dos equipamentos*. Na Figura 33, por sua vez, suas condutas se mostram potencialmente orientadas ao quadro *interação pré-aula* – olhar não-interativo para seu lado esquerdo (provavelmente em direção à porta da sala) –, reforçando a possibilidade de condutas livres a ele associadas (Cf. Fig. 4; Fig. 5, para

detalhamento de condutas de outros participantes associadas ao quadro *interação pré-aula*). Na sequência dessas condutas (Fig. 32; 33), CamlF se reorienta ao quadro *montagem dos equipamentos*: [00:18] se levanta e caminha na direção da câmera e do pesquisador, desiste antes de chegar junto a eles; e, [00:26] senta e mantém o olhar para ambos.

Para a compreensão dos valores orientacionais à presença da câmera e apreciação dos colegas, têm-se as condutas referenciadas na sessão de elicitación (Fig. 34), que, por extrapolarem a ação social sob foco, reforçam a noção da trajetória de condutas para a compreensão de agentividades e identidades na perspectiva da análise de eventos cruzados (AGHA, 2005a/b, 2007; CLONAN-ROY *et al.*, 2016; LEMKE, 2000; WORTHAM, 2005, 2008). Em função das condutas da CamlF na sessão de elicitación (1a, Fig. 34; Exc. 13), suas condutas na ação social sob foco (Cf. 1a, Fig. 32; 33) se configuram estratégicas ao mostrarem a atribuição de valor menos atento associado à dissimulação de valor mais atento às presenças da câmera e do pesquisador. A dissimulação de valor mais atento a essas presenças corrobora efeitos de direcionamento enganoso na revelação pessoal (GOFFMAN, 1983a) e de dissimuladores de desconforto (RAMPTON; ELEY, 2018).

Figura 34 – Condutas da CamlF – sessão de elicitación [01:27]



As condutas da CamlF na sessão de elicitación ratificam sua orientação à preocupação em relação às presenças tanto do pesquisador como da câmera na ação social sob foco. Identifico sua preocupação com o pesquisador, orientada a uma potencial avaliação por parte dele, que marca um valor mais atento atribuído à natureza panóptica e ambivalente da sua presença, associado à vigilância mediada pelos registros feitos na ação social sob foco. No que tange à presença da câmera, sua preocupação se orienta a um valor mais atento atribuído à opinião dos colegas sobre posturas (suas e deles) registradas no vídeo.

Excerto 13 – Reação da CamlF à presença da câmera [cmr 00:59]¹³⁷

A CamlF entra na sala enquanto o pesquisador ajusta os equipamentos em uma mesa no canto esquerdo da sala fora do alcance de registro da câmera, na direção do alinhamento corporal da CamlF (1a – Figura 34).

001CamlF - a, a, >a 72 vai vir também?< ((se refere a outra turma do 7º ano))

[...]

003CamlM – é só a 71?

[...]

005CamlM – ↑o senhor visualizou, se tem alguém tirando meleca do nariz? ((ao entrar e se dirigir à mesa onde o pesquisador ajusta os equipamentos))

[...]

007CamlM – se tem alguém sendo nojento? ((EmmyF entra e fica junto ao pesquisador))

[...]

009CamlM – se eu tô feia?

[...]

011CamlM – eu tô, eu num quero que as pessoas me assistam ((se refere a pergunta no turno 09; ajeita o cabelo com movimentos enfáticos demonstrando preocupação com aparência física))

[...]

014CamlM – <ai, desarrumada, tio>? hh ((ri e faz movimentos enfáticos com as mãos demonstrando pedido de confirmação sobre preocupação com aparência física))

[...]

017CamlM – °por favor,°

=

((mãos postas, demonstrando súplica para a não apresentação do vídeo))(Cf. 1a, Fig. 34)

018 = não, é (). ((responde ao pesquisador em relação a discordância dele sobre afirmação no turno 014))

[...]

021CamlM - <↑mas o senhor podia mostrar pra 72, né?> (porque)

[...]

032CamlM – ↑mostra só pra gente,

[...]

034CamlM – só pra gente:, ver, >antes da galera chegar, ↑pelo amor de deus,<

Neste momento, começa a projeção na tela do computador do registro feito no dia 15 de setembro de 2017.

[...]

137 Sessão de elicitación realizada em 18 de junho de 2018. As falas da CamlF são dirigidas ao pesquisador, com exceção daquela dirigida à EmmyF (turno 042).

036CamlM – ↑mas já vi,().(.) antes de, o pessoal entrar, porque não quero que =
 ((se posiciona atrás da mesa para ver o registro de vídeo na tela do computador))

037 = ninguém me veja.

[...]

039CamlM – ah::::::::::ah ((expressão de surpresa e riso ao mesmo tempo))

[...]

042CamlM – >mana eu tava roendo a UNHA,< ((se dirige a EmmyF))

[...]

044CamlM – não, sério,(tira esse vídeo,) ((fala com direcionamento ambíguo, se para o pesquisador ou para a EmmyF))

As falas da CamlF mostram sua orientação à avaliação de potenciais espectadores dos registros, o pesquisador e outros colegas, demonstrando cuidado com a imagem captada. Para a orientação à apreciação dos colegas: [001] a, a, >a 72 vai vir também?< (se referindo a outra turma do 7º ano); [003] é só a 71?; [011] [...] eu num quero que as pessoas me assistam; [017] °por favor,°; [032] ↑mostra só pra gente,; [034] só pra gente:, ver, >antes da galera chegar, ↑pelo amor de deus,<; [036-7] [...] antes de, o pessoal entrar, porque não quero que ninguém me veja.; e, [044] não, sério, (tira esse vídeo,). Para a orientação à apreciação do pesquisador e colegas com relação às posturas sua e de outros deles: [005] ↑o senhor visualizou, se tem alguém tirando meleca do nariz?; [007] se tem alguém sendo nojento?; [009] se eu tô feia?; [011] eu tô, [...] (se referindo a pergunta no turno 009); [014] <ai, desarrumada, tio>; [042] >mana eu tava roendo a UNHA,<.

A Figura 35 apresenta um diagrama para explicação dos valores de convergência nas condutas da CamlF na interação em foco (Fig. 32; 33) e na sessão de elicitação (Fig. 34; Exc. 13), as quais se configuram estratégicas ao mostrarem atribuição de valor menos atento associado à dissimulação de valor mais atento às presenças da câmera e do pesquisador.

Figura 35 – Valores indiciais orientacionais e níveis de convergência no *continuum* de percepção das presenças da câmera e do pesquisador por CamlF



(* Refere-se também à presença do PqdrM; ** códigos: quadro interação pré-aula [IntPrAul]; quadro montagem dos equipamentos [MntgEqp]; sessão de elicitação [SElct])

A explicação das condutas no diagrama considera o efeito supranormativo da presença dos artefatos associado à relevância marcada pelo **desconforto com a presença da câmera (e do pesquisador)** na sessão de elicitação – [011] [...] eu num quero que as pessoas me assistam; [017] °por favor,°; [032] ↑mostra só pra gente,; [034] só pra gente:, ver, >antes da galera chegar, ↑pelo amor de deus,<; [036-7] [...] antes de, o pessoal entrar, porque não quero que ninguém me veja.; e, [044] não, sério, (tira esse vídeo,). Suas condutas orientadas à avaliação de potenciais espectadores dos registros demonstram o componente crítico dessas orientações nas agentividades e identidades com valores menos/mais convergentes às presenças da câmera e do pesquisador. Para condutas dissimuladamente configuradas com valor menos convergente à presença da câmera (e do pesquisador), observa-se o *olhar não-interativo* (1a, Fig. 33). Para valores mais convergentes às presenças da câmera e do pesquisador, são observadas condutas de dois tipos: *orientação à câmera e ao pesquisador* (1a, Fig. 32); e, **desconforto com a presença da câmera (e do pesquisador)** (Fig. 34). Condutas orientadas às presenças da câmera e do pesquisador – *orientação à câmera e ao pesquisador* –, com o valor orientacional “mais ou menos” convergente a essas presenças, são identificadas ainda na interação em foco (quadro *montagem dos equipamentos* – [00:00] olhar para a câmera e para o pesquisador; [00:18] levanta-se e caminha na direção da câmera e do pesquisador, desiste antes de chegar junto a eles; e [00:26] senta e mantém o olhar para a câmera e para o pesquisador). Já condutas com alto valor orientacional à presença da câmera e do pesquisador – **desconforto com a presença da câmera (e do pesquisador)** – são identificadas na sessão de elicitação. Relaciono os valores indiciais escalares orientando as decisões performáticas da CamlF na interação em foco à demonstração do seu menor/maior interesse com a presença da câmera e do pesquisador, respectivamente, *olhar não-interativo* (1a, Fig. 33) e *orientação à câmera e ao pesquisador* – [00:00] olhar para a câmera e para o pesquisador; [00:18] levanta-se e caminha na direção da câmera e do pesquisador, desiste antes de chegar junto a eles; e [00:26] senta e mantém o olhar para a câmera e para o pesquisador.

Decisões performáticas relacionadas a menor ou maior interesse com a presença da câmera e do pesquisador se configuram como estratégias de minimizar valores indiciais supraescalares a essas presenças, marcados pelo **desconforto com a presença da câmera (e do pesquisador)**. Condutas relacionadas a estratégias de minimizar valores indiciais supraescalares – *olhar não-interativo* e *orientação à câmera e ao pesquisador* – simulam um menor valor orientacional (orientação menos atenta) às presenças da câmera e do pesquisador como dissimulação de maior valor (orientação mais atenta) a essas presenças. Dessarte, as condutas relacionadas às estratégias de minimizar valores indiciais supraescalares – *olhar não-interativo* e *orientação à câmera e ao pesquisador* – devem ser deslocadas (...) para a posição de **desconforto com a presença da câmera (e do pesquisador)**. Ainda, os valores indiciais supraescalares atribuídos às presenças da câmera e do pesquisador demonstram forte marcação do **desconforto com a presença**

da câmera (e do pesquisador), de certa forma, com o caráter de retroalimentação (<- - ->) das naturezas panóptica e anômica atribuídas a essas presenças. O caráter da retroalimentação (<- - ->) se relaciona a essas naturezas atribuídas às presenças da câmera e do pesquisador, ao mesmo tempo em que corrobora o valor orientacional supraescalar associado a essas presenças nas condutas da CamlF em toda a ação social sob foco e em outras ações sociais do grupo; inclusive, para além dessas interações. Tomo o caráter de retroalimentação como elemento que conforma a suprahegemonia que orienta suas ações em todas as interações com a presença da câmera. O valor orientacional supraescalar está relacionado à noção criativa (quicá, produtiva!) de suprahegemonias contingentes, a partir do conceito de microhegemonias – diferentes recursos e modelos normativos de comportamento realizados em configurações cronotópicas específicas (BLOMMAERT, 2017; cf. a discussão sobre suprahegemonias contingentes no Capítulo 4).

O valor estratégico nos turnos-em-interação multimodais de simulação de desatenção reforça a atenção às presenças da câmera e do pesquisador e marcam a estratégia de simulação da desatenção a essas presenças. As decisões performáticas da CamlF corroboram a ideia do repertório elaborado de identidades (BLOMMAERT, 2017) exigido na organização do seu trabalho performativo. A elaboração das suas identidades é vista como reforço à noção da ludicidade associada ao trabalho de encenação dramática (GOFFMAN, 1959; LI; BLOMMAERT, 2017), a qual ratifica o valor estratégico das decisões performadas. O valor estratégico dessas decisões se relaciona às presenças da câmera e do pesquisador dado o valor de ambivalência associado por meio das condutas e turnos-em-interação multimodais, independentemente dos diferentes níveis de convergência à natureza vigilante da câmera e às identidades associadas ao pesquisador. Dessarte, o componente estratégico nas condutas da CamlF na ação social sob foco (Fig. 32; 33) reafirma condutas dissimuladoras de desconforto (RAMPTON; ELEY, 2018) associadas aos caracteres panóptico e anômicos mediados pelas presenças da câmera e do pesquisador. O trabalho de construção das decisões performáticas se mostra elaborado ao configurar suas decisões na ação social sob foco com uma alta capacidade agentiva. A decisão estratégica de minimização de sua orientação atenta a essas presenças se refere à orientação da preservação de eus como reações às intromissões a espaços pessoais íntimos (RAMPTON; ELEY, 2018), à qual se atribui correspondência à intenção de direcionamento enganoso na revelação pessoal (GOFFMAN, 1983a).

As condutas da CamlF (Fig. 32; 33) marcam a simultaneidade multiescalar no trabalho de construção de suas decisões performáticas, ao atribuírem o componente estratégico ao valor da desatenção simulada na ação social sob foco, o qual dissimula sua orientação mais atenta aos aspectos panóptico e anômico associados às presenças da câmera e do pesquisador – avaliação de potenciais espectadores dos registros (e.g. o pesquisador e outros colegas) na sessão de elicitação (Fig. 34; Exc. 13). Essa simultaneidade multiescalar está associada a valores indiciais de atenção a essas presenças na sessão de elicitação, relacionados a valores verificados prospectivamente –

posturas desabonadoras: [005] se tem alguém tirando meleca do nariz?; [007] se tem alguém sendo nojento?; e, [042] >mana eu tava roendo a UNHA,< –, trazidos para a construção das agentividades e identidades nas escalas locais na ação social sob foco; valores indiciais de atenção às presenças da câmera e do pesquisador conformam as condutas dissimuladoras de desatenção. A conformação da despreocupação simulada na ação social sob foco, despreocupação dissimuladora de sua orientação mais atenta aos aspectos panóptico e anômicos associados às presenças da câmera e do pesquisador observada na sessão de elicitación, corrobora a noção da representação artefatuizada, tecnologicamente mediada de eus (LI; BLOMMAERT, 2017). No caso, às suas condutas de dissimulação de desatenção na ação social sob foco se atribuem a construção e a performance do seu eu dissimuladamente despreocupada. Já, às suas condutas de desconforto e preocupação na sessão de elicitación se atribuem a construção e a performance do seu eu incomodada.

Identifico um paralelo entre a estratégia de direcionamento enganoso nos turnos-em-interação multimodais de simulação de desatenção da CamlF – olhar não-interativo para seu lado esquerdo (provavelmente em direção à porta da sala) –, com os do PedSM: [00:23] aceno de mão, sorriso e levantar de sobrancelhas; [01:29] aceno e sorriso; e [36:11] fala e aceno de mão. Ambos turnos-em-interação multimodais de simulação de desatenção mostram o esforço deles para agir como se nada desagradável estivesse acontecendo. O valor de diminuir efeitos incômodos da vigilância orientada às presenças da câmera e do pesquisador, na estratégia de direcionamento enganoso nos turnos-em-interação multimodais de simulação de desatenção da CamlF (e do PedSM), está associado à preservação de eus como uma reação a intromissões a espaços pessoais íntimos. Relaciono a orientação mais atenta da CamlF (Fig. 34; Exc. 13) e da LigMyF (2a, Fig. 05; Fig. 16; 1d, Fig. 06; Fig. 11; 4c, Fig. 08; 2c, Fig. 15; Fig. 29; Exc. 05; Exc. 10; Exc. 11) ao cuidado com a imagem captada como um dos críticos valores supraorientacionais escalares locais e translocais retrospectivos e prospectivos atribuídos às normatividades e moralidades associadas à presença da câmera e do pesquisador. Os valores supraorientacionais advindos de julgamentos de normatividades e moralidades se orientam, respectivamente: a vários quadros concomitantes e concorrentes na ação social sob foco; à condição de ser observada por câmeras, com respectivos níveis de vigilância, em potenciais situações nas quais elas se deparam em suas atividades diárias – *selfies*, na rua, em lojas, eventualmente na escola etc.; e, à projeção de potenciais observadores virtuais copresentes – o pesquisador, o professor, os colegas, ou outros.

Associo os tipos estratégicos das decisões performáticas apresentados à interconexão entre expectativas e interesses dos agentes-em-interação, que orientam a indiciação das respectivas escalas para tais decisões. A interconexão de expectativas e interesses de agentes a efeitos de indiciação às escalas que os referenciam a valores atribuídos a representações e interpelações de autoridades epistêmicas atribuídas a observadores copresentes mediados pela presença

dos artefatos conforma formas de representação virtual (BLOMMAERT, 2018a). Os diversos tipos estratégicos de decisões associadas a formas de representação virtual, e também os tipos associados a formas de representação não virtual, por exemplo, no caso da representação e interpelação à autoridade epistêmica orientada às presenças do professor e do pesquisador, corroboram e reforçam a noção de heterogeneidades de expectativas e interesses de agentes-em-interação, ao mesmo tempo que corroboram e reforçam o modo de ação analítica proposto pela abordagem de escalas-em-interação. Modo de ação que considera diferentes escalas às quais os participantes se orientam na compreensão do trabalho intrínseco de julgamentos multiescalares em suas decisões performáticas.

O caráter situado da construção das agentividades e identidades, associado às implicações das orientações para as condutas-em-interação observadas, corrobora a argumentação de Blommaert, Smits e Yacoubi (2018) sobre caráter contraproducente em abordagens para a construção de sentidos que reforcem a dicotomia macro *versus* micro relacionada a valores indiciais para explicação de sentidos construídos em ações sociais. Ao mesmo tempo, o caráter situado observado na construção das agentividades e identidades afirma a abordagem de escalas-em-interação como um modo de análise que privilegia a ação social, nesse caso, corroborando a argumentação desses autores, uma vez que essas ações, consideradas como ponto de partida para as análises realizadas, permitem descrever e entender velhos e novos padrões de agentividades e identidades presentes na sala de aula, além de permitirem descrever e entender implicações desses padrões, como se interconectam e estruturam vidas sociais (BLOMMAERT *et al.*, 2018).

A importância de terem sido identificadas normatividades e moralidades associadas aos padrões das agentividades e identidades, como recursos orientacionais indiciais de escalas locais e translocais na conformação das decisões performáticas, reitera e ressalta orientações a estruturas observadas na ação social sob foco (e para além dela); reitera a orientação a um padrão *naturalizado* de conversas institucionais de sala de aula, por exemplo, por parte do professor, ao mesmo tempo que ressalta estratégias de resistência a relações de poder hegemônicas de autoridades epistêmicas associadas à orientação ao padrão *naturalizado* identificado na conversa institucional da sala de aula em foco. Associa o valor estratégico de orientação à resistência às relações de poder hegemônicas das autoridades epistêmicas, associadas à orientação ao padrão *naturalizado* na conversa institucional da sala de aula em foco, à ideia de negociação dinâmica (MONDADA, 2013) como implicação desse tipo de orientação à resistência a relações de poder hegemônicas. Tal negociação dinâmica é entendida como uma elaboração criativa e produtiva, por exemplo, nas condutas estratégicas orientadas a ambivalências associadas às presenças dos artefatos e do pesquisador e a moralidades relacionadas às normas socioculturais implicadoras de julgamentos de potenciais condutas orientadas aos vários quadros, e respectivas metas interacionais, identificadas na interação comunicativa na sala de aula (DREW; HERITAGE, 1992; BLOCK, 2013).

A importância de normatividades e moralidades associadas a padrões de agentividades e identidades como recursos indiciais que reiteram estruturas, por conseguinte, padrões *naturalizados* na conversa institucional de sala de aula, permite a compreensão de que as normatividades e moralidades associadas aos padrões das agentividades e identidades identificadas potencializam entendimentos sobre velhos e novos padrões de interação, como se interconectam e estruturam vidas sociais. Como exemplo da verificação de velhos padrões de interação, como se interconectam e tentam estruturar as vidas sociais, tem-se o roteiro anacrônico do professor como seu modo particular de organizar a interação social através de padrões específicos de realização-de-performances (BLOMMAERT, 2018a), se interconectando e (tentando) estruturar as vidas sociais no ambiente da sala de aula. Ainda, sobre a divergência entre expectativas com relação à presença de agentes externos, a partir dos dados apresentados nessa análise, verifica-se a fala do PedGM (Exc. 02 – Que o professor fosse menos arrogante quando os estagiários não estão em sala [...]. Ainda bem que entraram os estagiários porque com eles o professor trata a gente melhor, mas quando eles não vão ‘aguenta’ o professor). Essa fala demonstra padrão normativo e moral por parte do professor, denominado *improdutivo*, pelo menos no que diz respeito à promoção de um maior grau de agentividades mais responsáveis e críticas dos alunos. Essa fala do PedGM demonstra, ainda, que padrões normativo e moral *improdutivos* por parte do professor têm estruturado, pelo menos na perspectiva dele, PedGM, as vidas sociais orientadas à retórica da disciplina; tais padrões, vistos como o modo de o professor tentar controlar minuciosamente as ações e sujeitar as forças relacionadas às agentividades dos alunos a sua autoridade, de maneira constante, ao tentar lhes impor uma relação de docilidade (FOUCAULT).

A partir da compreensão de elementos que conformam velhos padrões de interação na conformação dos padrões normativos e morais identificados na ação social sob foco, como no caso dos padrões normativos anacrônicos por parte do professor, prospecto estudos que busquem construir maiores convergências na conformação de novos padrões normativos e morais em ações sociais do tipo (e para além desse tipo de ação). Dessarte, projeto estudos que busquem conhecer e discutir padrões normativos produtivos por parte de professores na perspectiva de criar espaços que estimulem curiosidades nos e capacidades dos alunos de arriscarem-se, de aventurarem-se (FREIRE, 1996), e promovam maiores graus de agentividades mais responsáveis e críticas por parte dos alunos. Ao se fazer isso, espera-se pessoas mais compromissadas com seus desenvolvimentos pessoais (e de outrem), refletindo na construção de agentividades e identidades desses tipos.

Vislumbro a construção de maiores convergências na conformação de novos padrões normativos e morais em ações sociais do tipo (e para além desse tipo de ação), a partir de experiências mais colaborativas e duradouras entre pesquisadores e agentes nas escolas, que contemplem experiências de socialização mais próximas entre esses entes; não apenas durante o

desenvolvimento de pesquisas, muitas das vezes, sem nenhuma interconexão com expectativas e interesses dos agentes nas escolas. Vejo potencialidades na direção de maiores convergências na conformação de novos padrões normativos e morais ao considerar a negociação de objetos de estudo que contemplem expectativas e interesses comuns. Tais potenciais negociações devem cuidar para contemplar, ao máximo, ações colaborativas que respeitem heterogeneidades conformadoras das diversas expectativas e dos vários interesses de participantes envolvidos. Esperam-se orientações para metas interacionais, e respectivas implicações, com base na interconexão de padrões normativos e morais mais convergentes entre expectativas e interesses de agentes-em-interação. Interconexões menos convergentes entre expectativas e interesses desses agentes explicariam a orientação do professor ao seu roteiro anacrônico, a qual conforma padrões normativos e morais *improdutivos* na ação social sob foco, com implicações nas condutas estratégicas dos alunos, configuradoras das decisões performáticas orientadas à resistência às relações de poder hegemônicas (FOUCAULT), representadas e interpeladas nas identidades do professor e do pesquisador; e de outros poderes mediados pela presença dos artefatos. No caso dos alunos, orientações para metas interacionais divergentes em relação a metas do professor conformam decisões performáticas estratégicas de resistência a relações de poder hegemônicas, dadas moralidades associadas a normas concernentes à vida social no ambiente da sala de aula. Essas decisões estratégicas são entendidas como formas criativas e produtivas de negociar identidades em ações sociais do tipo, como contextos interacionais “informad[os] por orientações para metas de caráter [normativo e moral] convencional relativamente restrito” (DREW; HERRITAGE, 1992).

Prospecto, no capítulo que segue, potenciais convergências teórico-metodológicas para estudos sobre heterogeneidades de expectativas e interesses de agentes-em-interação e sobre padrões normativos que promovam maiores graus de agentividades mais responsáveis e críticas desses participantes e resultem em papéis e práticas discursivas (inclusive práticas pedagógicas) libertadoras.

Capítulo 4

Sobre heterogeneidades de expectativas e interesses de agentes-em-interação

Discuto a simultaneidade multiescalar em orientações atribuídas aos potenciais observadores copresentes mediados pela presença dos artefatos – câmera e gravador – como componente para a projeção de (novos) *insights* teóricos e metodológicos para a análise de construções de agentividades e identidades em ambientes institucionais de sala de aula. Para além, destaco a importância de se observarem microhegemonias como recursos e modelos normativos de comportamento (BLOMMAERT, 2017) para a análise de agentividades e identidades, a partir da noção de múltiplas microhegemonias (BLOMMAERT, 2018a) que orientam configurações de decisões performáticas de agentes-em-interação. Nos casos apresentados, observam-se microhegemonias conformando a simultaneidade multiescalar como componente para condutas estratégicas associadas às presenças dos artefatos e do pesquisador. A noção de múltiplas hegemonias configura heterogeneidades, as quais se compõem por elementos multiculturais presentes na ação social, ao mesmo tempo que corroboram a performatividade conformada pela interação de padrões formais complexos e heterogêneos na construção social de realidades (BAUMAN; BRIGGS, 1990). Como exemplificação de múltiplas microhegemonias-em-interação identificadas, e de seus papéis na configuração de decisões performáticas dos agentes, verifica-se a suprahegemonia, aqui tomada como a supranormatividade orientada às presenças dos artefatos e do pesquisador, sobrepondo-se à hegemonia relacionada à comunicação pedagógica – a aprendizagem de ILA –, meta principal da fala institucional da sala de aula. Tal supranormatividade revela a “desestabilização” de relações naturalizadas em relação a papéis e práticas discursivas (e pedagógicas), ao conformar decisões performáticas estratégicas que confrontam papéis e práticas “estabilizadas”.

Com base na supranormatividade orientada às presenças dos artefatos e do pesquisador, trato questões teórico-metodológicas implicadas na abordagem de escalas-em-interação para a análise de ações sociais em, e para além, de ambientes de sala de aula. A partir da noção de um elaborado trabalho de construção de decisões performáticas, prospecto estudos complementares de agentividades e identidades em “novas” perspectivas teórico-metodológicas. Tento relacionar a supranormatividade orientada às presenças dos artefatos e do pesquisador a potenciais questões que abordem a construção de decisões performáticas na perspectiva de estudos transdisciplinares para além dos que deram suporte a essa análise. Vislumbro estudos sobre a construção de decisões performáticas que adotem a abordagem de escalas-em-interação como um modo de ação analítica, ao relacionar uma potencial simultaneidade multiescalar em orientações atribuídas a potenciais mediadores (artefatos), em construções de agentividades e identidades, a potenciais naturezas (supra) normativas que se mostrem indiciadoras de decisões performadas em ambientes de interação comunicativa. Estudos sobre a construção de decisões performáticas que adotem a abordagem de escalas-em-interação devem considerar diferentes escalas às quais os participantes se orientem na compreensão de um trabalho intrínseco de construção de sentidos em ações sociais.

Ao propor a abordagem de escalas-em-interação como um modo analítico para a compreensão de sentidos multiescalares (e.g. construção de decisões performáticas) em ações sociais, espero contribuir para novas ferramentas teórico-analíticas e projetar discussões que lidem com fenômenos típicos de como a linguagem é usada no mundo contemporâneo (MOITA LOPES, 2013), por exemplo, ao considerar a noção de heterogeneidades de expectativas e interesses de agentes-em-interação configurando decisões performáticas. A ideia de heterogeneidades de expectativas e interesses de agentes-em-interação configurando tipos estratégicos de decisões performáticas é tomada como forma de projetar questionamentos sobre o papel de expectativas e interesses de agentes na configuração de decisões performadas em ações sociais. Dessarte, ao prospectar esses estudos, busco (melhor) elaborar a ideia de valores orientacionais escalares na construção de decisões performáticas associados a expectativas e interesses de agentes-em-interação. Penso a ideia desses valores orientacionais na construção de decisões performáticas relacionada à noção criativa (quicá, produtiva!) de hegemonias contingentes, a partir do conceito de microhegemonias – diferentes recursos e modelos normativos de comportamento realizados em configurações cronotópicas específicas (BLOMMAERT, 2017). Com base nos casos apresentados (Cf. Fig. 35 – Valores indiciais orientacionais e níveis de convergência em *continuum* de percepção das presenças da câmera e do pesquisador por CamlF), argumento sobre o sentido de retroalimentação relacionado a caracteres panóptico e anômico atribuídos às presenças da câmera e do pesquisador, ao compreender o valor orientacional supraescalar associado a essas presenças configurando suprahegemonias contingentes na interação em foco e em outras interações do grupo sob foco. Projeto estudos que analisem e discutam (supra) hegemonias contingentes em ações sociais, com valor semelhante, para além de interações do tipo da que foi apresentada, ou mesmo para além de interações em ambientes de sala de aula.

Sobre a projeção de estudos de heterogeneidades de expectativas e interesses configurando decisões performáticas, como forma de projetar questionamentos sobre o papel de expectativas e interesses de participantes na configuração de decisões performadas, cito o caso do YurM (Cf. 1b, Fig. 4), que mostra orientação mais desatenta (ou menos atenta) à presença da câmera e mais atenta (ou menos desatenta) à lição de casa, esta considerada como o principal centro de orientação para suas condutas performáticas, conforme valor orientacional atribuído à lição de casa em toda a interação. Em análise sobre a orientação mais atenta (ou menos desatenta) à lição de casa (análise que precisa de mais aprofundamento), verifica-se, como efeitos de potenciais expectativas e interesses do YurM, a conformação de uma suprahegemonia orientadora de condutas e turnos-em-interação multimodais de pedido de permissão ao professor para a “apresentação da tarefa de casa”. A suprahegemonia orientadora das condutas e turnos multimodais de pedido de permissão ao professor para a apresentação da tarefa de casa se conforma de tentativas malsucedidas que se estendem por toda a ação social orientada ao quadro *atividades da aula*. A análise mais detalhada de condutas e turnos-em-interação multimodais de

ambos os agentes – professor e YurM – pode revelar (ou até mesmo suscitar) práticas discursivas (e pedagógicas) que contemplem maior convergências de expectativas e interesses comuns a esses agentes-em-interação, respeitando heterogeneidades conformadoras de potencial diversidade de expectativas e interesses de participantes em ações sociais. A ideia de heterogeneidades de expectativas e interesses configurando tipos (estratégicos) de decisões performáticas serve para corroborar e reforçar a pertinência da abordagem de escalas-em-interação como um modo de ação analítica na prospecção de estudos interdisciplinares para a compreensão da construção de sentidos multiescalares em ações performáticas, ao considerar a noção de um elaborado complexo de práticas lúdicas que visam construir e performar imagens de personalidades (LI; BLOMMAERT, 2017), as quais configuram parte de repertórios de identidades de agentes-em-interação (BLOMMAERT, 2017); tais repertórios explicando heterogeneidades de expectativas e interesses de agentes-em-interação.

| Algumas (breves) considerações

Para fechar a argumentação, trago algumas possíveis interfaces de pesquisas a partir da abordagem de escalas-em-interação. Na direção da pertinência da abordagem de escalas-em-interação para a análise de agentividades e identidades, entende-se pertinente a proposta da complementaridade entre a ACE e a Teoria de Escalas para explicar a relação entre agentividades e identidades e elementos multiculturais como recursos de indicação a agentividades- e identidades-em-interação. Tal complementaridade reforça, ainda, a pertinência de estudos que considerem uma abordagem microetnográfica sobre a ordem interacional de comunicações intersubjetivas (GARFINKEL, 1967; GARCEZ, 2006; 2008; GOFFMAN; SCHEGLOFF), ao mesmo tempo que contemplem uma abordagem dialógica, na perspectiva da Teoria de Escalas (BLOMMAERT; CANAGARAJAH), para a explicação da conformação de recursos de indicação em tomadas de decisão performáticas em ações sociais.

Especificamente para ambientes de sala de aula, entende-se um caráter produtivo associado à abordagem microetnográfica no que se refere ao “aguçamento” de percepções de agentes-em-interação e pesquisadores. Esse aguçamento pode estar relacionado à observação de padrões normativos microhegemônicos que promovam um maior grau de agentividades de alunos e resultem em configurações de papéis e práticas discursivas (inclusive práticas pedagógicas) libertadoras, contemplando práticas alvissareiras à “preocupação” de Paulo Freire reportada anteriormente – que “o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o ‘imuniza’ contra o poder apassivador do ‘bancarismo’”. O caráter produtivo associado à abordagem de escalas-em-interação, a partir do componente microetnográfico, afirma a ideia do aguçamento de percepções de sutilezas na conformação de orientações em tomadas de decisão performáticas em ações sociais desses tipos.

Reforçando a perspectiva de estudos interdisciplinares, prospectam-se estudos para além de ambientes de interações comunicativas presenciais ao vislumbrar estudos orientados a uma sociolinguística que dê conta do *nexus on-line-off-line* em ações sociais (Cf. BLOMMAERT, 2019b; BLOMMAERT *et al.*, 2019). Ressalto caráter produtivo a partir da abordagem microetnográfica como método de análise da “ordem interacional” de comunicações intersubjetivas em ambientes de comunicação interacional *on-line* e *off-line* (Cf. *digital ethnography* em VARIS, 2014), o qual reforça a perspectiva de estudos interdisciplinares, ao mesmo tempo em que prospecto estudos para além de ambientes de interações comunicativas presenciais ao vislumbrar estudos orientados à sociolinguística que dê conta de *nexus on-line-off-line* em ações-sociais[-em-interação] (BLOMMAERT, 2019b; BLOMMAERT; SZABLA; MALY; PROCHÁZKA; LU; LI, 2019). Ao prospectar estudos que deem conta do *nexus on-line-off-line*, espero contribuir para a proposta da reimaginação sociológica (BLOMMAERT, 2019a, 2018a/b/c; BLOMMAERT; WESTINEN; LEPPÄNEN, 2015), a partir das discussões apresentadas, que as vejo como potencialidades para “novas” discussões sobre a “complexidade de relações, regulamentos e práticas que marca sociedades contemporâneas, vista como resposta a [novos processos de construção de sentidos em ações sociais]”¹³⁸ (DUBOC; FORTES, 2019, p. 2).

Na direção de estudos interdisciplinares complementares sobre essa complexidade de relações, regulamentos e práticas, vistos como contribuições para o entendimento de novos processos de construção de sentidos, vislumbram-se estudos sobre modos de construção de sentidos-em-interação como parte de um “letramento sociodiscursivo crítico” dos agentes. Tomo as potencialidades de complementaridade desses estudos a partir da argumentação de Patricia Duff e Liam Doherty sobre a importância de “se examinarem processos pelos quais novatos a uma cultura aprendem as normas e práticas linguísticas e culturais requeridas para demonstrar ou obter maior participação e competência na comunidade”. Ainda, aproprio-me da noção da “competência transcultural em novos letramentos” (*critically oriented, cross-culturally informed and multimodality-based literacy* em RAJAGOPALAN, 2019) para a ideia de um letramento sociodiscursivo crítico para o entendimento de novos processos de construção de sentidos a partir da conceituação de textos, que “devem ser percebidos como unidades de significado [re/]produzidas culturalmente, [re/]construídas em momentos sociais e históricos específicos, [re/]estabelecendo e sendo [re/]estabelecidas pela interação de muitos discursos”¹³⁹ (JORDÃO; FOGAÇA, 2012, p. 74). O letramento sociodiscursivo crítico se apresenta como um modo de interpretação discursiva (Cf. *contextualization* como conexões indiciais construídas interacionalmente entre características discursivas reais e partes relevantes de conhecimentos socioculturais, em BLOMMAERT *et al.*, 2018) que contempla a compreensão de elementos

138 No original: “Contemporary societies are strongly marked by a new complex web of relations, regulations and practices much as a response to new globalization processes along with the advent of digital media technologies”.

139 No original: “Texts are to be perceived as culturally produced units of meaning, constructed in specific social and historical moments, establishing and being established by the interplay of many discourses”.

dialógicos (ideológicos – e.g. posicionamentos, valores e outros termos equivalentes) representados ou interpelados em discursos-em-interação. Relacionamento agentividades- e identidades-em-interação à noção de um “engajamento ativo” (*active engagement* em RAJAGOPALAN, 2019, p. 123), que pressupõe “entre outras coisas, chegar a um acordo com normas e costumes culturais diferentes e, não raro, conflitantes, que vêm à tona na arena do contato intercultural”¹⁴⁰; entendendo que esse “acordo” pode não fazer parte de metas interativas pretendidas por parte de, pelo menos, alguns agentes-em-interação.

A ideia do letramento sociodiscursivo crítico, como um modo de interpretação discursiva, se mostra análoga à abordagem de trajetórias de socialização, associada a componentes de intertextualidade (WORTHAM, 2005), na construção de agentividades e identidades para a compreensão de elementos interpretativos dialógicos (ideológicos) em discursos-em-interação. Estabeleço uma relação entre o letramento sociodiscursivo crítico – um modo de interpretação discursiva em práticas linguísticas e culturais em ambientes diversos – e o conceito de *habitus* interpretativo – hierarquias interpretativas naturalizadas (MONTE MÓR, 2018) – que podem (e devem) suscitar estratégias agentivas “desestabilizadoras” com vistas a conhecer e discutir processos de construção de menor/maior participação menos/mais competente em práticas linguísticas e culturais com base em padrões de interpretação discursiva. Tomo, ainda, o letramento sociodiscursivo crítico na direção da argumentação de Garcez, sobre uma conceituação menos limitadora (nos termos desse autor) para o letramento (clássico) que engloba práticas sociais para além daquelas diretamente (ou unicamente) relacionadas às aprendizagens “formais” e evita o “great divide” entre oralidade e letramento, valorando o segundo para sugerir que o domínio da escrita produziria alterações únicas nas culturas e nas capacidades cognitivas humanas” (GARCEZ, 2019, p. 14). Tenho apontado (sem muito aprofundamento, em trabalhos anteriores – CITÓ, 2012, 2018) uma preocupação na construção de sentidos em agentividades- e identidades-em-interação na linha do “great divide”, ao questionar a “centralidade” de estudos de letramento em modos de articulação (produção) e interpretação de textos escritos, especificamente sobre sentidos relacionados à condição de iletrados (analfabetos) em textos introdutórios de um livro didático utilizado pelo programa EJA:

[...] tenho a sensação de um sentido uníssono de discriminação contra as pessoas que não sabem ler e escrever. De acordo com este sentido, pessoas nestas condições poderiam ser consideradas (ou têm sido) inferiores em face de não terem sido alfabetizadas, embora suas vidas sejam cheias de sentidos, tanto pra si quanto para os que com elas convivem. Nessas vozes, arrisco afirmar, identifica-se um instrumento de dominação das elites alfabetizadas sobre as classes menos favorecidas. Esta dominação se efetivaria em face da valorização simbólica da habilidade de ler e escrever como sinônimo de ‘civildade’, ‘desenvolvimento cognitivo’ e ‘criticidade’. (CITÓ, 2012, p. 196).

140 No original: “[...] among other things, coming to terms with different and, not infrequently, conflicting cultural norms and mores that come to the surface in the arena of intercultural contact”.

Trago uma última reflexão na direção de práticas discursivas (e pedagógicas) libertadoras, corroborando orientações de Paulo Freire, que, espero, nos “iluminem” a todos em nossa caminhada por uma Educação Crítica, Reflexiva e Transformadora de padrões *improdutivos* de construção de agentividades e identidades em ambiente de sala de aula (quiçá, para além!):

[...] a todos os que se interessam em trabalhar com *abordagens emancipadoras nas escolas*, [como] possibilidades de abordagem às diferenças *em seu estímulo à construção de um mundo multicultural*, [vemos] ser possível avançar em situações pedagógicas em que currículos possam ser questionados, ampliando os espaços críticos de abordagem acerca das suas (in) visibilidades. Um multiculturalismo *cultivado mas não apaziguado, nem escondidas as suas diferenças*, mas *no qual os espaços críticos sejam reconhecidos e suas fronteiras se constituam como lugar de diálogos*. (GUIMARÃES; FRADE, 2018, p. 53, grifo nosso).

Apartir das discussões levantadas, em especial, na direção de um estreitamento de processos colaborativos mais eficazes entre pesquisadores e agentes nas escolas, reitero a necessidade da construção de maiores convergências a partir de experiências duradouras entre esses agentes. Vejo o desenvolvimento de ações colaborativas que contemplem experiências de socialização mais próximas como forma de estreitamento de processos colaborativos mais eficazes. Identifico potencialidades na direção de maiores convergências ao considerar a negociação de objetos de estudo que contemplem expectativas e interesses comuns, respeitando-se heterogeneidades conformadoras das diversas expectativas e dos vários interesses dos agentes envolvidos.

Referências

- ABELED, M. O. L. **Uma compreensão etnometodológica da aprendizagem de língua estrangeira na fala-em-interação de sala de aula.** 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- AGHA, A. The social life of cultural value. **Language & Communication**, v. 23, p. 231-273, 2003.
- AGHA, A. Introduction: semiosis across encounters. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 15, n. 1, p. 1-5, 2005a.
- AGHA, A. Voice, Footing, Enregisterment. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 15, n. 1, p. 38-59, 2005b.
- AGHA, A. Recombinant selves in mass-mediated spacetime. **Language & Communication**, v. 27, p. 320-335, 2007.
- ALMEIDA, A. N. A noção de relevância sequencial: construindo identidades masculinas na sala de aula. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). **Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica.** Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 45-70.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** 8. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ALPERT, B. Students' resistance in the classroom. **Anthropology & Education Quarterly**, v. 22, n. 4, p. 350-366, 1991.
- ÁLVARES, M. R. **Aspectos culturais da e na fala-em-interação: análise da conversa etnometodológica aplicada à aula de espanhol como língua estrangeira.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- ARONSSON, K. Identity-in-interaction and social choreography. **Research on Language and Social Interaction**, v. 31, n. 1, p. 75-89, 1998.
- ATKINSON, D.; CHURCHILL, E.; NISHINO, T.; OKADA, H. Alignment and interaction in a sociocognitive approach in second language acquisition. **The Modern Language Journal - MLJ**, v. 91, n. 2, p. 169-188, 2007.
- BAKHTIN, M. M. **The dialogic imagination.** Four essays. Tradução Caryl Emerson e Michael Holquist. Texas: University of Texas Press, 1981.
- BAKHTIN, M. M. **Towards a philosophy of the act.** Tradução Vadim Liapunov. Texas: University of Texas Press, 1993.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

BATESON, G. A theory of play and fantasy. *In*: BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: University of Chicago Press, 2000 [1972]. p. 177-193.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. Tradução Lúcia Quental. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional**: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora AGE, 1998. p. 57-69.

BAUMAN, R. Language, identity, performance. **Pragmatics**, v. 10, n. 1, p. 1-5, 2000.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social lives. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, p. 59-88, 1990.

BEMONG, N.; BORGHART, P.; de DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; de TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução Oziris Borges Filho *et alii*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015 [2010].

BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (org.). **William F. Hanks – Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

BERBET, P. **Tecendo redes de alianças afetivas**: algumas notas sobre arte indígena contemporânea e práticas curatoriais. 2019. Disponível: <https://bit.ly/2R8y7tP>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BEZEMER, J. Displaying orientation in the classroom: students' multimodal responses to teacher instructions. **Linguistics and Education**, v. 19, p. 166-178, 2008.

BLOCK, D. The rise of identity in SLA research, post Firth and Wagner (1997). **MLJ**, v. 91, focus issue, p. 863-876, 2007.

BLOCK, D. The structure and agency dilemma in identity and intercultural communication research. **Language and Intercultural Communication**, v. 13, p. 126-147, 2013.

BLOM, J-P.; GUMPERZ, J.J. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. Tradução Pedro de Moraes Garcez e José Paulo de Araújo. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional**: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora AGE, 1998 [1972]. p. 31-56.

BLOMMAERT, J. Context is/as critique. **Critique of Anthropology**, v. 21, n. 1, p. 13-32, 2001.

BLOMMAERT, J. **Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press - CUP, 2005.

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press - CUP, 2010.

BLOMMAERT, J. Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society. **Annual Review of Anthropology**, v. 44, p. 105-116, 2015a.

BLOMMAERT, J. Commentary: Superdiversity old and new. **Language & Communication**, v. 44, p. 82-88, 2015b.

BLOMMAERT, J. Ludic membership and orthopractic mobilization: on slacktivism and all that. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 193, 2017. Disponível: <https://bit.ly/2PxR09m>. Acesso em: 19 nov. 2018.

BLOMMAERT, J. **Durkheim and the Internet**: Sociolinguistics and the sociological imagination. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2018a.

BLOMMAERT, J. Chronotopes, synchronization and formats. **Papers in Cultural Studies**, n. 207, 2018b. Disponível em: <https://bit.ly/3utJjji> Acesso em: 01 jun. 2018.

BLOMMAERT, J. **Are chronotopes helpful?** 2018c. Disponível em: <https://bit.ly/3fMj82Z> Acesso em: 01 jun. 2018.

BLOMMAERT, J. Sociolinguistic scales in retrospect. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 225, 2019a. Disponível em: <https://bit.ly/2OwQyYo> Acesso em: 30 jul. 2019.

BLOMMAERT, J. From groups to actions and back in online-offline sociolinguistics. **Multilingua**, 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/3rUXxry> Acesso: 29 mar. 2019.

BLOMMAERT, J. Trump's viral erros. 2019c. Disponível em: <https://bit.ly/39OODWj>. Acesso em: 27 out. 2019.

BLOMMAERT, J.; COLLINS, J.; SLEMBROUCK, S. Polycentricity and interactional regimes in 'global neighbourhoods'. **Ethnography**, v. 6, p. 205-235, 2005a.

BLOMMAERT, J.; COLLINS, J.; SLEMBROUCK, S. Spaces of Multilingualism. **Language and Communication**, v. 25, n. 3, p. 197-216, 2005b.

BLOMMAERT, J.; SMITS, L.; YACOUBI, N. Context and its complications. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 208, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3mnP52Q>. Acesso em: 01 jun. 2018.

- BLOMMAERT, J.; SZABLA, M.; MALY, I.; PROCHÁZKA, O.; LU, Y.; LI, K. Online with Garfinkel: essays on social action in the online-offline nexus. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 229, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fMOrdX>. Acesso em: 26 ago. 2019.
- BLOMMAERT, J.; WESTINEN, E.; LEPPÄNEN, S. Further notes on sociolinguistic scales. **Intercultural Pragmatics**, v. 12, n. 1, p. 119-127, 2015.
- BOURDIEU, P. Postface. In: PANOFKY, E. (ed.). **Architecture gothique et pensée scolastique**. Tradução Pierre Bourdieu. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974 [1967]. p. 135-167.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970. Disponível em: <https://bit.ly/2ReUYnF>. Acesso em: 08 set. 2019.
- BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- BUCHOLTZ, M. The politics of transcription. **Journal of Pragmatics**, v. 32, p. 1439-1465, 2000.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, v. 7, n. 3/4, p. 585-614, 2005.
- BUTLER, J. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- CAMPOS, P. R. P. **Competência simbólica no ensino-aprendizagem de língua inglesa**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- CANAGARAJAH, S. On EFL teachers, awareness, and agency. **ELT Journal**, v. 53, n. 3, p. 207-214, 1999.
- CANAGARAJAH, S. Postmodernism and intercultural discourse: World Englishes. In: PAULSTON, C. B.; KIESLING, S. F.; RANGEL, E. S. (ed.). **The handbook of intercultural discourse and communication**. Oxford Wiley-Blackwell, 2012. p. 110-132.
- CANAGARAJAH, S. **Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations**. Oxon: Routledge, 2013a.
- CANAGARAJAH, S. Agency and power in intercultural communication: negotiating English in translocal spaces. **Language and Intercultural Communication**, v. 13, n. 2, p. 202-224, 2013b.

CANAGARAJAH, S.; DE COSTA, P. I. Introduction: scales analysis, and its uses and prospects in educational linguistics. **Linguistics and Education**, v. 34, p. 1-10, 2016.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Tradução Fabiana Komesu. (coord.). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CELADA, M. T.; PAYER, M. O. Sobre sujeitos, língua(s), ensino: notas para uma agenda. *In*: PAYER, M.O.; CELADA, M. T. (org.). **Subjetivação e processos de identificação: sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 17-41.

CITÓ, P. C. A organização da fala-em-interação de sala de aula e a comunicação pedagógica de uma professora de língua inglesa. **Revista Letra Magna**, v. 5, 2º sem., p. 1-20, 2006. Disponível em: <http://www.letramagna.com/salaaula.pdf>. Acesso em: 08 set. 2019.

CITÓ, P. C. A intenção pragmática na comunicação pedagógica de uma professora de inglês. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 2, p. 191-207, 2007.

CITÓ, P. C. Os sentidos sobre alfabetização na fala de uma pessoa não alfabetizada e em um livro didático do programa de alfabetização de jovens e adultos. *In*: FREITAS, D. P.; WANKLER, C. M. **O múltiplo em construção: questões de linguagem e identidade**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012. p. 187-197.

CITÓ, P. C. Lexicologia e discurso: inter-relações em contexto. *In*: FARGETTI, C. M. (org.). **Léxico em pesquisa no Brasil**. Araraquara: Letraria, 2018. *E-book*. p. 186-206. Disponível em: <https://www.letraria.net/lexico-pesquisa-brasil/>. Acesso em: 08 set. 2019.

CLONAN-ROY, K.; RHODES, C.; WORTHAM, S. Moral panic about sexual promiscuity: heterogeneous scales in the identification of one middle school Latina girl. **Linguistics and Education**, v. 34, p. 11-21, 2016.

COLLINS, J.; BAYNHAM, M.; SLEMBROUCK, S. **Globalization and language in contact: scale, migration, and communicative practices**. London: Continuum, 2009.

DA SILVA, A. M. **O ensino de português como língua adicional: especificidades e prática do contexto universitário inglês**. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3rVZYKC>. Acesso em: 13 dez. 2018.

DIAS, F. H.; MILLER, I. K. Mudanças de *footing* e projeções do “eu” de uma professora de língua inglesa: “aí dá pra entender como a gente não consegue trabalhar”. *In*: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. (org.). **Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 365-394.

DUBOC, A. P. M.; FORTES, O. B. S. **Superdiversity, language and society**: issues on the move. An interview with Prof. Jan Blommaert and Dr. Massimiliano Spotti (Tilburg University), 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3cVVLT2>. Acesso em: 01 nov. 2019.

DREW, P.; HERITAGE, J. **Talk at work**: interaction in institutional settings. New York: CUP, 1992.

DUFF, P. A.; DOHERTY, L. Examining agency in (second) language socialization research. *In*: DETERS, P.; GAO, X.; MILLER, E. R.; VITANOVA, G. (ed.). **Theorizing and analyzing agency in second language learning**: interdisciplinary approaches. Bristol: Multilingual Matters, 2015. p. 54-72.

DUFVA, H.; ARO, M. Dialogical view on language learner's agency: connecting intrapersonal with interpersonal. *In*: DETERS, P.; GAO, X.; MILLER, E. R.; VITANOVA, G. (ed.). **Theorizing and analyzing agency in second language learning**: interdisciplinary approaches. Bristol: Multilingual Matters, 2015. p. 37-53.

DURKHEIM, E. **De la division du travail social**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967 [1893].

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1893] (Coleção Tópicos).

DURKHEIM, E. **Suicide**: a study in sociology. New York: Simon & Schuster, 1951 [1897].

DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo de sociologia. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1897] (Coleção Tópicos).

DURKHEIM, E. **Les règles de la méthode sociologique**. 2001 [1894]. Disponível em: <https://bit.ly/2PwTtRp>. Acesso em: 21 mai. 2019.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

DURKHEIM, E. **L'éducation morale**. (Cours de sociologie dispensé à la Sorbonne en 1902-1903). Paris: Librairie Félix Alcan, 2002 [1934]. Disponível em: <https://bit.ly/3cULpm7>. Acesso em: 20 mai. 2019.

EDWARDS, A. Relational agency: learning to be a resourceful practitioner. **International Journal of Educational Research**, v. 43, p. 168-182, 2005.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. J. “O quando” de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. Tradução Pedro de M. Garcez e Clarissa Surek-Clark. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional**: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora AGE, 1998. p. 142-153.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

FIRTH, A.; WAGNER, J. On discourse, communication, and (some) fundamental concepts in SLA research. **MLJ**, v. 81, n. 3, p. 285-300, 1997.

FIRTH, A.; WAGNER, J. Second/Foreign language learning as a social accomplishment: elaborations on a reconceptualized SLA research. **MLJ**, v. 91, n. 5, focus issue, p. 800-819, 2007.

FORTES, M. S. **Uma compreensão etnometodológica do trabalho de fazer ser membro na fala-em-interação de entrevista de proficiência oral em português como língua adicional**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FOUCAULT, M. L’oeil du pouvoir – texte 195. *In*: FOUCAULT, M. **Dits et écrits 1954-1988**, Tome II – 1976-1988. Paris: Éditions Gallimard, 2001 [1977]. p. 190-207.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Pedro Elói Duarte. 37. ed. Lisboa: Edições Almedina S.A., 2013 [1975].

FOUCAULT, M. The care of the self. vol. 3, **The history of sexuality**. Tradução R. Hurley. New York: Pantheon, 1986.

GARCEZ, P. M. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 66-80, 2006.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. *In*: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). **Fala-em-interação social**: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.

GARCEZ, P. M. Conceito de letramento e a formação de professores de línguas. **Revista da ANPOLL**, Letramento e Transdisciplinaridade, Florianópolis, v. 1, n. 49, p. 12-25, 2019.

GARCEZ, P. M.; FRANK, I.; KANITZ, A. Interação social e etnografia: sistematização do conceito de construção conjunta de conhecimento na fala-em-interação de sala de aula. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 211-224, 2012.

- GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 257-288, 2014.
- GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. New Jersey: Prentice Hall, 1967.
- GASS, S. Apples and oranges: or, why apples are not orange and don't need to be a response to Firth and Wagner. **MLJ**, v. 82, n. 1, p. 83-90, 1998.
- GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1959.
- GOFFMAN, E. **Behaviour in public places**. New York: Free Press, 1963.
- GOFFMAN, E. **Relations in public**. London: Allen Lane, 1971.
- GOFFMAN, E. Replies and responses. **Language in Society**, v. 5, n. 3, p. 257-313, 1976.
- GOFFMAN, E. The interaction order. **American Sociological Review**, v. 48, p. 1-17, 1983a. Disponível em: <https://bit.ly/2Q4DSYR> Acesso em: 01 nov. 2018.
- GOFFMAN, E. Felicity's condition. **American Journal of Sociology**, v. 89, n. 1, p. 153, 1983b.
- GOFFMAN, E. A situação negligenciada. Tradução Pedro M. Garcez. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora AGE, 1998a [1964/1972]. p. 1115.
- GOFFMAN, E. Footing. Tradução Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora AGE, 1998b [1979]. p. 70-97.
- GOODWIN, C. Participation, stance and affect in the organization of activities. **Discourse & Society**, v. 18, n. 1, p. 53-73, 2007.
- DE GRANDE, P. B. **Formação continuada no local de trabalho do professor: possibilidades de agência e construção de sentidos para a docência**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- GUIMARÃES, A. H. M.; FRADE, I. N. Espaço crítico: discursividades sobre a (in) visibilidade indígena na escola. **Revista Matéria-Prima**, Lisboa, v. 6, n. 3, p. 37-54, 2018.
- HALL, J. K. A consideration of SLA as a theory of practice: a response to Firth and Wagner. **MLJ**, v. 81, n. 3, p. 301-306, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [1992].

HANKS, W. F. Pierre Bourdieu and the practices of language. **The Annual Review of Anthropology**, v. 34, p. 67-83, 2005.

JORDÃO, C. M.; FOGAÇA, F. C. Critical literacy in the English language classroom. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 69-84, 2012.

JUNG, N. M.; GARCEZ, P. M. Além do repertório linguístico: aspectos simbólicos diversos na construção de identidade etnolinguística alemã na escola de comunidade rural multilíngue. *In*: CAVALCANTI, M. C.; BORTONNI-RICARDO, S. M. (org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 97-122.

KASPER, G. "A" stands for acquisition: a response to Firth and Wagner. **MLJ**, v. 81, n. 3, p. 307-312, 1997.

KRESS, G. Recognizing learning: a perspective from a social semiotic theory of multimodality. *In*: DE SAINT-GEORGES, I.; WEBER, J-J. (ed.). **Multilingualism and multimodality: current challenges for educational studies**. Rotterdam: Sense Publishers, 2013. p. 119-140.

KROON, S. Catechistic teaching, national canons, and the regimentation of students' voice. **Anthropology and Education Quarterly**, v. 44, n. 2, p. 189-204, 2013.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra (s) língua (s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. *In*: LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. **Uma espiadinha na sala de aula**. Ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: EDUCAT, 2014. p. 21-48. Disponível: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/livro_espiadinha.pdf Acesso: 06 set. 2019.

LEMKE, J. L. Across the scales of time: artifacts, activities, and meanings in ecosocial systems. **Mind, Culture, and Activity**, v. 7, n. 4, p. 273-290, 2000.

LI, K.; BLOMMAERT, J. The care of the selfie: ludic chronotopes of baifumei in online China. **Tilburg Papers in Cultural Studies**, n. 197, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/39NHO7H>. Acesso em: 16 nov. 2018.

LIDDICOAT, A. Interaction, social structure, and second language use: a response to Firth and Wagner. **MLJ**, v. 81, n. 3, p. 313-317, 1997.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. *In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica.* Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 127-161.

LODER, L. L.; SALIMEN, P. G.; MÜLLER, M. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. *In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica.* Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 39-58.

LONG, M. H. Construct validity in SLA research: a response to Firth and Wagner. *MLJ*, v. 81, n. 3, p. 318-323, 1997.

LOPES, M. F. R. **A fala-em-interação de sala de aula contemporânea no ensino médio**: o trabalho de fazer aula e fazer aprendizagem de língua espanhola. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LOPES-PERNA, C.; SUN, Y. Aquisição de português como língua adicional (PLA): o uso de hedges em português por falantes nativos de mandarim. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 59-70, jul./set. 2011.

MARIN, L. **Des pouvoirs de l'image**. Paris: Seuil, 1993.

MOITA LOPES, L. P. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. *In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani.* São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 227-247.

MONDADA, L. Multimodal resources for turn-taking: pointing and the emergence of possible next speakers. **Discourse Studies**, v. 9, n. 2, p. 195-226, 2007.

MONDADA, L. Displaying, contesting and negotiating epistemic authority in social interaction: descriptions and questions in guided visits. **Discourse Studies**, v. 15, n. 5, p. 597-626, 2013.

MONTE MÓR, W. Leitura, literatura, letramento crítico em García Márquez. *In: SEDYCIAS, J. (org.). A América Hispânica no imaginário literário brasileiro.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p. 219-234.

MONTE MÓR, W. The development of agency in a new literacies proposal for teacher education in Brazil. *In: JUNQUEIRA, E. S.; BUZATO, M. E. K. (org.). New literacies, new agencies? A Brazilian perspective on mindsets, digital practices and tools for social action in and out of school.* New York: Peter Lang Publishers, 2013. p. 126-146.

MONTE MÓR, W. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. *In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; MONTE MÓR, W. (org.). Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês.* Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 315-335.

O'CONNOR, M. C.; MICHAELS, S. Shifting participant frameworks: orchestrating thinking practices in group discussion. *In: HICKS, D. (ed.). Discourse, learning, and schooling.* New York: CUP, 1996. p. 63-103. Disponível em: <https://bit.ly/3wx4q62>. Acesso em: 24 set. 2019.

PENNYCOOK, A. **Global Englishes and transcultural flows.** Oxon: Routledge, 2007.

PINTO, J. P. Conexões históricas entre performatividade, corpo e identidades. **D.E.L.T.A.**, v. 23, n. 01, p. 01-26, 2007.

POULISSE, N. Some words in defense of the psycholinguistic approach: a response to Firth and Wagner. **MLJ**, v. 81, n. 3, p. 324-328, 1997.

RAJAGOPALAN, K. Competência transcultural e novos letramentos: a necessidade incontornável do pensamento crítico. **Revista da ANPOLL**, Letramento e Transdisciplinaridade, Florianópolis, v. 1, n. 49, p. 119-127, 2019.

RAMPTON, B. Second language research in late modernity: a response to Firth and Wagner. **MLJ**, v. 81, n. 3, p. 329-333, 1997.

RAMPTON, B. Interactional Sociolinguistics. **Working Papers in Urban Language and Literacies**, n. 205, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3rVZLai>. Acesso em: 10 set. 2017.

RAMPTON, B.; ELEY, L. Goffman and the everyday interactional grounding of surveillance. **Working Papers in Urban Language and Literacies**, n. 246, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2OtzXog>. Acesso em: 01 nov. 2018.

RAMPTON, B.; ROBERTS, C.; LEUNG, C.; HARRIS, R. Methodology in the analysis of classroom discourse. **Applied Linguistics**, v. 23, n. 3, p. 373-392, 2002.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso.** Porto Alegre: Editora AGE, 1998.

ROTTAVA, L.; DA SILVA, A. M. A interação em ambiente eletrônico no ensino de português língua estrangeira adicional: a otimização da aprendizagem de iniciantes. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 159-188, 2012.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Tradução Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago. (org.). **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1/2, p. 9-73, 2003 [1974].

SCHEGLOFF, E. A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in discourse. **American Journal of Sociology**, v. 98, p. 1295-1345, 1992.

SCHEGLOFF, E. A. Turn organization: one intersection of grammar and interaction. *In*: OCHS, E. A.; SCHEGLOFF, E.; THOMPSON, S. A. (ed.). **Interaction and grammar**. Cambridge: CUP, 1996. p. 52-133.

SCHEGLOFF, E. A. Whose text? Whose context? **Discourse & Society**, v. 8, n. 2, 165-187, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/3cR6opX>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SCHEGLOFF, E. A. Discourse, pragmatics, conversation, analysis. **Discourse Studies**, v. 1, n. 4, 405-435, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/3mmaPMI>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SCHEGLOFF, E. A. Accounts of conduct in interaction: interruption, overlap, and turntaking. *In*: TURNER, J. H. (org.). **Handbook of sociological theory**. New York: Kluwer Academic/Plenum, 2002. p. 287-321. Disponível em: <https://bit.ly/31RcrEJ>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SCHEGLOFF, E. A. On possibles. **Discourse Studies**, v. 8, p. 141-156, 2006.

SCHEGLOFF, E. A. A tutorial on membership categorization. **Journal of Pragmatics**, v. 39, n. 3, p. 462-482, 2007a.

SCHEGLOFF, E. A. **Sequence organization in interaction: a primer in conversation analysis I**. Cambridge: CUP, 2007b.

SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language**, v. 53, n. 2, p. 361-382, 1977.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Línguas Adicionais (Espanhol e Inglês). *In*: Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. (org.). **Referências Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagem, códigos e suas tecnologias**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009, v. 1, p. 127-172.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M.; SCARAMUCCI, M. V. R. O papel da interação na pesquisa sobre aquisição e uso de língua estrangeira: implicações para o ensino e para a avaliação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 345-378, 2004.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, p. 193-229, 2003.

SINCLAIR, J. M.; COULTHARD, M. **Towards an analysis of discourse: The English used by teachers and pupils**. Oxford: Oxford University Press - OUP, 1975.

STEFFENSEN, S. V. Distributed language and dialogism: notes on non-locality, sensemaking and interactivity. **Language Sciences**, v. 50, p. 105-119, 2015.

VARIS, P. Digital ethnography. **Tilburg Papers in Cultural Studies**, n. 104, 2014.
Disponível em: https://pure.uvt.nl/ws/portalfiles/portal/30479758/TPCS_104_Varis.pdf.
Acesso em: 20 nov. 2019.

VITANOVA, G.; MILLER, E. R.; GAO, X.; DETERS, P. Introduction. *In*: DETERS, P.; GAO, X.; MILLER, E. R.; VITANOVA, G. (ed.). **Theorizing and analyzing agency in second language learning: interdisciplinary approaches**. Bristol: Multilingual Matters, 2015. p. 01-13.

WAGNER, J. The classroom and beyond. **MLJ**, v. 88, n. 4, special issue/Winter, p. 612-616, 2004.

WONG, J. Delayed next turn repair initiation in native/nonnative speaker English conversation. **Applied Linguistics**, v. 21, n. 2, p. 274-297, 2000a.

WONG, J. The token 'yeah' in nonnative speaker English conversation. **Research on Language and Social Interaction**, v. 33, p. 39-67, 2000b.

WORTHAM, S. Socialization beyond the speech event. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 15, n. 1, p. 95-112, 2005.

WORTHAM, S. The objectification of identity across events. **Linguistics and Education**, v. 19, p. 294-311, 2008.

YOUNG, R. F.; MILLER, E. R. Learning as changing participation: discourse roles in ESL writing conferences. **MLJ**, v. 88, n. 4, p. 519-535, 2004.

Glossário

Abordagem de escalas-em-ação – abordagem sobre a ordenação de recursos indiciais i/materiais na construção de sentidos-em-interação. Relaciona-se à natureza (e.g. retro e prospectiva) e ao valor orientacional (e.g. menor/maior convergência) dos recursos acionados para a configuração das decisões performáticas.

Agentividades-em-interação – tomadas de posição (posicionamentos) dos sujeitos em interações comunicativas (ver Decisões performáticas). São mediadas por alinhamentos-em-interação dos participantes, os quais acionam recursos indiciais locais e translocais e implicam efeitos na construção das identidades-em-interação dos participantes na e para além de escalas locais na ação-social-em-interação.

Condutas-em-interação – movimentos de agentividades- e de identidades-em-interação como “efeitos sociais reais e concretos de interações situadas” (BLOMMAERT, 2018b) em referência às tomadas de posição.

Decisões performáticas – tomadas de posição realizadas em performances situadas (*reasoning deployment* em BAUMAN; BRIGGS, 1990) resultantes de interpretações de performatividades, estas como o sentido abstrato da realização de ações (*action-making reasoning* em BAUMAN; BRIGGS, 1990).

Enquadre (*frame* em BATESON, 1998) – conjunto de regras metalinguísticas e metacognitivas que delimitam compreensões (sentidos) do que é dito (e feito) pelos interagentes.

Escalas (contextos de sentidos) – “conexões indiciais construídas interacionalmente entre características discursivas reais e partes relevantes de conhecimento sociocultural” (BLOMMAERT; SMITS; YACOUBI, 2018). **Escalas locais:** conjuntos de regras (metalinguísticas e metacognitivas) acionadas no espaçotempo da ação interacional. **Escalas translocais:** conjuntos de regras (metalinguísticas e metacognitivas) para além do espaçotempo da ação interacional.

Identidades-em-interação – “efeitos sociais reais e concretos de interações situadas” (BLOMMAERT, 2018b). Considera o julgamento de potenciais identidades “representadas e interpeladas” (HALL, 2006 [1992]) na ação-social-em-interação.

Natureza multidimensional – relaciona-se à potencialidade de julgamentos na indicação de decisões performáticas associadas a vários enquadres que compõem a comunicação interacional na ação-social-em-interação.

Natureza multienquadrada – conforma diversos conjuntos de regras metalinguísticas e metacognitivas que delimitam os sentidos ditos e os feitos por participantes-em-interação.

Policentricidade – refere-se a “múltiplos conjuntos de normas presentes simultaneamente, embora não sejam da mesma ordem – são escalonados, estratificados” (BLOMMAERT,

2018a). **Orientação policêntrica** – “não [dirigida] a um conjunto ‘central’ de diacríticos de indicação, mas a múltiplos centros, os quais estão dispersos em diferentes escalas [...] com centros de orientação normativa ‘ordenados’ de diferentes formas” (BLOMMAERT; WESTINEN; LEPPÄNEN, 2015).

Potencialidade – possibilidade de condutas-em-interação conforme normatividades e moralidades orientadas retrospectiva e prospectivamente.

Simultaneidade multiescalar – observada em alinhamentos orientados simultaneamente a escalas locais e/ou translocais. Implica a análise de alinhamentos-em-interação de maneira inseparável e interconectada às escalas distintas para as quais os participantes se orientam no trabalho de construção das agentividades – e das identidades-em-interação nas decisões performáticas.

Sobre o autor

Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR) com experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase em ensino/aprendizagem de línguas, leitura e interação face-a-face. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/Araraquara. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará e Graduado em Letras (Licenciatura -Português e Inglês) pela mesma instituição.

| Apêndice – convenções de transcrição

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade
↑	(seta para cima)	mais agudo
palav-	(hífen)	marca de corte abrupto
pala::vra	(dois pontos)	prolongamento do som (maior duração)
<u>palavra</u>	(sublinhado)	sílaba ou palavra enfatizada
PALAVRA	(maiúsculas)	intensidade maior (“volume” alto)
°palavra°	(sinais de graus)	intensidade menor (“volume” baixo)
>palavra<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
hh	(série de h’s)	aspiração ou riso
.h	(h’s precedidos de ponto)	inspiração audível
=	(sinais de igual)	elocuições contíguas, sem intervalo
[]	(colchetes)	início e fim de falas simultâneas/sobrepostas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa de até 2/10 de segundo
()	(parênteses vazios)	fala que não pode ser transcrita
(palavra)	(segmento de fala entre parênteses)	transcrição duvidosa
((olha para baixo))	((parênteses duplos))	descrição de atividade não-vocal
{palavra}	{segmento de fala entre colchetes}	tradução para o português
[...]	[reticências entre colchetes]	fala que não se relaciona ao tópico em análise ou inaudível
↓↓	setas para baixo no final ou no início de linha	continuação de falas do excerto em páginas sequenciais

Publique seu e-book com a gente!

Letraria 



“A abordagem de escalas-em-interação combina a questão sobre escalas – um conceito notoriamente abstrato e difícil de demonstrar no comportamento real – com uma teoria da ação, convertida em uma heurística empírica de conduta situada.”

(Jan Blommaert, Universidade de Tilburg, Holanda - in memoriam)

“Com foco nas micro-resistências dos alunos, para chegar nelas, por meio de uma microetnografia em sala de aula e passando pela teoria multiescalar, a análise aqui apresentada vai além, em termos de estudos em Análise do Discurso, ao trazer a multimodalidade e, com isso, ressaltar que não só a linguagem verbal é importante, mas todo o resto dos recursos multimodais que chamam a atenção e apontam para o caráter estratégico das micro-resistências.”

(Lynn Mario de Souza, Universidade de São Paulo)

“A análise aqui apresentada mostra a subjetividade de todos os envolvidos nas negociações em sala de aula. Destaco a aproximação entre Ensino Superior e Educação Básica por meio da pesquisa, o que tornou possível estreitar relações, promovendo o diálogo e a interação.”

(Maria Lúcia Brito, Colégio de Aplicação, Universidade Federal de Roraima)